



Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural
Espírita de Porto Alegre







Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Salomão J. Benchaya



ISBN 85-7697-030-9

1ª Edição 500 Exemplares.

© 2006, Salomão Benchaya.

Todos os direitos reservados ao CCEPA. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por qualquer meio, sem autorização prévia da editora e/ou do autor por escrito. O Código Penal Brasileiro determina no Artigo 184 pena e sanções a infratores por violação de direitos autorais.

Coordenação Editorial: Karla Viviane

Revisão: Néventon Rodrigues Vargas

Capa: Maurice Herbert Jones

Diagramação: Imprensa Livre

Pedidos

Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Rua Botafogo,678 - Porto Alegre/RS - CEP:90150-050

Fone: 0xx51-3231.6295

E-mail:ccepa@terra.com.br

Editora

Imprensa Livre

Rua Comandaí, 801 - Porto Alegre/RS - CEP 90830-530

Fones: 0xx51-32497146 e 0xx51-32424931

Site: www.imprensalive.net

E-mail: imprensalive@imprensalive.net

B457r

Benchaya, Salomão J.

Da Religião Espírita ao Laicismo / Salomão

J. Benchaya. - Porto Alegre : Imprensa Livre, 2006.

168 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 85-7697-030-9

1. Religião. 2. Espiritismo. 3. Espiritismo : Brasil : História. 4. Centro cultural : Porto Alegre. I Título.

CDU 133.9

Catálogo na publicação: Evelin Stahlhoefer Cotta - CRB 10/1563

Índice



- 1 - Prefácio - Uma história inconclusa,7
- 2 - Introdução,9
- 3 - O CCEPA e o movimento espírita,13
- 4 - Uma panorâmica histórica,17
- 5 - Presença na FERGS,37
- 6 - Projeto Kardequizar,41
- 7 - O Estudo Sistematizado,47
- 8 - O Estudo Problematizador,51
- 9 - A questão religiosa,55
- 10 - A mudança para Centro Cultural,63
- 11 - O grupo de Santos,67
- 12 - Intercâmbio cultural,73
- 13 - O jornal OPINIÃO e os livros,83
- 14 - A CEPA no Brasil,87
- 15 - O CCEPA na CEPA,95
- 16 - O Congresso da CEPA em Porto Alegre,101
- 17 - O Laicismo,113
- 18 - O CCEPA hoje,117
- 19 - Os presidentes do CCEPA,125
- 20 - Joaquim Cacique de Barros,133
- 21 - Perspectivas futuras,139
- 22 - Anexo 1 - O Espiritismo é uma religião?,143
- 23 - Anexo 2 - Projeto Kardequizar,149
- 24 - Anexo 3 - Produção cultural de integrantes do CCEPA,153
- 25 - Anexo 4 - Homenagem,155
- 26 - Anexo 5 - Organograma,157

Fontes de Consulta:

- Livros de Atas
- Relatórios Administrativos
- Documentação histórica
- Jornal OPINIÃO
- Depoimentos de associados
- Texto do historiador Mauro Quintella
- Anais do VI SBPE



Salomão J. Benchaya

Prefácio

Uma história inconclusa

Alguém um dia teria que fazer isso. Bom que seja feito agora, enquanto os personagens dessa história ainda estão por aí, lúcidos e ativos. Aliás, eles continuam se movimentando no mesmo cenário. Irrequietos, insistem, de tempos em tempos, em incursionar por panoramas mais amplos. Não resistem ao impulso de compartilhar experiências e de submeter à apreciação do movimento espírita aquilo que planejam, criam e vivenciam no laboratório de idéias em que se transformou a antiga Sociedade Espírita Luz e Caridade, hoje Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Salomão resolveu contar um pouco dessa história, agora que o CCEPA comemora 70 anos de vida.

Poderá dizer-se que para uma obra de registro histórico, como pretende ser este livro de Salomão Jacob Benchaya, ainda falta a necessária perspectiva só trazida pelo decurso do tempo. Setenta anos é pouco. E se considerarmos que os relatos mais marcantes aqui contidos abrangem um período de pouco mais de três décadas, temos de convir que falta, realmente, aquela angulação histórica capaz de gerar um exame isento dos fatos e uma análise definitiva de seus resultados.

Acontece que os fatos, quando não devidamente registrados, se perdem no tempo. Aqui, o narrador é, ao mesmo tempo, personagem. Integra o pequeno grupo de homens e mulheres que, a partir daquele núcleo espírita do bairro Menino Deus, de Porto Alegre, ciclicamente, alçam vãos portadores de sementes de renovação e semeiam idéias por onde lhes permitam pousar. A dupla condição de narrador e personagem não isenta o autor da paixão, mas nunca o faz sectário. Salomão tem um espírito conciliador. Dentro e fora do CCEPA, tem pautado seu trabalho pela proposta de alteridade no movimento espírita.

Alteridade é uma palavra ainda pouco usada em nosso meio. Sua prática é muito menor ainda. De uma certa forma, a idéia se contrapõe àquilo que as religiões, e entre elas também a "religião" espírita, elegeram historicamente como seu material de trabalho: a verdade. Quem supõe deter a verdade e estar predestinado a difundir-la dificilmente há de assumir posturas alteritárias. E, quando ousa fazê-lo, complica-se perante as estruturas a que está vinculado. No núcleo espírita cuja história é aqui registrada, um outro personagem muito citado pelo autor, Maurice Herbert Jones, cunhou uma frase que se tornou lema da instituição: "Sabemos pouco, não temos certezas definitivas, mas ousamos buscar".

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Talvez nasça justamente daí, da postura humilde que adotou, a importância histórica da pequena casa da Rua Botafogo, na capital gaúcha. Ali só uma coisa é definitiva: a busca. Na obstinada ousadia da busca, o CCEPA tem optado por manter-se pequeno. A maioria das pessoas que aderiram aos postulados básicos espíritas prefere ancorar-se em certezas definitivas. Uma instituição que confessa não detê-la e que, em vez disso, convida e estimula a essa busca não está fadada a atrair multidões. A gente do CCEPA sabe disso e com isso se acostumou.

A opção pela qualidade, mesmo em detrimento da quantidade, tem feito com que desavisados tachem o Centro Cultural Espírita de Porto Alegre de elitista ou de um agrupamento de intelectuais. Nada mais falso se considerarmos que toda a história da SELC/CCEPA tem se direcionado a uma proposta de unidade a partir da essencialidade espírita. Quando, ali, foram lançados os primeiros lineamentos do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, projeto, mais tarde, desenvolvido, aprimorado e oficialmente lançado por todo o movimento espírita brasileiro, a preocupação já era a mesma de hoje: unir através do laço do conhecimento espírita. Isso só se obtém pelo estudo, pela reflexão conjunta, pelo debate franco de idéias e pela dessacralização da proposta espírita. Quando, mais tarde, ali, naquele mesmo núcleo, se começou a aprofundar a tese da identidade espírita, o que, forçosamente, leva ao difícil questionamento religião/não-religião, se estava, igualmente, buscando parâmetros dentro dos quais pudessem conviver distintos segmentos do heterogêneo universo espírita. O respeito às especificidades culturais e geográficas, mantendo-se íntegro e fortalecido o laço inspirado pelos princípios fundamentais da doutrina, estaria, assim, preservado, tal qual recomendou Kardec.

Nem sempre esse esforço da SELC/CCEPA e de alguns de seus líderes que se alçaram a postos importantes no movimento espírita foi compreendido. Na sua história mais recente, a integração do CCEPA à Confederação Espírita Pan-Americana – CEPA - e a parceria com outros núcleos internacionais de idênticos propósitos, tem permitido um trabalho conjunto, em círculo, é verdade, ainda bastante restrito, mas sempre aberto ao intercâmbio, ao diálogo e à integração.

Alguém teria que deixar consignada em livro essa história que está em pleno andamento e cujo desfecho, se desfecho houver, ainda não se pode vislumbrar. Ótimo que Salomão tenha se proposto a isso. Misturando paixão e isenção, associando a condição de narrador e personagem, vai legar a gerações futuras o registro de uma história inconclusa que poderá continuar a ser vivida e narrada. Desde que haja ousadia.

Milton R. Medran Moreira

*Diretor de Comunicação Social do
Centro Cultural Espírita de Porto Alegre – CCEPA.
Presidente da Confederação Espírita Pan-Americana – CEPA.*



Salomão J. Benchaya

Introdução

A história recente do CCEPA - Centro Cultural Espírita de Porto Alegre vincula-se a um movimento de resgate do pensamento de Allan Kardec e de reação ao igrejismo que se institucionalizou no movimento espírita brasileiro. Desde 1968, quando o casal Maurice e Elba Jones aportou à então Sociedade Espírita Luz e Caridade (SELC), a Casa assumiu características marcadamente voltadas para o conhecimento e para a filosofia espíritas, numa profunda identificação com o pensamento kardequiano.

Marcante é a presença dessa Instituição no cenário espírita. Sua influência no movimento espírita brasileiro e, quiçá, no movimento espírita mundial é destacada nesta obra. Tal é essa influência que se torna possível afirmar que os capítulos que se seguem retratam, não só a trajetória de uma sociedade espírita, mas enfocam algumas décadas do movimento espírita brasileiro sob uma perspectiva histórica praticamente desconhecida.

É inevitável a narrativa de acontecimentos marcantes desse período histórico, que coincidem com a presença de dirigentes da SELC na coordenação do movimento espírita gaúcho, por mais de uma década, à frente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul.

Talvez, a maior contribuição oferecida pela SELC ao Espiritismo tenha sido a formulação do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), experiência levada para a FERGS em 1978 e encampada pela FEB em 1983, que mundializou a proposta gaúcha. Esse detalhe é desconhecido para a maioria dos espíritas.

Não é difícil perceber no movimento universitário espírita (MUE), ocorrido na década de 60, na espiritização, surgida com Jaci Regis, em Santos, em 1978, no Projeto: Kardequizar, lançado pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul, em 1986, uma revitalização dos ideais defendidos, no início do século XX, por Afonso Ângeli Torterolli e seus seguidores, na defesa de um espiritismo não-religioso, tal como propusera o seu fundador/codificador Allan Kardec.

Essas iniciativas, além de outras valiosas contribuições individuais, constituíram as bases ideológicas sobre as quais se desenvolveram as profundas transformações por que passou a Sociedade Espírita Luz e Caridade, ao longo das três últimas décadas, acentuadas com sua mudança para Centro Cultural Espírita de Porto Alegre - CCEPA, em 20 de setembro de 1991.

A partir desse momento, acentuam-se as mudanças nos

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

posicionamentos da instituição diante do Espiritismo e do movimento espírita, apoiadas pelo seu patrono espiritual Joaquim Cacique de Barros, que, em mensagem ditada, em 05 de abril de 1986, pela médium Elba Jones, afirmava: “É nosso desejo criar aqui nesta Casa, que é nossa, uma mentalidade nova. Formar, senão muitos, mas um punhado de irmãos capazes de difundir uma doutrina restaurada às suas bases, mas também solidamente apoiada nos avanços que a ciência e a tecnologia vêm de nos oferecer: um espiritismo emancipado de místicos e milagreiros, ainda mercadores de indulgências, que elegeram um Jesus quase sempre triste com os nossos pecados, passivo e estático, que eles adoram sem compreender a dinâmica de seu Evangelho libertador”.

Em mensagem alusiva aos 65 anos de fundação da Casa, Maurice Herbert Jones dizia: “Era preciso prestigiar o conhecimento em todas as suas formas, marchar com o progresso e atualizar-se permanentemente aos paradigmas novos conquistados pela insaciável busca de saber e liberdade características do Homem. Esta visão utópica, porém, tem balizado nossa marcha, é nossa bandeira e por ela estamos pagando o duro preço da incompreensão, do “apartheid”. Rejuvenescer não é fácil, mas os esforços realizados nesta busca, um certo frescor juvenil, transformaram esta pequena e jovem instituição num marco referencial com importante influência no Espiritismo gaúcho e brasileiro.”

A idéia de escrever um livro sobre o CCEPA¹ surgiu no final de 2004, em uma reunião da Oficina de Colaboradores, ocasião em que comentávamos a aproximação do septuagésimo aniversário de fundação, a ser comemorado em 23 de abril de 2006.

Dizia eu² ser mais do que justo registrar um pouco da história e da experiência de uma instituição que, sem modéstia, tem oferecido uma expressiva contribuição, embora nem sempre compreendida, ao movimento espírita. E as comemorações de seus 70 anos de existência seriam uma excelente ocasião para isso. Afinal, a história do CCEPA, particularmente no período aqui focado, interage, de maneira marcante, com a história do movimento espírita.

Outro motivo é que, sendo o CCEPA uma instituição não mais integrante do chamado sistema federativo e unificado, modelo sob o qual se organiza o Espiritismo no Brasil, paira sobre a mesma um conveniente silêncio oficial e, o que é mais grave, é alvo de acusações da parte de importantes organizações e personalidades espíritas, inclusive de não ser uma instituição espírita.

Ademais, o Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, desde a década de 70, é referência como sociedade de feição mais filosófica, voltada para a valorização do conhecimento espírita, condição que lhe acarretou

¹ Na verdade, esta é uma obra, em grande parte, de compilação. O leitor atento certamente descobrirá, em diversas passagens, exceto algumas cuja fonte está identificada, trechos transcritos do noticiário ou do Editorial do jornal OPINIÃO.

² Para não tornar a leitura cansativa, o autor refere-se a si mesmo, ora na primeira, ora na terceira pessoa.



Salomão J. Benchaya

a fama de “sociedade de intelectuais”, de “elitistas sem a prática da caridade”. Aliás, os dirigentes do CCEPA costumamos dizer que as pessoas o imaginam maior do que ele realmente é. Sim, porque a instituição é de pequeno porte, tem poucos colaboradores e reduzido quadro social, mas hoje é conhecida nacional e internacionalmente.

É, todavia, diferente da maioria dos centros espíritas, como o leitor perceberá através da leitura desta obra em que tento registrar os principais acontecimentos de sua história, mas, sobretudo, onde destaco as experiências desenvolvidas no curso das últimas décadas, retratando sua trajetória desde as primeiras fases de instituição espírita de feição religiosa, passando por sucessivas transformações para chegar ao estágio de centro cultural espírita, de caráter laico. Tais relatos evidenciam, segundo expressões de Maurice H. Jones, as características marcantes da instituição: a inquietação e a inovação.

Preciso dizer, desde logo, que o fato de sermos diferentes não significa que sejamos melhores ou piores. Apenas diferentes. Essas diferenças não deveriam se constituir em motivo para discriminação ou exclusão. Antes, estímulo ao diálogo construtivo e ao aprendizado fraterno entre as diversas vertentes do Espiritismo. As críticas que forçosamente repontarão em minhas observações cingem-se às idéias e comportamentos pessoais ou institucionais resultantes de divergências interpretativas acerca da natureza e da prática do Espiritismo e que não atingem o respeito e a admiração que tenho – como também tem o CCEPA - para com os companheiros e instituições que compõem o nosso movimento.



Da Religião Espírita ao Laicismo
A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre





O CCEPA e o movimento espírita

Já nos primórdios de sua história em terras brasileiras, encontramos o Espiritismo influenciado pelos cultos africanos e pelas práticas do magnetismo e da homeopatia que aqui o antecederam. Nos primeiros embates ideológicos entre místicos e científicos, kardecistas e espíritas puros, grupos aos quais se filiavam os espíritas do final do século XIX, identificamos a origem das duas principais vertentes do movimento espírita dos nossos dias – a religiosa e a laica. É sabido que, após a ação pacificadora de Bezerra de Menezes, kardecista e místico, passou a ser predominantemente evangélica a feição do Espiritismo no Brasil, reforçada pelo roustinguismo divulgado pela Federação Espírita Brasileira.

Assim, passa o Espiritismo a assumir caráter nitidamente religioso e, de Doutrina inicialmente acolhida e estudada com simpatia por intelectuais, transforma-se, por opção dos dirigentes da época, em movimento místico-assistencialista, voltado prioritariamente para as camadas carentes da população.

A cultura espírita é desprezada. Para tanto, contribuem destacados mentores desencarnados, apregoando a supremacia do sentimento, preocupados com a expansão do racionalismo. O conhecimento é considerado perigoso por estimular a elitização e a vaidade. Translada-se o dogmatismo da Igreja para o Espiritismo, imprimindo a este características de uma nova religião evangélica atraindo multidões ávidas de consolo e de cura para os seus males.

Nesse clima, dissemina-se uma anti-cultura adubada pelo slogan da reforma íntima, esta embasada na caridade salvacionista. Nos Centros convivem dois públicos - os trabalhadores e os assistidos ou necessitados - onde não há espaço para a investigação e para o questionamento propostos pelo Codificador.

As casas espíritas assumem a feição de templos, casas de oração, onde filas de pedintes aguardam vez para a consulta aos espíritos, para tomar passes ou para receber a sacola com gêneros e roupas. Não que sejamos contra o desenvolvimento dessas atividades. Deploramos que elas sejam realizadas em detrimento do que seria prioritário - a pesquisa e a divulgação do conhecimento espírita.

Em tal ambiente não subsiste o espírito crítico e observador característico dos primeiros tempos da investigação espírita. Nada mais se acrescenta ao acervo kardequiano, exceto através da revelação mediúnica. O dinamismo e a progressividade da Doutrina Espírita são desconsiderados por uma falsa modéstia. Apenas os espíritos são ouvidos e suas informações

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

não são filtradas pela razão. Alguns médiuns, figuras extraordinárias, é certo, são eleitos porta-vozes celestes e passam a formatar o pensamento espírita, sem sofrer o menor questionamento.

As instituições federativas, com raras exceções, são antigas sociedades que se auto-proclamaram federações ou uniões e assumiram a direção do movimento. A chamada unificação tornou-se sinônimo de padronização e conformidade com o pensamento dominante. Em seu nome, aboliu-se a discussão por ser causadora de desunião e desarmonia, na verdade, para calar as vozes opostas ao discurso dominante. Temas polêmicos são rejeitados por “trazerem a cizânia e comprometerem a fraternidade”. Os que pensam diferente e se atrevem a expor e defender suas idéias, e mesmo as ignoradas assertivas de Kardec, são vistos como desagregadores, obsidiados, discriminados, excluídos e até caluniados pelos “defensores” da pureza doutrinária.

Diante desse panorama, pergunta-se: Em que rumo segue o espiritismo brasileiro? Ou melhor: Em que se transformou o espiritismo brasileiro?

Felizmente que pensadores e líderes não alinhados a esse modelo doutrinário hegemônico têm surgido para recolocar as coisas nos devidos lugares. Não fossem as figuras proeminentes de um Deolindo Amorim, de um Carlos Imbassahy ou de um José Herculano Pires, o movimento espírita brasileiro estaria ainda mais distanciado do modelo kardequiano. Curiosamente, esses personagens, considerados baluartes da cultura espírita, verdadeiros defensores da obra de Kardec, foram aberta ou veladamente hostilizados pelas lideranças do movimento “oficial”.

É nesse contexto que se desenvolve a recente trajetória da Sociedade Espírita “Luz e Caridade” (SELC), atualmente Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA).

Em 1968, tendo assumido a presidência da Casa, Maurice Herbert Jones e sua esposa Elba Jones iniciam mudanças na SELC imprimindo-lhe um perfil eminentemente kardecista, voltando-se para o estudo metódico do Espiritismo, não sem pagar o ônus do abandono da maior parte de seus trabalhadores e freqüentadores. A partir daí, a SELC passa a ter expressiva participação no movimento federativo estadual, com presença constante nos eventos e realizações da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS).

Em 1974, Jones já integra o Conselho Executivo da FERGS, assume a presidência em 1978, enquanto Benchaya dirige a área doutrinária. Em julho/78, é lançada a Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita tendo por laboratório a experiência desenvolvida na SELC.

Através do jornal Espiritismo e Unificação e do seu sucessor - o Abertura -, o chamado “grupo de Santos”, liderado por Jaci Regis, em 1978, propõe a espiritização como uma reação final ao igrejismo, aos desvios confessionais, ao mediunismo desenfreado, ao acriticismo que tem caracterizado nosso movimento espírita brasileiro na busca da melhor identificação da Doutrina. Faz uma releitura da obra kardequiana e recoloca



em discussão a questão de o Espiritismo ser ou não ser uma religião. Jaci Regis inicia, em 1979, o SBPE - Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, único foro de discussão do Espiritismo aberto ao progresso das idéias, ao pluralismo e à produção cultural.

Em 1986, a FERGS lança o Projeto: Kardequizar, sobre o qual falarei adiante, contendo uma análise crítica do movimento espírita, que provoca ampla repercussão e acirradas discussões. Em razão desses debates, relacionados com a chamada "questão religiosa", o grupo da SELC, na eleição seguinte, não mais foi conduzido ao comando federativo, retornando, em 1987, à casa de origem.

Com a criação do seu Departamento Centro Cultural Espírita, em 1988, a mudança definitiva para Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, em 1991, e com a criação do seu Departamento de Eventos Externos, em 1992, a instituição ingressa numa fase de intercâmbio com outras instituições, promovendo eventos culturais, internos e externos, dos quais alguns assumem, paulatinamente, feição reflexiva e questionadora quanto aos rumos do próprio movimento espírita.

A presença da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA) no Brasil, a partir de 1993, na gestão do venezuelano Jon Aizpúrua, em cujo movimento o CCEPA logo se engaja, vai exercer, também, enorme influência nos rumos desta instituição.

Pelo fato de haver pedido filiação à CEPA, a FERGS suspende o CCEPA, em 25 de março de 1995, do seu quadro associativo e o censura, também, por patrocinar, em conjunto com o jornal "Abertura", de Santos, o IV Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, realizado em outubro de 1995, em Porto Alegre.

A organização do XVIII Congresso da CEPA, em Porto Alegre, em outubro de 2000, é outro marco na vida institucional do CCEPA. Nessa ocasião, Milton Rubens Medran Moreira, diretor de Comunicação Social do CCEPA, é eleito presidente daquele organismo pan-americano que traslada sua sede para o Brasil, colocando o CCEPA em contato mais acentuado com o Espiritismo nacional e internacional. Para tanto, concorre decisivamente seu periódico OPINIÃO, enriquecido com o encarte AMÉRICA ESPÍRITA, porta-vozes do CCEPA e da CEPA, respectivamente, ambos editados por Medran Moreira.

A vocação para a mudança e para a inovação, características fundamentais do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, ficam evidenciadas nas páginas que se vão seguir. Suas experiências mais marcantes, algumas de expressiva repercussão no movimento espírita, são também descritas e comentadas neste trabalho.



Da Religião Espírita ao Laicismo
A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre





Uma panorâmica histórica

1. Os primeiros 30 anos



Antiga sede da SELC, na Av. Getúlio Vargas, 489.

A fundação do Centro Espírita Luz e Caridade, denominação inicial da sociedade, ocorreu em 23 de abril de 1936. Não havendo registros relativos aos três primeiros anos de funcionamento da instituição, não se sabe quem teria sido o seu primeiro presidente, se é que houve essa figura. Esta hipótese é sugerida pela existência de uma "Relação de Sócios Fundadores", datada de 03 de junho de 1954, na qual nenhum dos seguintes nomes é assinalado como presidente: Argemiro Costa, Mário da Silva Porto, Algebran Oscar Armão, Aleixo Lopes dos Santos, Waldemar da Silva, Amarante Trindade, Brasil Amorim Mendes, José Moreira da Silva, Geralda de Quadros, Santa Ávila, Amélia Alves, Estela Alves, Arthur dos Santos, Lubélia Armão, Elcia Nunes de Oliveira e Honorina da Silva.

O primeiro documento formal identificado é a Ata nº 1, de 06 de junho de 1939, que registra a proclamação e posse da primeira diretoria, ocorrida em sua sede, à Rua Botafogo, 940 - fundos, no bairro Menino Deus, de Porto Alegre, sendo seu presidente Gonçalo Guimarães.



Sede do CCEPA, na Rua Botafogo, 678 - antes da reforma de 2000.

Em 1941, o Centro muda-se para a Av. Getúlio Vargas, 833, aí permanecendo até 1951. Nesse período, o Centro é presidido por Isnard S. de Barcelos (1941/45 e 1949/51) Vigo T. Collin (1945/46), Joaquim Oliveira Brás (1947/48), Carlos Rieboldt (1951). De 1951 a 1968, passa a funcionar no número 489 da mesma avenida. Os presidentes, nesse período, são Joaquim Silvano de Aguiar Lopes

(1952/53), Osíris Souto (1954/56), Mário Jardim (1957/58) e José Valejos Abreu (1958/68). A sede própria, (FOTO 2) da Rua Botafogo, 678, é

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

inaugurada em 23 de abril de 1964, erguida graças ao esforço e ao dinamismo de José Valejos Abreu. É no final da administração de Joaquim Silvano de A. Lopes que ocorre a mudança de denominação para Sociedade Espírita Luz e Caridade – SELC que permanece até 20 de setembro de 1991.

Nos seus primeiros trinta anos de existência, a SELC desenvolveu as atividades típicas das casas espíritas tradicionais: sessões públicas, de passes, receituário, de desenvolvimento mediúnico, de desobsessão, de confraternização dos colaboradores, de consultas e orientação espiritual, aula dominical da infância e juventude, farmácia homeopática. Desde cedo, passou a integrar os quadros da Federação Espírita do Rio Grande do Sul de cujas programações sempre participou intensamente.

Em 1966, chega à SELC o casal Maurice e Elba Jones e, já em 1967, Jones assume a secretaria. A presença desse casal vai proporcionar uma radical mudança de rumos à Instituição.



Casal Maurice e Elba Jones.

2. A primeira gestão Jones (1968/75)

Em 22 de outubro de 1968, Maurice Herbert Jones assume a presidência, sucedendo a José Valejos Abreu. Esse momento constitui-se no divisor histórico que marca o início de uma nova fase da vida institucional. Uma reforma estatutária é feita em 07 de outubro 1969. Jones imprime nova dinâmica aos trabalhos na busca de maior identificação com o espiritismo kardecista, do que resulta o afastamento de grande parte dos colaboradores, habituados a práticas de sincretismo religioso. Em contrapartida, novos trabalhadores aproximam-se e, em 1970, já se observa a ampliação do trabalho de Assistência Espiritual com a criação de novos grupos de desobsessão e de passes. Por essa época, procedente do Interior, ingressa na casa a família Vilhordo. Em 1972, a médium Ieda Alderette Vilhordo assume a vice-presidência. Seu esposo Ismar Duarte Vilhordo é o Secretário e seu filho Ismar Alderette Vilhordo é o 2º Tesoureiro. Essa família desempenha importante papel na instituição, até 1975, quando o casal se transfere para outra cidade. Intensifica-se a participação da Casa na vida federativa. A SELC é membro do Conselho Federativo Estadual da FERGS e faz-se presente em cursos, encontros e reuniões da área unificacionista. Revela-se o orientador espiritual da SELC – o sacerdote católico Joaquim Cacique de Barros, sobre o qual falarei adiante.

O ano de 1971 registra eventos significativos: a SELC é declarada de Utilidade Pública e obtém Registro no Conselho Nacional de Serviço Social. Em 22 de maio de 1971, instala-se a Juventude Espírita. Em agosto, iniciam-se as atividades da Livraria e, em 09 de outubro de 1971, instala-



se a Caravana do Evangelho ou Caravana de Visitação aos Lares. Esta última atividade começou com 8 caravaneiros visitando 15 lares. Em 28 de fevereiro de 1973, havia 100 lares inscritos; em 28 de fevereiro de 1974, 160 lares - "a cada sábado, cerca de 600 pessoas ouvem a voz do Evangelho" dizia Jones em seu Relatório anual. Em 1978, era atingida a marca de 200 lares visitados. Aureci Figueiredo Martins, advogado nascido em São Gabriel, era o Diretor das Caravanas, além de ter sido, por vários anos, o tesoureiro da SELC.

Em 08 de outubro de 1972, tem início a "Campanha da Fraternidade Auta de Souza", dirigida por Ulisses Chaves, consistindo em visitas domiciliares para entrega de mensagens mediúnicas e arrecadação de gêneros alimentícios e roupas, inicialmente feitas pela Juventude da SELC. Ulisses Chaves e sua esposa Glaci Chaves, ainda em atividade, são, além do casal Jones e Elba, os trabalhadores mais antigos da Instituição. Em 10 de outubro de 1972, o Departamento de Assistência Material (DAM), coordenado por Elba Jones, instala formalmente o grupo "Obreiras do Senhor", constituído de senhoras que, às terças-feiras, à tarde, se reúne para confeccionar e recuperar peças de vestuário que são distribuídas a famílias carentes. Esse grupo, hoje denominado "Grupo Fraternidade", continua em atividade, sob a liderança de Leda Beier, sendo que as peças recuperadas são destinadas a instituições especializadas.

A freqüência de público às atividades doutrinárias da casa foram, por vários anos, registradas em planilhas estatísticas. Isso nos permite visualizar, em números, o vertiginoso crescimento de suas realizações doutrinárias, até o ano de 1984. Basta mencionar que, no período de 1969 a 1975, o número de reuniões públicas semanais realizadas anualmente pulou de 60 para 260. Após as palestras públicas eram realizadas as sessões de passes e irradiações com magnetização da água conduzida pelos freqüentadores.

O Quadro ao lado revela o incremento na freqüência às reuniões públicas no período de 1969 a 1984:

Ano	Nº de assistentes reuniões públicas
1969	2.500
1971	8.280
1973	13.814
1975	14.860
1976	17.116
1977	17.712
1978	17.855
1979	15.446
1981	19.913
1982	18.497
1984	21.084

A evangelização da infância conta, em 1973, com 148 crianças matriculadas. A Juventude participa ativamente nas tarefas da Casa, inclusive na chamada "Tribuna Jovem" em que a exposição doutrinária da última 6a. feira do mês ficava a cargo dos jovens.

Nesse período, passa a funcionar um Posto Homeopático, sob a responsabilidade de Margarida Nunes Barth. A Biblioteca é assumida por Maria da Conceição Silva Romero e a Juventude por Ismar Alderete Vilhordo.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Com o afastamento para outra cidade do casal Ismar Duarte Vilhordo e Ieda Alderete Vilhordo, assumem, em março de 1975, Salomão Jacob Benchaya como vice-presidente e sua esposa Maria de Fátima Canellas Benchaya como diretora do Departamento de Evangelização. Este casal, procedente do movimento espírita do Pará, onde integrava a Diretoria da União Espírita Paraense, havia chegado ao Rio Grande do Sul em novembro/74, tendo recebido orientação, na FERGS, então presidida por Hélio Burmeister, para procurar a SELC, cujo presidente Maurice Herbert Jones também ocupava a vice-presidência da Federação.

3. A breve gestão Benchaya/Monteiro (1976/78)

Em 1º de março de 1976, encerra-se o mandato de Maurice Herbert Jones que permanece dirigindo o Departamento de Assistência Espiritual. Salomão Benchaya é eleito novo presidente da SELC, tendo o capitão Antônio Alfredo de Souza Monteiro, natural do Ceará, como seu vice-presidente.

Curiosa essa “presença” nortista e nordestina na SELC. Jones, natural de Gravatá-PE; Salomão, de Belém do Pará; Monteiro, do Ceará; José Cesonan de Oliveira Leite, então 1º secretário, também do Ceará; Auda da Silva Sencades que, mais tarde, passaria a integrar a Direção da SELC, de Pernambuco. Finalmente, o mentor espiritual Joaquim Cacique de Barros teve sua última encarnação na Bahia.

Em 1976, com a reforma estatutária da FERGS, foram instituídas as Uniãoes Municipais (UME) e, na Capital, as Uniãoes Distritais Espíritas (UDE). A SELC passou a integrar, então, a UDE-Sul, dela participando ativamente. Logo de início, Maria de Fátima Canellas Benchaya assume a coordenação do Departamento de Evangelização da UDE-Sul. Antonio Monteiro é eleito vice-presidente e, logo depois, assume a presidência daquela União Distrital.

Ocorre que Benchaya, como funcionário do Banco da Amazônia, tendo se submetido a um concurso interno, foi transferido para a cidade de Manaus-AM, em julho/76, assumindo Antonio Monteiro a presidência, interinamente, até março/78 quando é eleito Presidente, tendo Jones como vice-presidente.

A SELC edita, nessa época, um Boletim mimeografado – o SEMEANDO – redigido por integrantes da Juventude. Os jovens também participam da XVIII Confraternização de Juventudes Espíritas do Rio Grande do Sul. São obtidos a isenção do IR-Pessoa Jurídica, em 28.07.76 e o registro na Secretaria do Trabalho e Ação Social do RS, em 10.12.76. É lançada a Campanha de Ampliação da Sede para compra do imóvel situado ao lado da SELC, à Rua Botafogo, 668, concretizada em 1977.

Em janeiro/78, Jones é empossado na presidência da FERGS. Salomão retorna de Manaus, em fevereiro/78, logo assumindo o Departamento de Assistência Espiritual da SELC e o Departamento Doutrinário da FERGS.

Na SELC, os grupos alternam reuniões de estudo com reuniões



Salomão J. Benchaya

mediúnicas a cada semana. Monteiro dá início ao programa CIBEE-Ciclo Básico de Estudos Espíritos como introdução dos freqüentadores nas atividades da Casa. As reuniões de desobsessão que atendiam a um paciente por vez, passam a fazê-lo em grupo. Diferentemente de algumas Casas Espíritas, os pacientes ou seus familiares se fazem presentes à reunião em que se desenvolvem comentários e orientações doutrinárias, enquanto o grupo de médiuns da desobsessão opera em sala separada. Ao final da reunião, os médiuns se encontram com os pacientes, transmitem-lhe passes e, eventualmente, instruções dadas pelos espíritos. Hoje o CCEPA não mais realiza sessões de desobsessão.

Em dezembro/78, o Capitão Monteiro é transferido para Manaus e Jones assume a Presidência. O Boletim SEMEANDO passa a chamar-se SEMEADOR, a tiragem passa de 200 para 500 exemplares sendo distribuído também para outras sociedades. Ainda em 1978, são restauradas salas do imóvel adquirido ao lado da sede para uso dos grupos de estudo. Nas reuniões públicas, antes das palestras, filas de pessoas se formam para solicitar "orientação espiritual", mediante breve entrevista com os médiuns. Ao final da reunião, são realizadas as sessões de passes e irradiações com magnetização da água conduzida pelos freqüentadores que também trazem, escritos em pedaços de papel, os nomes de pessoas encarnadas ou desencarnadas, para serem beneficiadas pelas "irradiações" feitas ao final das reuniões. Na saída, são entregues aos consulentes as mensagens de orientação espiritual obtidas por via mediúnicamente, contendo palavras de orientação e consolo e prescrição de medicamentos homeopáticos, vendidos ou doados, conforme o caso, pela farmácia então existente. Como veremos, essas práticas, à exceção da fluidoterapia, foram, paulatinamente, extintas.

Em 29 de dezembro de 1979, é decidida a compra de terreno no Morro de Santa Tereza, na área atendida pela Caravana de Visitação aos Lares a fim de ali implantar um núcleo avançado da SELC. O quadro social, nesse ano, atinge 245 sócios. Jones encerra seu mandato em 28 de fevereiro de 1980.

4. A gestão Benchaya (1980/83)

Salomão Benchaya, embora tivesse sido eleito presidente em março/76, interrompera o mandato em julho daquele ano, em razão da mudança de residência para Manaus. Em 01 de março de 1980, assume novamente a presidência tendo Ernesto Weber Rossa como vice-presidente.

Em 14 de março de 1980, a reforma dos Estatutos introduz o Conselho Deliberativo, constituído por 9 conselheiros e 5 suplentes, com a função, dentre outras, de eleger o Presidente e o vice. Os demais cargos administrativos, como ainda acontece hoje, são nomeados pelo Presidente. A Casa conta, então, com 272 associados. Do Departamento de Assistência Espiritual é desmembrado o de Estudos Doutrinários. Começa a funcionar o Serviço de Visitação a Enfermos, ainda hoje existente.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Em 06 de março de 1980, é efetivada a compra do terreno com casa de madeira, na rua N.S.do Brasil, 943, morro de Santa Tereza, onde é instalado um posto de trabalho da SELC junto à população tradicionalmente atendida pela Evangelização, pelo Departamento de Assistência Material e pelas Caravanas, criando condições para o aproveitamento de colaboradores e para o surgimento, em 1984, de nova sociedade espírita. Ali se instalam serviço médico, educação infantil espírita e recreação orientada para crianças. A Caravana passa a encerrar suas atividades, aos sábados, nesse núcleo avançado, seguindo-se uma palestra doutrinária.

A SELC se faz presente nas atividades federativas, além de Maurice Jones na presidência da FERGS, por Salomão Benchaya no Departamento Doutrinário da FERGS e da UDE-Sul, por Aureci Figueiredo Martins como Diretor do Departamento de Difusão e Waldemar Rodrigues da Silva como Diretor da Livraria da FERGS. Ernesto Rossa passa a presidir a UDE-Sul em jan/82.

Em 1981, após a elaboração e estudo de uma apostila sobre Passes, a SELC modifica seus procedimentos nessa prática passando a adotar a simples imposição de mãos. Com o aumento de inscrições no CIBEE, formam-se três destes grupos de estudo. Em dez/81, um grupo de cerca de 20 concluintes do CIBEE resolve transferir-se para o Núcleo Fraternidade, no Morro Santa Tereza. Esse grupo reúne-se às 5as feiras à noite, sob a coordenação de Benchaya, buscando, assim, alocar trabalhadores naquele posto avançado da SELC. O Boletim SEMEADOR deixa de circular nesse ano.

Benchaya e Rossa são reeleitos para a gestão 82/83. Em 15 de maio de 1982, João Vanderlan Rodrigues Vieira assume a coordenação do Núcleo Fraternidade, passando a substituir Benchaya no grupo de estudos que ali vinha funcionando. Milton Rubens Medran Moreira, advogado procedente de Dom Pedrito-RS, chega à SELC, acompanhado de sua esposa Silvia, em março/82, logo se integrando nas atividades desta e, em seguida, na FERGS.

Em 11 de maio de 1983, inicia-se a construção da sede, em alvenaria, do Núcleo Fraternidade, concluída um ano após. Em 26 de janeiro de 1984, com a aprovação de seus estatutos, é constituída a nova sociedade com o nome de Núcleo Espírita Fraternidade. Em 08 de março de 1984, nova assembléia elege a 1ª diretoria, presidida por João Vanderlan Vieira.

Essa experiência de criação de novas instituições de forma planejada foi levada ao movimento espírita pela FERGS, através de uma Campanha de Multiplicação de Casas Espíritas.

5. Jones reassume (1984/1987)

Em 1984, Jones reassume a presidência da SELC e Benchaya é empossado como presidente da FERGS. Na FERGS, Benchaya conta, além de Jones como vice-presidente, com outros dirigentes oriundos da SELC: Milton Medran Moreira, como 2º secretário e depois Diretor do



Departamento de Difusão; José Joaquim Fonseca Marchísio, como 1º Tesoureiro e depois vice-presidente; e Auda da Silva Sencades, como Diretora da Livraria e Editora “Francisco Spinelli”. Donarson Floriano Machado é presidente da UDE-Sul e Paulo Armando Oliveira Rocha dirige o Departamento de Infância e Juventude da mesma UDE. Tal nível de envolvimento da SELC no movimento federativo, de certa forma, se reflete negativamente no rendimento das suas atividades internas.

Há uma intensa atividade da Juventude tanto na UDE como na FERGS. A “nata” do movimento espírita jovem porto-alegrense se reúne na SELC. É a fase dos Festivais de Arte promovidos pela FERGS e os nossos jovens brilham com suas músicas e apresentações teatrais. Em 28 de abril de 1984, em razão da autonomia assumida pelo Núcleo Espírita Fraternidade, é suspenso o trabalho da Caravana de Visitação aos Lares que então contava com 30 caravaneiros. Em 01 de setembro de 1984, o Conselho Executivo da SELC oficializa o funcionamento do Serviço de Visitação aos Lares sob a coordenação de Joaquim Marchisio, mais tarde assumida por Antonio Carlos Fraquelli.

Em 30 de agosto de 1984, a SELC recebe a oferta de uma residência, em regime de comodato, na rua Correa Lima, 1899, também no Morro de Santa Tereza, para servir de sede a atividades espíritas, à semelhança do Núcleo Fraternidade. Cria-se o Núcleo Esperança sob a coordenação de Ismar Alderete Vilhordo. Todavia, meses depois, o ofertante decide não mais ceder a casa o que motivou o cancelamento do projeto.

Nesse ano de 1984, o recém criado Coral Canto Fraternal, da SELC, com 25 integrantes, sob a regência de Paulo Armando Oliveira Rocha, realiza 20 apresentações, sendo, todavia, em 1986, desativado em razão da mudança do regente para o Interior do Estado. A Caravana de Natal, atividade que vinha sendo desenvolvida desde 1979, por integrantes de diversas sociedades espíritas, na noite de Natal, como um trabalho de solidariedade junto a pessoas solitárias e sem teto nas ruas de Porto Alegre, foi, em 1984, oficializada pela SELC.

Em dezembro/85 é desativada a Campanha da Fraternidade Auta de Souza. Maurice Jones assim finaliza seu Relatório de 10 de março de 1986: “Seguindo o modelo proposto pelo codificador, a instituição assume, progressivamente, o caráter de um Centro Cultural Espírita, verdadeira escola da vida, sem renunciar às atividades de natureza assistencial, consequência natural do conhecimento espírita”.

Em 1986, a SELC completa 50 anos de fundação. Dentro das comemorações do cinquentenário, é feito o lançamento, em 21 de abril de 1986, do Projeto Kardequizar³, inspirado em idêntica iniciativa da FERGS, que se constitui num marco histórico do processo de transformação pelo qual passou a SELC, de instituição religiosa para a condição de centro cultural espírita de caráter progressista, livre-pensador, laico e humanista. Em 07 de março de 1987, o Conselho Deliberativo aprova

³Detalhes desse acontecimento são apresentados no capítulo “PROJETO KARDEQUIZAR”.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

uma medida corajosa e de grande significado na consolidação desse projeto, suprimindo as atividades de orientação mediúnic e receituário homeopático, substituídas por uma equipe de entrevistadores com a função de orientar e encaminhar os interessados para os diversos serviços que a Sociedade presta. Como se esperava – diz Jones em seu relatório desse ano –, “esta medida provocou algum descontentamento e uma grande redução na procura deste tipo de orientação. Por outro lado, constatou-se notável mudança no perfil do freqüentador da SELC, cada vez mais maduro e reflexivo e, portanto, menos dependente de orientação e recursos terapêuticos externos.” Ano particularmente difícil na área da infância, a SELC enfrenta problemas no recrutamento e manutenção dos coordenadores e queda na freqüência das crianças. Cerca de 15 jovens participam das reuniões da Juventude aos sábados à noite. Ao final de seu mandato, em relatório apresentado em 01 de março de 1988, diz Jones: “Desde os primeiros dias de 1967, quando chegamos a esta casa, temos trabalhado em todos os setores da mesma, buscando fixar, como característica da instituição, uma postura mental aberta, crítica, disposta a aceitar as mudanças que a dinâmica da vida determina. O que já foi conseguido fez da SELC uma das mais importantes instituições espíritas do Estado e, certamente, a mais destacada no plano das idéias, como o demonstra a plêiade de trabalhadores que a mesma tem cedido para a condução do espiritismo estadual nos últimos 14 anos.”

6. Nova gestão Benchaya (1988/1991)

Na eleição ocorrida em 28 de novembro de 1987, na FERGS, sai vencedora, por 23 votos a 11, a chapa composta por Hélio Burmeister e Jason de Camargo, para o biênio 88/89. Milton Medran Moreira e Salomão Benchaya concorriam, respectivamente como candidatos à presidência e vice-presidência, sendo derrotados diante da reação conservadora que eclodiu no movimento espírita gaúcho face à chamada “questão religiosa”. Mesmo após a saída do grupo dirigente da Federação, a SELC continua integrada ao movimento federativo, participando de alguns eventos, até sua suspensão, pela FERGS, em 25 de março de 1995.

Em março/88, Benchaya reassume a direção da SELC para onde também retornam os demais dirigentes que o auxiliavam na administração da FERGS. Donarson Floriano Machado é o vice-presidente nessa gestão.

A SELC participa, com 8 delegados, do I Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, realizado em Santos, de 11 a 13 de agosto de 1989, no qual Milton Moreira apresenta o tema “Qual a influência do Espiritismo nos Centros do Saber?”

A juventude funciona com dois grupos – um de jovens iniciantes aos sábados à tarde e outro, à noite, denominado de Grupo de Produção Cultural Espírita, responsável pela criação e edição do Boletim “Movimento à Consciência” e promoção de seminários voltados para a Juventude. Milton Medran assume a direção do departamento Centro Cultural Espírita.



Em seu Relatório de 1989, Salomão volta a comentar o desinteresse reinante entre os colaboradores e se manifesta favorável a que a instituição seja transformada, efetivamente, num Centro Cultural Espírita e busque adaptar-se, legal e administrativamente, nesse sentido.

Em 1990, Benchaya é reeleito, tendo novamente Donarson Floriano Machado como seu vice-presidente. Nesse ano, a SELC consolida sua feição de Centro Cultural Espírita, com realizações significativas na área da cultura, da divulgação doutrinária, especialmente junto ao grande público, e um modesto esforço na área da pesquisa em transcomunicação.

O CIBEE - Ciclo Básico de Estudos Espíritos passa a ser semestral, compactando-se o programa de estudos. Iniciam-se os Cursos Básicos de Espiritismo, realizados a cada semestre, com expositores convidados. Posteriormente, passam a se denominar Cursos de Iniciação ao Espiritismo, atividade que será comentada mais à frente. Prosseguem as palestras e seminários abertos ao público, alguns realizados no auditório da Escola Estadual Presidente Roosevelt, com participação de 250 a 350 pessoas, em média. O Seminário "Parapsicologia e Paranormalidade" ministrado pela parapsicóloga russa Bárbara Ivanova, que então visitava o Brasil, foi realizado pela SELC, na Assembléia Legislativa do Estado, nos dias 27 e 28 junho de 1990, com cerca de 700 participantes. De 19 a 23 de novembro de 1990, é realizado o Curso de Introdução à Parapsicologia e à Psicobiofísica Contemporâneas, com o prof. Henrique Rodrigues, de Belo Horizonte - MG, para cerca de 550 pessoas, também na Assembléia Legislativa.

Em setembro/90 um grupo de pessoas que já vinha há algum tempo realizando pesquisas em Transcomunicação Instrumental solicitou permissão para usar as dependências da SELC e, com a aquiescência da Diretoria e do Conselho Deliberativo, iniciaram seus experimentos, sob a supervisão do vice-presidente. Alguns meses depois, já funcionavam dois grupos, em noites diferentes, preenchendo uma das finalidades de um Centro Cultural Espírita – o estímulo à pesquisa e à investigação dos fatos espíritos.

7. Donarson e Medran: breve gestão (1991/1993)

Em 20 de setembro 1991, a Assembléia Geral aprova o novo Estatuto que muda a denominação de Sociedade Espírita Luz e Caridade - SELC para Centro Cultural Espírita de Porto Alegre - CCEPA, passando o ano social a ser de janeiro a dezembro. Em 04 de outubro de 1991, Salomão afasta-se da presidência, em razão de compromissos profissionais, assumindo interinamente o vice-presidente Donarson Floriano Machado, até 02 de janeiro de 1992, quando, eleito, este assume a presidência, tendo Milton Medran na vice-presidência.

No ano de 1991, as atividades da instituição sofrem nova redução de freqüência e de colaboradores. Um fato significativo deve ser registrado. Maurice Jones, sentindo que os novos dirigentes da sociedade necessitavam

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

de mais autonomia para dinamizar as atividades da Casa e que pelo fato de, por longo tempo, todas as decisões terem sido centralizadas em sua pessoa, decide afastar-se da SELC, juntamente com Elba Jones, sua esposa, para tristeza de todos. Em sua despedida, Jones manifesta sua convicção de que, sem sua presença, se formaria um ambiente propício ao surgimento e desenvolvimento de novos valores para atuar nas atividades do CCEPA. Esse afastamento formal durou até o ano de 2000, tendo Jones participado, todavia, esporadicamente, de alguns eventos. Infelizmente, a expectativa então alimentada por Maurice Jones não se confirmou. São bem poucos – felizmente detentores de excepcionais qualidades – os novos companheiros que se agregaram à equipe e que ainda permanecem em seus postos.

Em 27 de novembro de 1992, Donarson se licencia da Presidência, por razões de ordem profissional, assumindo interinamente o vice-presidente Milton Medran Moreira que preside o CCEPA até dezembro/93.

Ainda em 1992, instala-se o Departamento de Eventos Externos do CCEPA, sendo Benchaya o seu coordenador. Sob a responsabilidade do novo departamento, realizam-se conferências públicas mensais com expositores convidados. Divaldo Franco ministra seminário no Colégio Rosário, para 1.200 participantes, sobre o tema “O Homem em Busca de sua Consciência”

Em 19 de julho de 1993, é lançado o Projeto EGI – Estudo em Grupos Informais, com o objetivo de fomentar o estudo do espiritismo fora da Casa Espírita e de criar nos meios acadêmicos espaço para as idéias espíritas. A idéia foi levada por Salomão ao III Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, realizado em Santos, nesse ano, apesar de não haver repercutido de forma prática, no Rio Grande do Sul. São realizados três Encontros de Grupos de Estudo (EGE) nos quais são discutidos o papel, as atividades do CCEPA e sua dinamização, sua ideologia – questão religiosa – e Projeto Cultural. Como fruto dos EGE, iniciou-se a experiência com grupos de estudos especializados, integrados por participantes do GESEM-Grupo de Estudos e Educação da Mediunidade, tendo por objetivo a produção da cultura espírita através da problematização e do aprofundamento do conhecimento espírita, interligando-o com as várias áreas do saber. Funcionaram 3 grupos, com cerca de 15 membros. A partir de 2000, Maurice Jones retoma esse modelo que vem sendo adotado até o presente.

Em 19 de julho de 1993, um grupo de jovens apresenta um projeto que formalizou a criação do Grupo de Produção Cultural Espírita, visando à inserção da Doutrina no meio científico e cultural. Referido grupo também ofereceu assessoramento à Direção do CCEPA, durante essa gestão administrativa.

De 3 a 6 de setembro desse ano, uma delegação do CCEPA participa do III SBPE-Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, evento promovido pela LICESPE - Livraria Cultural Espírita Editora, que editava o jornal



“Abertura”, dirigido pelo psicólogo e jornalista Jaci Régis. Nesse evento, Milton e Salomão apresentam trabalho junto com 12 outros expositores e, no encerramento, sugerem ao plenário, com calorosa recepção por parte deste, que o Rio Grande do Sul seja a sede do IV SBPE, em 1995. Dessa forma, o CCEPA assume o compromisso de coordenar a logística dessa promoção cultural, ficando os companheiros de Santos responsáveis pela organização do temário. É nesse Simpósio que temos o primeiro contato com Jon Aizpúrua, então presidente da CEPA, convidado por Jaci Régis para participar do evento.

Em 1993, o Departamento de Infância não mais desenvolve suas atividades por falta de cooperadores e de crianças. O Departamento de Juventude continua reunindo-se, aos domingos pela manhã, até 1994 quando também interrompe seu funcionamento. A partir daí, atividade dos jovens sofre diversas interrupções, após tentativas de curta duração, como o grupo coordenado por Salomão Benchaya, em 1996, e o liderado por Cláudia Régis Machado, em 2003.

8. Benchaya de novo (1994/1995)

Em 1994, Benchaya reassume tendo Medran como vice-presidente. Quatro acontecimentos de natureza cultural merecem ser destacados, pela importância que tiveram no âmbito interno da instituição e pela sua repercussão no movimento espírita. São eles, a implantação do Projeto de Grupos de Estudo Problematizador, a criação do OPINIÃO, órgão de divulgação do CCEPA, a realização do I ESPE – Encontro Estadual do Pensamento Espírita com caráter de prévia do IV Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita e, finalmente, a decisão, tomada em Assembléia Geral de 25 de novembro de 1994, de aprovar a proposta de seu presidente para adesão à CEPA - Confederação Espírita Pan-Americana⁴.

O Projeto “Grupos de Estudo Problematizador” é implantado, a partir de 17 de março de 1994, de forma pioneira, no CCEPA, por iniciativa de um grupo formado por Dinorá Fraga da Silva, Gelson Luis Roberto, Roberto Cordeiro Sanches, Luiz Antonio Trindade Pimentel, Lúcia Regina Ruduit Dias e Salomão Jacob Benchaya. Esse mesmo grupo promove um “workshop” sobre Estudo Problematizador, em 22 de julho de 1995, para coordenadores de grupos de estudo. Esse trabalho desdobrou-se em novas reuniões mensais com o grupo de coordenadores.

Em junho/94, o recém-criado Departamento de Comunicação Social, dirigido por Milton Medran Moreira, lança o primeiro número do jornal OPINIÃO.

Em 20 de maio de 1995, realiza-se um Encontro de Grupos de Estudos (EGE) com apenas 30 participantes que, então, representavam 15% do total de integrantes dos grupos de estudo, o que levou a Diretoria a suspender esses eventos. Um Seminário sobre “Evolução Cosmológica do

⁴ Esse acontecimento está detalhado no Capítulo “O CCEPA na CEPA”.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Homem”, é levado a efeito, em 29 e 30 de maio de 1995, para 60 participantes, com o escritor baiano Djalma Motta Argollo.

O primeiro Curso Básico de Espiritismo, aberto à comunidade, desenvolve-se nos dias 3, 10, 17, 24 e 31 de outubro de 1994, com expositores convidados. Um Curso para Expositores acontece em 2 e 9 de julho de 1994, com 30 participantes. Também são realizados um Mini-Curso de Técnicas de Entrevista, um Curso de Instrumentalização para Coordenadores de Grupos, Encontros de Grupos de Estudo e diversos Seminários abertos ao público. Os Grupos de Estudo reúnem cerca de 200 participantes, incluindo o CIBEE, Grupos de Estudo Problematizador e Grupos de Estudos Especializados, alguns realizando atividades mediúnicas. A Assistência espiritual é feita através das reuniões de desobsessão e da fluidoterapia.

Nos dias 17 e 18 de setembro de 1994, o CCEPA promove o Iº ESPE – Encontro Estadual do Pensamento Espírita que teve caráter de prévia do IV Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita (SBPE), realizado em Porto Alegre, em 1995, ambos detalhados no Capítulo “Intercâmbio Cultural”.

Importante decisão toma o novo Conselho Deliberativo, eleito em 25 de novembro de 1994, em sua primeira reunião, qual seja a de liderar, em 1995, a elaboração da Carta de Princípios do CCEPA, com a participação de todo o corpo social, documento sintético contendo os Princípios, a Missão e os Objetivos da Instituição, norteando suas atividades e tornando mais transparente o seu posicionamento doutrinário e ideológico perante o seu público interno e externo.

O ano de 1995 foi marcado pela realização, em Porto Alegre, nos dias 12, 13, 14 e 15 de outubro, do IV Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita (SBPE), promovido pelo CCEPA e pela LICESPE - Livraria Cultural Espírita Editora, de Santos-SP, e pela adesão à CEPA - Confederação Espírita Pan-Americana, formalizada em 08 de julho de 1995.

Lamentável a decisão da FERGS⁵, através de seu Conselho Deliberativo, de, em razão disso, desligar o CCEPA do quadro de sociedades federadas do Estado, em reunião de 25 de março de 1995

Em 01 de abril de 1995, o Conselho Deliberativo, aprecia proposta do Presidente e inicia preparativos para a redação da Carta de Princípios do CCEPA, documento que enfeixaria, de forma sintética, os valores (princípios), a missão e as finalidades da Casa. Tal documento, valioso auxiliar em qualquer organização moderna, permite que seja clarificado o que se costuma denominar “a filosofia da Instituição”, norteando seus rumos e definindo o seu posicionamento ideológico.

9. A nova gestão de Donarson (1996/1999)

Em 01 de dezembro de 1995, o Conselho Deliberativo elege Donarson

⁵ Veja detalhes desse acontecimento no Capítulo “O CCEPA NA CEPA”.



Floriano Machado e Salomão Jacob Benchaya para a presidência e vice-presidência do CCEPA, respectivamente, no biênio 96/97.

Em 1996, os grupos de estudo, na sua grande maioria, adotam os programas da FERGS, sendo facultado aos grupos que já venceram esses programas elaborar sua própria programação. Quatro grupos, coordenados por Salomão Benchaya, Lúcia Dias, Fátima Lopes e Rejane Flores, adotam o método proposto pela equipe que implantou o Estudo Problematizador. Estes e os demais coordenadores integram um Grupo permanente para adoção e acompanhamento do Estudo Problematizador que, todavia, talvez por dificuldades de comunicação entre os seus criadores e os dirigentes de grupos, não logrou sucesso. No final do ano de 1996, alguns coordenadores manifestam seu desinteresse em continuar adotando a nova metodologia. A Direção do CCEPA promove, então, uma série de reuniões procurando encontrar uma solução para o impasse, decidindo pela interrupção do projeto.

As palestras públicas são retomadas, funcionando de março a dezembro, às terças-feiras. A passagem do 60º aniversário de fundação da sociedade é comemorada na noite de 23 de abril de 1996, no auditório da Escola Estadual Presidente Roosevelt, com a presença de cerca de 140 pessoas, entre os quais antigos trabalhadores e dirigentes, especialmente convidados para a ocasião. Maurice Herbert Jones foi o orador da noite, intercalando a narração de acontecimentos históricos da Casa com reflexões e comentários sobre a participação e a influência desta no movimento espírita gaúcho e nacional. Dentro das comemorações, no período de 24/4 a 5/5, a convite do CCEPA, o conferencista e escritor baiano Djalma Motta Argollo visitou Porto Alegre, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Santa Maria e Bagé, realizando palestras, seminários e entrevistas.

Em setembro/96, Jon Aizpúrua visita novamente o Estado entregando ao CCEPA o diploma de Instituição Aderida à CEPA durante palestra pública proferida em 20 de setembro de 1996, visitando também várias localidades do Estado expondo os objetivos da CEPA e divulgando o XVII Congresso a ser realizado em Buenos Aires. Nesse Congresso, o CCEPA se faz presente com uma delegação de 15 pessoas, composta por dirigentes, conselheiros e trabalhadores. Durante esse evento Jon Aizpúrua foi reeleito presidente e Milton Rubens Medran Moreira seu 2º vice-presidente, para o triênio 97/99, sendo, também, escolhida a cidade de Porto Alegre como sede do XIX Congresso da CEPA. Milton Moreira e Salomão Benchaya são designados delegados da CEPA no Rio Grande do Sul.

O declínio da participação nas atividades da Casa continua. Ao final deste livro, farei algumas considerações sobre esse fato. Em 1997, os Grupos de Estudo contam com 144 membros; as Reuniões Públicas registram uma média de presença de 50 pessoas; as reuniões da infância e da juventude não têm prosseguimento. É promovido um seminário sobre Reencarnação com o conferencista e escritor baiano Adenauer Marcos Ferraz de Novaes, em 22, 23 e 24 de maio 1997, para 80 pessoas.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Ainda em agosto, sob a coordenação do CCEPA, Jon Aizpúrua, acompanhado de mais dois dirigentes da CEPA, vem ao Rio Grande do Sul onde desenvolve atividades em Porto Alegre (Reunião com Dirigentes e trabalhadores na sede do CCEPA, em 21 de agosto de 1997, e conferência pública sobre o tema “Jesus no Espiritismo”, dia 22/08) e em Santa Maria (“Encontro com o Pensamento Espírita”, organizado pela S.E. Estudo e Caridade, que incluiu mesa-redonda “A CEPA e o Espiritismo – sua história, finalidades e compromissos com o ideal kardequiano”, dia 23/08; conferência pública no mesmo dia; e um debate sobre “Doutrina e Movimento na Época Atual e seus desafios para o Século XXI”, dia 24/08).

Na gestão 98/99, Donarson Machado é o presidente e Leda Beier assume a vice-presidência do CCEPA.

No ano de 1998, são introduzidas alterações nas reuniões públicas das 3ª feiras, que assumem feição exclusivamente cultural sendo, nelas, suprimidos os serviços de Entrevistas e de Fluidoterapia. A programação de eventos passa a ser elaborada pelo Departamento de Eventos Culturais, sendo realizados mais um Curso Básico de Espiritismo, um Seminário sobre a Morte e o Morrer, uma Jornada de Estudos sobre Educação e Família, um Ciclo de Palestras, um Seminário sobre Terapia Reencarnacionista e um Ciclo de Estudos sobre “O que é a Filosofia”.

O I Simpósio Gaúcho do Pensamento Espírita (SGPE) é realizado nos dias 21, 22 e 23 de agosto de 1998, em Porto Alegre-RS, tendo por conferencistas Jon Aizpúrua e Maurice H. Jones cujos temas foram, respectivamente, “Manuel Porteiro e a Sociologia Espírita” e “Verdade e Liberdade”. Houve apresentação de sete trabalhos e a realização de um Painel sobre “Definição e Rumos da Cultura Espírita”.

Ao final de 1998, Donarson realiza encontros com membros da Diretoria, do Conselho Deliberativo, Coordenadores de Grupos de Estudos e associados, discutindo todas as atividades da instituição, objetivando a reavaliação e o ajuste do programa de atividades do CCEPA

Em 16 de março de 1999, o presidente instala oficialmente a Oficina Permanente para Coordenadores⁶, depois simplesmente Oficina de Colaboradores que passa a ser coordenada por Salomão Benchaya. Cerca de 40 integrantes, membros da direção, coordenadores e participantes de grupos de estudo iniciam as atividades da oficina discutindo e aperfeiçoando o próprio projeto da



Leda Beier e Donarson Machado.

⁶ Essa experiência está detalhada no Capítulo “O CCEPA HOJE”.



Salomão J. Benchaya

Oficina e levantando as necessidades e demandas que subsidiarão o Programa a ser desenvolvido.

Nesse ano, é inaugurada a página do CCEPA na Internet.

No período de 17 a 25 de agosto de 1999, é realizada a nona edição do Encontro de Grupos de Estudos (IX EGE) tendo por tema principal a Mediunidade. Em novembro, é lançada a Campanha para Reforma da Sede e Maurice Herbert Jones, a convite da Diretoria do CCEPA, assume a coordenação dos estudos e das providências relacionados com esse projeto.

Na tarde de 06 de novembro de 1999, Milton Medran Moreira, em movimentada sessão de autógrafos na 45ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre, faz o lançamento de seu livro de crônicas "Se Todos Fossem Iguais". Medran ocupa, de segundas a sextas-feiras, diariamente, um espaço de dois minutos na Rádio Guaíba AM, no programa "A Hora e a Vez de Mendes Ribeiro", onde faz uma crônica com base no pensamento espírita. Essa participação finda com a morte do jornalista, em 09 de julho de 1999. Sempre que convidado, participa de outros programas de rádio e de televisão, para debater assuntos diversos, sob o olhar espírita.

10. A 4ª gestão Jones (2000/01)

Ao final do ano de 1999, eu e minha esposa visitamos o casal Jones e Elba, em sua residência, para lhes fazer um apelo no sentido de que retornassem ao CCEPA, considerando a imensa responsabilidade que havíamos assumido para a realização do congresso da CEPA no Brasil.

Jones aceita o convite e, em 3 de janeiro de 2000, reassume a presidência, tendo o promotor público Rui Paulo Nazário de Oliveira como vice-presidente. Principais tarefas a realizar: a reforma da sede social e o XVIII Congresso Espírita Pan-Americano promovido pela Confederação Espírita Pan-Americana. Em capítulo à parte, há um relato desse importante evento.

O bloco principal da sede social fora construído, em 1964, pelo então presidente José Valejos Abreu. Mais tarde, em 1977, foi adquirido o prédio de nº 668, ao lado da sede, que foi reformado e adaptado às necessidades do momento.

Os anos se passaram e estas instalações, bem como os móveis, já não apresentavam condições razoáveis de utilização. Havia um projeto de reforma elaborado pelo presidente anterior, Eng. Donarson Floriano Machado. Em 15 de março de 2000, foi firmado contrato com a construtora Stello que iniciou as obras em 21 de março.

As condições precárias para o funcionamento da instituição afastaram muitos frequentadores e os que permaneceram tiveram que enfrentar, permanentemente, poeira e desordem. Em 15 de setembro é concluída a reforma. A inauguração formal, porém, acontece em 28 de agosto, aproveitando a presença do presidente da Confederação Espírita Pan-Americana, Jon Aizpúrua. Para marcar o acontecimento, dirigentes e

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

cooperadores da entidade realizam um coquetel na nova sede, onde, também, por iniciativa dos trabalhadores da casa, é descerrada uma placa registrando o ato e homenageando o presidente da instituição, Maurice Herbert Jones que, pessoalmente, planejou e coordenou os trabalhos de ampliação.

Com essa reforma, o CCEPA passa a dispor de uma excelente e moderna sede social com seis salas equipadas para reuniões de estudo, secretaria, sala para diretoria, biblioteca, toalete masculina e feminina, ampla área de recepção e livraria, além do auditório para 100 pessoas.

A reforma da sede confinou as atividades do CCEPA a um único espaço - parte do auditório -, forçando a reprogramação de todos os trabalhos da instituição, atingindo, sobretudo, os chamados Grupos de Estudo.

Até o final de 1999 existiam 12 destes grupos distribuídos em diversos horários ao longo da semana e com um total de 120 matrículas. Existiam, porém, problemas. A frequência vinha baixando significativamente, especialmente em alguns grupos e, por outro lado, a dispersão dos grupos em diversos horários e dias, tornava-os excessivamente independentes, institucional e ideologicamente.

Havia uma espécie de cansaço, de esgotamento do modelo e alguma providência se fazia necessária para reverter a situação. O assunto foi debatido na "Oficina de Colaboradores" que decidiu compactar os Grupos de Estudo em dois grandes blocos, um diurno e outro noturno que se reuniam, semanalmente, no auditório. Um programa alternativo de estudos foi implementado para o período de obras (6 meses), privilegiando o debate sobre os princípios adotados pela instituição bem com sua interpretação da identidade, fundamentos e objetivos essenciais do Espiritismo. Os resultados foram excelentes, obtendo-se uma maior integração, harmonia e identidade com os objetivos do CCEPA.

A partir de 06 de setembro de 1999, com a disponibilização das novas salas de estudo, os participantes dos grandes blocos retornaram aos grupos de origem.

Desde então, os grupos abandonam o programa de estudo sistematizado e passam a adotar uma nova metodologia com ênfase na pesquisa e documentação dos temas estudados, escolhidos por consenso, cabendo a cada grupo a

seleção do método e critérios de investigação. Ao término do prazo estabelecido para as pesquisas e debates internos, são realizadas as reuniões plenárias dos grupos diurnos e noturnos para apresentação e debate dos



A sede do CCEPA, após a reforma de 2000.



trabalhos escritos elaborados.

A biblioteca que estava confinada e meio esquecida numa pequena sala ganhou, com a reforma do prédio, uma sala nobre e de grande visibilidade com móveis novos e modernos onde os associados podem dispor de um acervo que, mesmo depois do expurgo de muitos livros velhos ou impróprios, monta a cerca de 1300 volumes.

Os trabalhos de estudo e educação da mediunidade, desenvolvidos paralelamente pelos grupos de estudo, foram suspensos durante a realização das obras. Ao reiniciarem, adotam um modelo que, além de enfatizar a busca da qualidade no intercâmbio com o mundo extrafísico, desvincula a reunião mediúcnica dos grupos de estudos espíritas, tornando-se não obrigatórias, mas exclusivas para integrantes de grupos de estudo.

Diante da dificuldade dos dirigentes do CCEPA, de acompanhar mais de perto as reuniões realizadas durante o dia, decorrente de suas atividades profissionais, é criada uma Coordenadoria de Atividades Diurnas, ligada diretamente à presidência, função esta que passa a ser exercida por Leda Beier.

Nos dias 19, 20 e 21 de janeiro de 2001, no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, SP, é realizado o 1º ENCOESP – Encontro Espírita, promovido pela USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, com a participação de cerca de trinta instituições representativas dos mais diversos setores do movimento espírita, dentre elas a CEPA. O CCEPA havia patrocinado a publicação de um livro denominado “A C.E.P.A. e a Atualização do Espiritismo” objetivando divulgar temas abordados no Congresso de 2000 e as atividades da C.E.P.A. O lançamento dessa obra ocorre durante o I ENCOESP, em São Paulo, sendo sua venda realizada no estande da LICESPE.

Em 12 de março de 2001, tem início a primeira edição do Curso de Iniciação ao Espiritismo (CIESP) funcionando, às segundas-feiras, das 20h30min às 22 horas até 30 de abril de 2001. Este programa substitui os antigos Cursos Básicos de Espiritismo, calcados em palestras por expositores convidados. Agora, os temas são expostos por Maurice Jones, Rui Nazário, Milton Medran, Donarson Machado, Salomão Benchaya e Joaquim Marchisio. Em 2003, o curso passa a ter apenas dois apresentadores. As inscrições, gratuitas, destinam-se, preferentemente, a pessoas que desejem informações basilares sobre o Espiritismo.

Numeroso público acorre, na noite de 04 de maio de 2001, ao auditório do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, oportunidade em que, em comemoração a seu 65º aniversário, é promovido um Painel sobre “A Atualidade do Espiritismo”, coordenado por Maurice Herbert Jones, tendo como painelistas o presidente e o 1º vice-presidente da Confederação Espírita Pan-Americana, Milton R. Medran Moreira e Dante López, que abordaram, respectivamente, os temas “A CEPA e a Atualização do Espiritismo” e “Pesquisas Atuais sobre a Realidade do Espírito”. Na oportunidade, é feito o lançamento oficial, em Porto Alegre, do livro “A CEPA e a Atualização do Espiritismo”.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Nos dias 7, 8 e 9 de setembro de 2001, realiza-se, em Pelotas-RS, o II SIMPÓSIO GAÚCHO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, organizado, conjuntamente, pelo CCEPA, S.E.Casa da Prece e, Sociedade Pelotense de Estudos Espíritas tendo como tema central "O Espiritismo em Atualização".

No período de 11 a 14 de outubro de 2001, o CCEPA participa, com numerosa delegação, do 7º Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, na cidade de Cajamar-SP. Dois de seus integrantes, o vice-presidente Rui Paulo Nazário de Oliveira e o Diretor de Atividades Mediúnicas, Carlos Grossini, apresentam trabalhos.

11. A gestão Nazário de Oliveira (2002/05)

Em 2002, assume a presidência do CCEPA o promotor público Rui Paulo Nazário de Oliveira, tendo Maurice Herbert Jones como seu vice.

A transferência, por razões profissionais, de Santos-SP para Porto Alegre, do companheiro espírita Alexandre Cardia Machado propiciou ao Centro Cultural



Rui Nazário e Maurice Jones.

Espírita de Porto Alegre a oportunidade de tê-lo, juntamente com sua esposa Cláudia Regis Machado, a integrar seu quadro associativo e de colaboradores da casa, de 2002 a 2003. Nesse período, Alexandre e Cláudia participam de um de seus Grupos de Estudos e do Grupo de Conversação Espírita das segundas-feiras. Cláudia Regis Machado, com significativa experiência em atividades com crianças e jovens, é convidada a coordenar um Grupo Jovem nas segundas-feiras.

No segundo semestre, reiniciam as conferências públicas na primeira segunda-feira de cada mês, com palestrante convidado. Este evento atrai boa frequência de público em todas as oportunidades, especialmente em função da propaganda efetivada pelo Departamento de Eventos Culturais com a remessa de "releases" para os órgãos de imprensa da Capital e pelo Departamento de Comunicação Social. Seu diretor, Milton Medran Moreira, mantém coluna semanal no jornal Diário Gaúcho, tratando de temas espíritas, e através dela divulga as atividades desenvolvidas na Casa. Mantém, ainda, um comentário, também semanal, na Rádio Imembuí, de Santa Maria, RS.

A partir do mês de setembro de 2002, o OPINIÃO passa a ser editado em papel jornal, menos pesado, o que possibilita sensível redução de custo de postagem pelo correio, ao mesmo tempo em que permite que o encarte AMÉRICA ESPÍRITA passe a ter quatro páginas, eis que antes era



editado com apenas duas.

Em 06 de maio de 2003, a Assembléia Geral aprova a reforma do Estatuto do CCEPA, providência decorrente da exigência legal imposta pelo novo Código Civil. Destacam-se, dentre as inovações, a extinção do Conselho Deliberativo, que ficaria praticamente sem função, já que a lei outorgou à Assembléia Geral, privativamente, as competências que, pelo Estatuto antigo, eram do Conselho Deliberativo. O Conselho Fiscal, a exemplo da Diretoria Executiva, passa a ser também eleito pela Assembléia Geral. Elimina-se a restrição ao direito de voto para a categoria de associado cooperador.

Nesse ano, ocorre a criação de um grupo de CIBEE nas quartas-feiras, à tarde, integrado por pessoas oriundas dos Cursos de Iniciação ao Espiritismo (CIESP) e de outras que, participando dos Grupos de Conversação, se interessam em freqüentar um grupo de ensino básico.

É elaborada uma listagem eletrônica dos livros da biblioteca, contendo títulos, numeração, autor e assunto, trabalho que foi concluído nos primeiros meses de 2003.

Os Cursos de Iniciação ao Espiritismo se tornam regulares, sendo realizados dois a cada semestre – à tarde e à noite.

Em 02 de novembro de 2003 é lançado, na Feira do Livro de Porto Alegre, o livro espírita de Cláudia Régis Machado, com o título “Kadu e o Espírito Imortal”. A autora é psicóloga e psicopedagoga, que desenvolve sua atividade profissional principalmente com jovens e adolescentes.

O XIX Congresso Espírita Pan-Americano, realizado de 8 a 12 de setembro de 2004, na cidade argentina de Rafaela, dá início a um novo período da história da CEPA com a aprovação do novo estatuto que a moderniza e torna mais ampla a participação de seus membros, horizontalizando decisões e criando novas áreas de trabalho. Durante o evento, a Assembléia Geral da entidade reelege seu presidente, Milton Medran Moreira, diretor de Comunicação Social do CCEPA, com o que a CEPA continuará sediada no Brasil até 2008.

Representando o CCEPA, Carlos Grossini integrou o painel “Mediunidade e Evolução Consciente”. Maria de Fátima Benchaya e Mariana Canellas Benchaya, também da delegação do CCEPA, apresentaram o trabalho “Instituição espírita: o olhar do jovem sobre este espaço” no Fórum de Temas Livres do Congresso. Moacir Costa de Araújo Lima, que também é colaborador do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, teve destacada atuação no Congresso da CEPA, como painellista e autor de dois trabalhos para o Fórum de Temas Livres.

Em decorrência da participação nesse Congresso, Mariana Canellas Benchaya, filha caçula do autor deste trabalho, integrante da delegação, entusiasma-se com a experiência da juventude espírita de Rafaela e toma a iniciativa, com total apoio da Instituição, de convidar jovens para a formação de um grupo que passa a ser coordenado por Maria de Lourdes Darcie, ficando Mariana, por sua vez, como Monitora. O grupo jovem de estudos passa a funcionar, em 07 de outubro de 2004, contando,

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

atualmente, com cerca de 10 jovens.

Quatro Cursos de Iniciação ao Espiritismo - CIESP, foram promovidos, em 2004, sendo dois em cada semestre, um à noite e outro à tarde.

Em 14 de novembro de 2004 é lançado, na Feira do Livro de Porto Alegre, o livro *Direito e Justiça: um olhar espírita*, de Milton Medran Moreira, Diretor do Departamento de Comunicação do CCEPA e Presidente da CEPA.

Atendendo convite do presidente da AJERS - Associação Jurídico-Espírita do Rio Grande do Sul - o presidente do CCEPA, Promotor de Justiça Rui Paulo Nazário de Oliveira, e seu Diretor de Comunicação Social, Procurador de Justiça Milton Medran Moreira, participaram, em 05 de junho de 2004, do I Encontro Jurídico Espírita do Rio Grande do Sul, cuja temática central foi "Direito e Espiritismo".

No dia 16 de abril de 2005, Milton Medran Moreira participa como expositor do tema "Direitos Humanos, Juventude e a Proposta Espírita", no Seminário "Infância e Juventude numa Visão Jurídico-Espírita" promovido pela Associação Jurídico Espírita do Rio Grande do Sul e pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul.

De 26 a 28 de maio de 2005, tem lugar no CCEPA o I Encontro de Delegados e Amigos da CEPA, promovido pela Associação Brasileira de Delegados e Amigos da CEPA (CEPAmigos), instituição criada em 2003 com objetivo de congregar os delegados e amigos da Confederação Espírita Pan-Americana, no Brasil, divulgando seu pensamento em todo o território nacional.

No final de maio/2005, o CCEPA passa a editar um boletim eletrônico, a cargo de Maurice H. Jones, enviado por e-mail a todos os interessados.

Uma delegação do CCEPA comparece ao 9º Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, em Santos-SP, de 13 a 16 de outubro de 2005. Salomão Benchaya, apresenta o trabalho "Uma Análise da História Recente do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre".

Nos dias 28 e 29 de outubro de 2005, com a presença de 60 inscritos, o CCEPA realiza um Seminário sobre Parapsicologia e Espiritismo, com o prof. Moacir Costa de Araújo Lima.

Em 02 de janeiro de 2006, Maurice H. Jones é reconduzido à presidência do CCEPA. Em seu pronunciamento de posse, Jones manifesta sua preocupação por ter de assumir, novamente, tal cargo, já que esperava fosse ele ocupado por novos líderes.

As informações acima resumem os acontecimentos de maior destaque na história recente da Instituição. Uma história de dinamismo, de inovação e de fidelidade ao pensamento de Allan Kardec.

Nos capítulos seguintes, alguns desses acontecimentos, pela sua importância histórica, são objeto de comentários mais detalhados.



Salomão J. Benchaya

Presença na FERGS

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS) foi fundada em 17 de fevereiro de 1921, pela decisão democrática de um grupo de sociedades espíritas gaúchas. Ao contrário da maioria das federativas estaduais, na verdade centros espíritas que se autoproclamaram federações ou receberam delegação da FEB para atuarem como órgão unificador das demais instituições do seu Estado, a FERGS não é um centro espírita. Seu papel é representativo, orientador e coordenador do movimento espírita gaúcho. Uma particularidade merece ser destacada: o Estatuto só permite uma reeleição para o cargo de presidente, o que significa que uma mesma pessoa só exerce tal função, consecutivamente, por, no máximo, quatro anos, já que o mandato administrativo é de dois anos. Isso impede a perpetuação de um presidente no poder. Duas experiências, em especial, nascidas em território gaúcho ganharam projeção nacional e internacional: a evangelização infanto-juvenil e o estudo sistematizado do Espiritismo. Esta última é originária da SELC – atual CCEPA – , comentada em capítulo à parte.

A SELC, desde os seus primórdios, sempre esteve vinculada ao movimento federativo. Por vários anos, a Federação gaúcha agenciou um programa de distribuição de alimentos patrocinado pela Legião Brasileira de Assistência (LBA) e a SELC, nos idos de 1945 era uma das beneficiárias desses recursos, que eram repassados a famílias carentes. Os eventos organizados pela FERGS sempre contaram com a presença e com o apoio da SELC.

Maurice Jones, que passara a dirigir SELC em 1968, é convidado para integrar o Conselho Executivo da FERGS em 1974, na gestão de Hélio Burmeister, como diretor do departamento Doutrinário. Em 1976 assume a vice-presidência e, em 01 de janeiro de 1978 é empossado como presidente da FERGS.

O período que se estende de 1978 até 1987 corresponde a quatro gestões administrativas marcadas por forte influência do grupo oriundo da SELC. Esse fenômeno freqüentemente ocorre na Federação gaúcha. Como ela não tem um quadro de colaboradores próprio, já que não é um centro espírita, o presidente eleito, geralmente um destacado dirigente de instituição filiada, tende a compor sua equipe no Conselho Executivo com pessoas conhecidas suas, na maioria integrantes da própria sociedade espírita em que atua. Com isso, eventualmente, uma determinada instituição passa a exercer maior influência na coordenação do movimento espírita gaúcho.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Conselho Executivo da FERGS, em 1984, vendo-se, da esquerda para a direita, Joaquim Marchisio, Cândida Fonsêca, Auda Sencades, Felipe Rachewski, Salomão Benchaya, Maurice Jones, Milton Moreira, Ubirajara Lauermann e Hélio Busmeister.



Assim é que, por mais de uma década, a SELC ofereceu ao movimento federativo a contribuição dos seguintes membros do seu quadro de dirigentes e que atuaram no Conselho Executivo da FERGS: Maurice Herbert Jones, como diretor, vice-presidente e presidente; Salomão Jacob Benchaya, como diretor e presidente; Milton Rubens Medran Moreira, como secretário e diretor; José Joaquim da Fonseca Marchisio, como tesoureiro e vice-presidente; e como diretores Waldemar Rodrigues da Silva, Aureci Figueiredo Martins e Auda da Silva Sencades. Em outros postos do movimento federativo, colaboraram Antonio Alfredo de Souza Monteiro, Ernesto Weber Rossa e Donarson Floriano Machado, como presidentes da UDE-Sul; Paulo Armando Oliveira Rocha e Maria de Fátima Canellas Benchaya como diretores de infância e juventude da UDE-Sul e Jorge Luiz dos Santos na redação da revista "A Reencarnação".

Tal nível de envolvimento da SELC no movimento federativo acabaria por se refletir negativamente no rendimento das suas atividades internas. Maurice Jones, em seu relatório de 1984, comenta: "Considerando que a cooperação intensa no movimento de unificação do Estado é compromisso programático da SELC, lembramos aos caros Conselheiros que, se mais não foi feito pela nossa Casa, isto se deve aos compromissos assumidos por muitos de nós na Federação Espírita do Rio Grande do Sul."

Maurice Jones, durante o tempo em que integrou o Conselho Executivo da FERGS, deu muita importância à interiorização administrativa. É um período de forte incremento da presença da FERGS no interior do Estado. Reuniões regionais, cursos, seminários, visitas de oradores convidados motivaram frequentes viagens de equipes departamentais para eventos nas mais diversas localidades, especialmente em cidades-pólo. Na área do Departamento Doutrinário, então sob minha responsabilidade, onde mais foi aproveitada a experiência da SELC, realizamos – Jones e eu – inúmeros eventos federativos, tais como treinamento para coordenadores de grupos de estudo sistematizado, para dirigentes e colaboradores das atividades de passes, desobsessão, educação mediúnica, para expositores da Doutrina, além de seminários voltados para a dinamização dos Centros Espíritas.



Em 1978, havia eclodido, em São Paulo, o movimento que veio a se denominar “espiritização”, liderado por Jaci Regis, em torno da chamada “questão religiosa”, tendo por veículo o jornal “Espiritismo e Unificação”, órgão oficial da UMES - União Municipal Espírita de Santos. Em junho de 1985, Krishnamurti de Carvalho Dias, desencarnado em 2001, lança seu livro “O Laço e o Culto”, questionando o caráter religioso do Espiritismo. Do “grupo de Santos”, como ficaram conhecidos os ideólogos desse movimento, alguns de seus membros atuavam na União Municipal Espírita de Santos. Em 1986, eles concorrem à presidência da USE-União das Sociedades Espíritas de São Paulo com a chapa *Unificação, Hoje!*, encabeçada por Henrique Diegues, mas perdem para a chapa *Tríplice Aspecto*, liderada por Nedyr Mendes da Rocha. No ano seguinte, em decorrência da forte pressão de um grupo minoritário, os não-religiosos decidem renunciar à direção da UMES, para a qual tinham sido reeleitos por expressiva margem de votos, e fundam o jornal “Abertura”.

Em janeiro/86, no discurso de posse do meu segundo mandato presidencial na FERGS, lancei o *Projeto: Kardequizar*, contendo uma análise crítica do movimento espírita, alertando para o processo de sectarização em curso e convocando as forças vivas do movimento espírita gaúcho a um esforço de reversão dos desvios apontados.

Milton Medran Moreira era Diretor de Difusão da FERGS e da revista “A Reencarnação”, cuja linha editorial buscava o aprofundamento de um determinado tema em cada uma de suas edições. Naquele momento, era examinado o chamado “tríplice aspecto” a partir, principalmente, do estudo mais acurado do pensamento de Kardec, pela Revista Espírita. Já havia sido editado um número tratando especificamente do caráter científico do espiritismo e outro sobre o seu caráter filosófico. Finalmente, exatamente na época do furacão que o tema provocava em São Paulo, lançamos o número 402, em outubro/86, sob o título *Espiritismo: Ciência e Filosofia. Até que ponto é Religião?*

Sobre as consequências desse lançamento, transcrevo trecho de um depoimento feito por Milton Medran em “e-mail” endereçado a um confrade do Rio de Janeiro: “Como na época, nós da FERGS (leia-se aquele núcleo da SELC, que a dirigia), estávamos balançando diante das novas interpretações que vinham de São Paulo, resolvemos questionar o assunto, na revista. Isto é: a edição não diria que o espiritismo era ou não religioso. Submeteria o tema à discussão. O título de capa da revista foi “Espiritismo: Ciência e Filosofia. Até que ponto é Religião?”. A bem da verdade nenhum dos articulistas dessa histórica edição da “Reencarnação” ousou afirmar que o espiritismo não era uma religião. Tampouco eu que, na época, escrevi uma matéria sob o título de “Espiritismo e síntese”, admitindo que Kardec teria afirmado não ser o espiritismo uma religião, mas trabalhando mais com a idéia de síntese que o espiritismo buscaria entre ciência e religião e tentando minimizar o conflito que os vocábulos poderiam suscitar. Um artigo “light”, como os demais. Na verdade, só tinha uma matéria contida naquela revista que afirmava categoricamente

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

que o espiritismo não era uma religião: uma antologia do pensamento de Kardec⁷ que o Jones organizou, sem fazer em cima dela nenhum comentário, estampada na revista reproduzindo as frases de Kardec retiradas, principalmente, de seus discursos e de seus artigos na Revista Espírita. Mas, o fato de ousarmos questionar se o Espiritismo era ou não uma religião (mesmo que o fizéssemos escudados em Kardec) nos custou muito caro. O Salomão, que era presidente da FERGS, foi advertido publicamente por Francisco Thiesen, presidente da FEB, numa reunião em Curitiba, que lhe disse textualmente: "a uma federativa não cabe trazer assuntos para debate, cabe apenas orientar o movimento".

Em razão disso, o grupo dirigente da FERGS, na eleição seguinte, não mais foi conduzido ao comando federativo. A chapa que concorreria nas eleições levadas a efeito no final de 1987, encabeçada por Milton Medran, foi derrotada após uma forte reação das lideranças do espiritismo gaúcho, apoiadas pela FEB e por destacadas personalidades do movimento. Dentre os argumentos empregados na campanha que precedeu a eleição, destacaram-se os de que queríamos "retirar Jesus do Espiritismo", "enterrar o Evangelho", que éramos "obsidiados a serviço das trevas".

Nesse ano, encerra-se a presença da SELC na FERGS.

⁷ Essa antologia está reproduzida no "Anexo 1" desta obra.



Salomão J. Benchaya

Projeto Kardequizar

Em 1986, a SELC completa 50 anos de fundação. Maurice H. Jones havia feito uma abordagem do tema “É O ESPIRITISMO UMA RELIGIÃO?”, na sede da S.E. Paz e Amor, durante o I Ciclo de Estudos Espíritas que o Deptº de Difusão da FERGS realizara em outubro/85.

Em 02 de janeiro de 1986, Salomão Benchaya inicia seu segundo mandato como presidente da FERGS proferindo um discurso que denominou “Projeto: Kardequizar”⁸, de intensa repercussão no movimento espírita. Como justificativa para sua análise crítica, Benchaya aponta o distanciamento ideológico do movimento espírita em relação ao pensamento de Allan Kardec e o afeiçoamento da ação dos espíritas a padrões confessionais e ritualísticos, velados ou explícitos, caracterizando um processo de sectarização do Espiritismo.

Esse discurso torna-se alvo da crítica da Federação Espírita Brasileira tendo, inclusive, seu autor sido censurado por Francisco Thiesen, que então a presidia, em plena reunião da 5ª Região do Conselho Federativo Nacional, que se instalava em Curitiba, no período de 25 a 27 de abril de 1986. Nesse encontro, Benchaya, que se fazia acompanhar de Milton Medran Moreira, foi instado a mudar a expressão “kardequizar” para “desvios doutrinários” pois a FEB, roustinguista, como se sabe, não avalizava a mensagem recebida pelo Chico Xavier e ditada por Bezerra de Menezes, que continha a frase “Kardequizar é a legenda de agora”, a qual indicava um claro reposicionamento de seu autor, no mundo espiritual, um dos mais notáveis roustinguistas quando encarnado.

Sensibilizada por esses fatos, a Direção da SELC decide promover esforço especial no sentido de adequar sua estrutura e seu funcionamento de forma a compatibilizar-se com a visão que Allan Kardec tinha acerca da Doutrina. No seu relatório administrativo de 1986, Jones assim se manifesta: “O Conselho Deliberativo, eleito em novembro de 1985, bem como o Conselho Executivo, que tomou posse em março de 1986, assumiram, desde logo, compromisso sério com o processo de mudança que a SELC deveria experimentar a partir de uma reflexão sobre o modelo racional, dinâmico, assectário e simples sugerido pelo codificador do Espiritismo. Buscando isto, várias reuniões foram realizadas com o corpo de cooperadores da instituição e, especialmente, com os componentes dos Conselhos Deliberativo e Executivo, delineando-se, assim, as principais medidas que, no seu conjunto, denominamos “Projeto Kardequizar”,

⁸ A íntegra desse discurso encontra-se no Anexo 2.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

aprovado em 05 de abril de 1986 pelo Conselho Deliberativo e lançado junto aos trabalhadores em 21 de abril de 1986, comemorando-se, assim, de maneira a mais adequada, os 50 anos de existência da SELC, fundada em 23 de abril de 1936."

Eis o texto da proposta de Maurice Herbert Jones:

1. APRESENTAÇÃO

Sensibilizada pela abordagem do tema "É O ESPIRITISMO UMA RELIGIÃO?", desenvolvido pelo então Vice-Presidente da FERGS e Presidente desta Casa, por ocasião do I Ciclo de Estudos Espíritas que o Deptº de Difusão da FERGS realizou em outubro 85, e pelo recente discurso que o Presidente desta proferiu durante a sessão de posse de 2 de janeiro do corrente ano, no qual lançou o Projeto Kardequizar, "uma proposta de reposicionamento dos espíritas em face do pensamento do Codificador", a Direção da Sociedade Espírita Luz e Caridade, decidiu promover esforço especial no sentido de adequar sua estrutura e seu funcionamento de forma a compatibilizar-se com a visão que Allan Kardec tinha acerca da Doutrina. Assim, após várias reuniões do Conselho Deliberativo e Conselho Executivo, delinearam-se as principais medidas que, no seu conjunto, passamos a também denominar de "PROJETO KARDEQUIZAR", em nível de sociedade espírita, objeto deste documento.

2. JUSTIFICATIVA

O "Projeto Kardequizar" surge como um conjunto de medidas tendentes a frear o processo de sectarização instalado no movimento espírita a partir de uma visão distorcida da Codificação e do pensamento kardequiano, para o qual contribui a índole mística do nosso povo e o seu deficiente nível cultural. Dessa forma, as Casas Espíritas assumiram, ao longo do tempo, em sua esmagadora maioria, a feição de "casas de oração" e de "pronto socorro", em detrimento de sua função maior de educadora de almas e libertadora de consciências, consoante os objetivos maiores do Espiritismo. Nossos freqüentadores, embora o respeito e o atendimento que devam merecer para o alívio de suas dores, somente vêm no Centro Espírita um posto de prestação de serviços, com o qual findam os contatos ao primeiro sinal de cura de suas mazelas, visto que nada mais lhes é oferecido senão passes, consultas aos espíritos, doutrinação e desenvolvimento mediúnico, sem apelos ao raciocínio e ao estudo sistemático do Espiritismo, caminho natural para as verdadeiras e profundas mudanças do indivíduo e da sociedade. Embora não sendo o nosso caso, já que a tradição de estudo em "Luz e Caridade" tornou-a apta, inclusive, a servir de laboratório para a Campanha de Estudo Sistematizado, lançada pela FERGS, temos a convicção de que a SELC já reúne requisitos para um novo passo, ajustando-se a um novo modelo de Casa Espírita onde o conhecimento da Verdade seja o caminho da



libertação, tal como nos afirmou Jesus.

3. PROCESSO DE ADEQUAÇÃO

Dentro desta perspectiva, o Conselho Executivo da SELC está propondo qualificar ainda mais os diversos trabalhos da instituição para que eles se ajustem, o mais perfeitamente possível, ao modelo racional, dinâmico, simples e assectário sugerido pelo Codificador. As medidas a seguir enumeradas constituem um processo suave, embora seguro, de adequação de nossos programas doutrinários e estrutura de funcionamento a estas diretrizes.

4. ETAPAS DO PROJETO

Para a execução gradual desse esforço de “kardequização”, definimos como necessárias as seguintes etapas de procedimento:

a) transformação dos Grupos de Estudo e Educação Mediúnica (GEEM) e do Ciclo Básico de Estudos Espíritos (CIBEE) em Grupos de Estudo Sistematizado de Espiritismo (ESE) acrescidos dos números correspondentes aos Programas a serem empregados. Por exemplo: ESE 1 (grupo de estudo sistematizado que adota o programa 1). Dentro desse novo esquema, os grupos terão programa fixo e seus membros irão sendo transferidos para os grupos subseqüentes após terem vencido o programa anterior;

b) adoção da mesma terminologia para os Deptos. de Infância e Juventude da Casa. Por exemplo: ESE-Jardim, ESE-1º Ciclo, de Infância e ESE-1º Ciclo, ESE-2º Ciclo, de Juventude;

c) alteração do cronograma semanal de atividades da Sociedade;

d) eliminação da aplicação de passes no auditório da Sociedade passando este serviço a ser realizado em outras dependências da Instituição. Esta medida visa a destacar a natureza terapêutica e racional da fluidoterapia, evitando assim que seja entendida como uma espécie de ato litúrgico.

5. CONCLUSÃO

Com este conjunto de medidas, estamos simplesmente procurando instrumentalizar a Sociedade para que a mesma possa desenvolver uma forma cada vez mais dinâmica e solidária de procurar a verdade. Nada mais pode ser tão desafiador e gratificante do que isto. O lançamento do projeto na semana que começa em 21 de abril, tem a intenção de comemorar o cinquentenário da SELC, fundada em 23 de abril de 1936.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Porto Alegre, 5 de abril de 1986 - Maurice Herbert Jones - Presidente
Aprovado pelo Conselho Deliberativo em 05.04.86"

Nessa mesma reunião do Conselho Deliberativo, manifesta-se o espírito orientador da Casa, Joaquim Cacique de Barros, através de mensagem psicofônica, depois psicografada pela médium Elba Jones, da qual transcrevo o seguinte trecho:

"Todas estas mudanças que ora se verificam, não são frutos apressados, mas constituem-se no resultado de incessantes permutas elaboradas e desenvolvidas, nos dois planos da vida, entre aqueles que mais se preocupam e se dedicam à Casa. Estas modificações são, portanto, desejadas e surgem como produto de troca de nossas vibrações que se casam e que somente a afinidade de ideais pode explicar.

E para sermos mais entendidos, é nosso desejo criar aqui nesta Casa, que é nossa, uma mentalidade nova. Formar, senão muitos, mas um punhado de irmãos capazes de difundir uma doutrina restaurada às suas bases, mas também solidamente apoiada nos avanços que a ciência e a tecnologia vem de nos oferecer; um espiritismo emancipado de místicos e milagreiros, ainda mercadores de indulgências, que elegeram um Jesus, quase sempre triste com os nossos pecados, passivo e estático, que eles adoram sem compreender a dinâmica do seu Evangelho libertador."

Com a execução do Projeto, os trabalhos da sociedade passam por modificações que poderiam assim ser resumidas: a) substituição das palestras públicas do tipo "pregação" por exposição dialogada, de cunho mais reflexivo, buscando a participação dos presentes na análise do tema; b) desativação da farmácia homeopática por não constituir atividade primordial da sociedade espírita; c) transferência da aplicação de passes do auditório para outra dependência da Instituição, visando destacar a natureza terapêutica da fluidoterapia, evitando, assim, a utilização indiscriminada desse tipo de assistência e a sua interpretação como uma espécie de ato litúrgico; d) criação de um quadro de entrevistadores, constituído pelos trabalhadores mais experientes da Casa, geralmente os próprios coordenadores de grupos de estudo, com o fim de dialogar e oferecer orientação doutrinária e encaminhamento aos freqüentadores que o desejarem; e) restrição aos pedidos de orientação espiritual aos casos mais delicados, mediante encaminhamento dos entrevistadores; f) redução de cinco para duas reuniões públicas semanais, por desnecessárias, face à diminuição de freqüência ocorrida em função das medidas acima mencionadas e, também, por pretender a SELC caracterizar-se pela prioridade aos grupos de estudo, valorizando-se a figura do "participante" ou "membro" do grupo, em lugar do "assistente" ou "freqüentador" de reuniões espíritas.

Com as alterações ocorridas, as atividades do Departamento de Assistência Espiritual ficam restritas à desobsessão, à fluidoterapia e às



Salomão J. Benchaya

entrevistas, estas substituindo a Orientação Espiritual de caráter mediúnico. Reduz-se muito a freqüência de público, inclusive com o afastamento, já esperado, de vários trabalhadores não concordantes com a nova orientação doutrinária.

A partir de 1988, o atendimento do Departamento de Ação Social transfere-se para a sociedade co-irmã Núcleo Espírita Fraternidade, no Morro de Santa Tereza, para evitar a duplicidade de atendimento. A SELC, dada sua posição privilegiada, continua a arrecadar donativos, roupas e alimentos, que são transferidos para o Núcleo e para instituições especializadas.

Em seu relatório administrativo referente ao ano de 1989, diz Benchaya: "A SELC atravessa, nos últimos anos, uma fase de depuração ideológica. Sociedade Espírita que é, vem procurando direcionar suas atividades e sua postura ao norte kardequiano, escoimando-as do ranço igrejeiro e sectário que impregna o espiritismo brasileiro. Entretanto, sou forçado a admitir que tal posicionamento reflete, predominantemente, a visão de sua equipe dirigente, até o momento apoiada pelo Conselho Deliberativo da Instituição, o que lhe confere expressiva legitimidade. Não há como garantir, todavia, que tal linha de procedimento, implementada a partir do Projeto Kardequizar, seja definitiva, diante do contexto cultural em que nos inserimos. A alimentação desse processo de kardequização implica em custos com os quais a SELC terá que arcar e que poderíamos resumir no seguinte: a) compreensível afastamento do público freqüentador menos afeiçoado ao estudo metódico do Espiritismo e habituado a ver a casa espírita apenas como "pronto socorro espiritual"; b) a insatisfação de um segmento do seu quadro de trabalhadores que interpreta como "decadência" os baixos índices de freqüência de público; c) as rotulações desabonadoras de companheiros mal-informados ou mal-intencionados que atribuem à ação das trevas nosso esforço de kardequização."

Até hoje, o Projeto Kardequizar, sintetizado na Carta de Princípios⁹ do CCEPA, norteia as ações da instituição.

⁹ A Carta de Princípios do CCEPA está reproduzida adiante, no capítulo "O CCEPA HOJE".



Da Religião Espírita ao Laicismo
A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre





Estudo sistematizado

Conta Maurice Jones que, ao assumir a presidência da Sociedade Espírita Luz e Caridade (SELC), em 1968, uma das primeiras decisões que tomou foi a de compor um grupo para o estudo metódico das obras de Allan Kardec. Selava-se, aí, a vocação, na época pioneira, da instituição espírita que, mais tarde, seria a geradora da campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE).

A SELC já mantinha, na década de 70, grupos permanentes de estudo metódico do Espiritismo e que adotavam os programas do COEM – Centro de Orientação e Estudo da Mediunidade – exitosa iniciativa do Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba. Com o tempo, a SELC elaborou seus próprios programas e sua experiência com grupos de estudo constituiu-se no laboratório da campanha que seria lançada pela FERGS.

Recordo que, certa noite, após uma reunião doutrinária, conversávamos, o Jones e eu, sobre a lacuna existente no movimento espírita, relativa ao estudo doutrinário, lamentando que as casas espíritas descurassem do que seria sua atividade essencial – o estudo -, dedicando suas energias a tarefas menos prioritárias.

Em 1978, Maurice Herbert Jones assumira a presidência da Federação Espírita do Rio Grande do Sul e me convidara para assumir o Departamento Doutrinário.

Em 26 de junho de 1978, em reunião mediúmica do Conselho Executivo da FERGS, o espírito Angel Aguarod, imigrante espanhol que, quando encarnado, fora presidente da FERGS, manifestando-se, pela psicografia de Cecília Rocha, então Diretora do Departamento de Evangelização Infante-Juvenil da federação, afirmou, em determinado trecho: *“Reiterando despretensiva sugestão, recomendaríamos uma grande campanha, para usar nomenclatura moderna, em torno da importância do estudo das obras básicas da Doutrina Espírita”*. Nos comentários que se seguiram à comunicação, lembro-me de haver dado a sugestão, prontamente aceita, de se adotar metodologia semelhante à empregada na então chamada “evangelização infantil” e que consistia na elaboração de Planos de Aula pela Federação, remetidos pelo correio às sociedades federadas e, até mesmo para outros Estados. Assumi o compromisso de esboçar um plano a ser apresentado ao Conselho Executivo. Não havia dado atenção à expressão *“reiterando despretensiva sugestão”*, de Aguarod, até que, dias depois, folheando exemplares antigos da revista *“A Reencarnação”* (agosto/76), da FERGS, deparei-me com a mensagem *“Integridade Doutrinária”*, do mesmo espírito, recebida em 28 de abril

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

de 1976. Alií, efetivamente, já havia a recomendação explícita de Aguarod para *“o estudo de um plano amplo no sentido de esclarecer os mais responsáveis pela dinamização do movimento espírita, da importância do estudo, da interpretação e da vivência do Espiritismo.”*

A FERGS possuía um documento orientador denominado “Normas para os Trabalhos do Departamento de Assistência Espiritual da Sociedade Federada” - anos mais tarde substituído pelo “Orientação ao Centro Espírita”, do CFN-FEB -, contendo um capítulo dedicado à “Sessão de Estudo da Doutrina”, que pouquíssimas casas promoviam. Quando muito, os Centros Espíritas mantinham sessões públicas doutrinárias. Aproveitando as idéias ali contidas, com a equipe que me assessorou, elaboramos um plano envolvendo a montagem de programas de estudo, confecção de roteiros a serem enviados às Casas, treinamento de dirigentes (coordenadores) e estratégias de informação e sensibilização das lideranças espíritas, propaganda, etc. Esse plano, apreciado e aprovado pelo Conselho Executivo, foi apresentado ao Conselho Deliberativo Estadual da FERGS, em 22 de julho de 1978, que o aprovou, ato que oficializou o lançamento da Campanha no Estado do Rio Grande do Sul.

Jones integrava o Conselho Federativo Nacional da FEB, ainda quando aquela entidade tinha sede no Rio de Janeiro e, depois, quando transferida para Brasília, tendo, por diversas vezes, insistido para que, a exemplo do Rio Grande do Sul, a FEB lançasse idêntica campanha em âmbito nacional. Havia, entretanto, uma surda resistência de parte da maioria dos representantes estaduais. Finalmente, face às pressões de Maurice Jones, Francisco Thiesen, Presidente da FEB, na reunião de 6 de julho de 1979, desafiou Jones a apresentar uma proposta oficial de campanha. Um ano depois, a FERGS apresentava um projeto concreto “a um Conselho nitidamente desinteressado pelo assunto”, segundo observa Jones. Vários representantes de Federações sugeriram que se adiasse a decisão para outro momento, o que forçou o representante da FERGS a exigir do Presidente que colocasse a proposta em votação, “mesmo com o risco de vê-la desaprovada”. Argumentou Jones, na oportunidade, que não podia entender aquela surda resistência a uma Campanha de Estudo do Espiritismo em um movimento que já desenvolvia uma intensa Campanha de Evangelização Infanto-juvenil. Finalizou dizendo aguardar a votação, que era aberta, pois apreciaria conhecer e registrar para a história, os dirigentes de Federações Estaduais que se atrevessem a reprovar uma campanha objetivando estimular o estudo do Espiritismo.



Cartaz de lançamento da Campanha de Estudo Sistemizado da Doutrina Espírita, da FERGS.



Foi nesse clima e sob essa estratégia que a proposta gaúcha terminou aprovada pela unanimidade dos representantes presentes em Brasília naquele domingo, 6 de julho de 1980. Só mais tarde a campanha foi oficialmente lançada, com roteiros reelaborados pela FEB. Essa demora sugere que, pelo menos no início, a FEB não estava muito interessada no assunto. O lançamento oficial da Campanha pela FEB ocorreu em 27 de novembro de 1983, com roteiros, cartazes e, ainda, o aval mediúnico de Francisco Spinelli e Bezerra de Menezes.

Nesse processo, um ex-presidente da SELC, Antônio Alfredo de Souza Monteiro, que havia sido transferido para Brasília, como oficial do exército, desempenhou importante papel, entusiasmado que sempre foi pelos grupos de estudo, assessorando a vice-presidente da FEB, Cecília Rocha, na montagem dos programas e roteiros que passaram a ser remetidos para os Centros Espíritas.



Antônio Alfredo Monteiro.

Podem parecer estranho hoje se pensar que uma campanha de estudo, regular e sistemático, da Doutrina só foi possível lançar-se quando já haviam decorrido 100 anos da existência de um movimento espírita organizado, no Brasil. Foi, coincidentemente, em 1983, no mesmo ano em que lançou a Campanha, que a Federação Espírita Brasileira comemorou seu centenário. Não é exagero dizer-se, assim, que aquela campanha tão arduamente conquistada pela federativa gaúcha acabou por ser lançada com 100 anos de atraso, pois que esse deveria ter sido justamente o primeiro passo do espiritismo brasileiro.

A maior dificuldade encontrada para a implantação do estudo sistematizado foi o despreparo, de um modo geral, de coordenadores de grupos de estudo. O movimento espírita é fortemente calcado num modelo de "pregação" e de "doutrinação" onde predominam as figuras do pregador/expositor e do assistente/ouvinte, num processo comunicativo de mão única. Esse padrão cultural obstaculiza a utilização de técnicas participativas em que o coordenador/dirigente do estudo não é o "dono da verdade" e a contribuição dos membros do grupo é valorizada. Mesmo assim, foi inegável o sucesso da Campanha com a ampla adesão das casas espíritas. Também houve, por parte de muitos dirigentes e até de médiuns de renome, sérias reservas quanto ao estudo doutrinário sob a alegação de que isso levaria à elitização do espiritismo ou estimularia a vaidade entre os trabalhadores, etc. Na opinião de Jones, os confrontos ideológicos que ventilam e agitam positivamente o espiritismo brasileiro nos últimos 25 anos são devidos, em grande parte, ao aumento de conhecimento doutrinário de um número cada vez maior de estudantes de Espiritismo.

No CCEPA, hoje, o estudo sistematizado¹⁰ cinge-se ao programa denominado CIBEE - Ciclo Básico de Estudos Espíritas, com duração de



Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

cerca de um ano. Os demais grupos, mais antigos, desenvolvem seus próprios programas, calcados em pesquisa, debate e produção cultural, princípios assimilados do “estudo problematizador”.

¹⁰ O funcionamento dos grupos de estudo está descrito no capítulo “O CCEPA HOJE”.





Estudo problematizador

O Estudo Problematizador é uma metodologia de estudo baseada em noções do construtivismo pedagógico. Como metodologia, entende-se um conjunto de métodos, técnicas, procedimentos ou atividades selecionadas e organizadas para atingir um determinado objetivo. Enquanto o ensino tradicional é centrado na figura do professor e no seu saber, onde o aluno é um mero "receptor" de informações, a problematização estimula e desenvolve nos alunos atitudes críticas, o que requer um preparo especial desse professor.

Fácil é presumir-se que a adoção dessa metodologia no meio espírita encontrará sérias resistências face à postura de pregação e de doutrinação usuais entre os que divulgam o espiritismo. Os grupos de estudos que adotam fogem do modelo de sistematização tradicionalmente implementado para o ensino do Espiritismo, onde a preocupação do coordenador é "transmitir" o conhecimento.

Essa metodologia da problematização, segundo Juan Díaz Bordenave, Consultor Internacional em Comunicação e Educação, "partilha com outros métodos construtivistas alguns princípios fundamentais, tais como:

- Parte-se da realidade, com a finalidade de compreendê-la e de construir conhecimento capaz de transformá-la;
- Utiliza-se o que já se sabe sobre a realidade (conteúdos), não como algo absoluto e definitivo nem como um fim em si mesmo, mas como subsídio para encontrar novas relações, novas "verdades", novas soluções;
- Os protagonistas da aprendizagem são os próprios aprendentes. Por isso acentua-se a descoberta, a participação na ação grupal, a autonomia e a iniciativa;
- Desenvolve-se a capacidade de perguntar, consultar, experimentar, avaliar, características da consciência crítica."

A maiêutica, de Sócrates, é precursora da metodologia da problematização.

Jesus, também, ao empregar parábolas e fazer perguntas aos seus ouvintes, empregava a problematização como forma de ministrar seus ensinamentos.

O estudo problematizador tem por finalidade o aprofundamento do conhecimento espírita – não só a sua "transmissão" -, bem como a produção de cultura, retirando os integrantes dos grupos do papel de meros expectadores e tornando-os produtores de conhecimento. Fundamenta-se em princípios tais como unidade entre experiência (mundo vivido, prática de vida) e ciência, visão dinâmica da verdade

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

(transitoriedade) e unidade entre razão (conhecimento racional, estabelecido) não-razão (sensibilidade, afeto, intuição).

No estudo problematizador, os conteúdos não são colocados como verdades pré-estabelecidas nem acabadas e o coordenador não é um depositário de saber que simplesmente deve transmitir as informações. Trata-se de questionar, investigar, reelaborar as informações recebidas, problematizar, enfim, numa postura condizente com a própria natureza da Doutrina Espírita - dinâmica e progressista.

Para tal, a metodologia do estudo problematizador fundamenta-se, primeiramente, no que chamamos de tomada de consciência que é o ato pelo qual o sujeito se apodera de forma intelectual de um dado da experiência ou de seu próprio conteúdo e, ao mesmo tempo, é apoderado afetivamente por esta mesma realidade. Em segundo lugar, baseia-se no diálogo, em uma concepção de grupo enquanto um espaço de encontro de diferenças (que são respeitadas), onde os sujeitos se afetam mutuamente. Finalmente, vê o papel do coordenador como processualidade (em constante construção), podendo ser seu próprio saber criticado e questionado. Nesse sentido, o coordenador atua como um provocador, devendo fomentar o questionamento, a problematização entre os participantes.

No Estudo Problematizador não há a preocupação com o “vencer conteúdos”. O programa vai sendo paulatinamente elaborado e cumprido com e pelo grupo, com flexibilidade, corrigido e aprofundado, a partir dos seus interesses e necessidades, com intenso envolvimento dos seus membros. Aqui é fundamental que o coordenador estimule o grupo a refletir, que não responda às dúvidas, mas que ajude o grupo a saná-las, promovendo o crescimento do mesmo, o de seus membros e crescendo junto.

O saber acumulado (conhecimento construído por outrem contido nos livros) não é considerado definitivo, mas a base sobre o qual o grupo constrói o seu próprio saber.

Em artigo publicado no jornal OPINIÃO, edição de agosto/94, a psicóloga Lúcia Regina Ruduit Dias afirma:

“Não se pretende buscar somente a sistematização e a veiculação de uma doutrina, mas a produção de conhecimentos dentro de uma Pedagogia moderna, que supera dialeticamente a Pedagogia tradicional.

Esta Pedagogia tradicional está embasada no paradigma racionalista cartesiano ou mecanicista, que se funda a partir do século XVII e que propõe o mundo visto como uma máquina onde a aprendizagem se dá através dos sentidos, num processo de decomposição do todo em partes. Este paradigma gera uma forma linear de pensamento, onde o conhecimento é atribuído ao cientista, que detém um sistema de códigos, e ao homem comum cabe a tarefa de apenas decifrar tais códigos, sem qualquer alteração. Há aqui uma oposição entre ciência e mundo vivido.

Já a Pedagogia moderna, da qual falamos, opõe-se a este paradigma



Salomão J. Benchaya

quando rompe com a dissociação entre experiência (mundo vivido)/ciência e razão/não razão. Aqui não é atribuída com exclusividade ao cientista a capacidade de conhecer ou produzir conhecimentos, já que o saber científico não está separado da experiência vivencial. Analogamente, o coordenador de um grupo não é visto como aquele que detém todas as informações e os componentes como os desprovidos das mesmas, como na pedagogia tradicional. Na Pedagogia moderna, o saber do aluno é valorizado, pois possui o saber de sua própria experiência. O conteúdo não deverá simplesmente ser decorado ou "ingerido", mas questionado, problematizado. A aprendizagem é vista como um processo dinâmico e não linear."

O Estudo Problematizador foi implantado, empiricamente, no CCEPA, em março/1994, como proposta metodológica então considerada adequada aos objetivos culturais da instituição, sem, todavia, substituir o estudo problematizado.

Essa iniciativa coube a uma equipe supervisionada pela professora Dinorá Fraga da Silva e integrada, no CCEPA, por Luiz Antonio Pimentel, Lúcia Regina Ruduit Dias, Gelson Luis Roberto, Roberto Cordeiro Sanches e Salomão Jacob Benchaya.

Quatro grupos, coordenados por Salomão Benchaya, Lúcia Dias, Fátima Lopes e Rejane Flores, adotaram esse método. Todavia, talvez por dificuldades de comunicação entre a equipe que a implantou e os coordenadores de grupos, tal metodologia não logrou sucesso. Ou, por não terem sido observados, nesse processo, os princípios fundamentais da própria problematização.

No final do ano de 1996, alguns dirigentes manifestam seu desinteresse em continuar adotando a nova metodologia. A Direção do CCEPA promove, então, uma série de reuniões procurando encontrar uma solução para o impasse, decidindo pela interrupção do projeto.

Mesmo assim, muitos dos fundamentos da problematização são, ainda hoje, observados na dinâmica dos estudos doutrinários da casa, inclusive nas reuniões públicas, no chamado "grupo de conversação", tratado em outro capítulo.



Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre





A questão religiosa

A discussão acerca da natureza essencial do Espiritismo é tão antiga quanto ele próprio. Começa com os artigos assinados pelo Abade François Chesnel, publicados no jornal "L'Univers", refutados por Allan Kardec na Revista Espírita, edições de maio e julho de 1859. Nesses artigos, o abade acusa o Espiritismo de necromancia e de se constituir numa nova religião e Kardec afirma exatamente o contrário. Uma única vez – por ocasião do discurso de abertura da sessão anual comemorativa dos mortos, realizada na Sociedade de Paris, em 01 de novembro de 1868, Kardec usou a frase: "No sentido filosófico, o Espiritismo é religião e nós nos ufanamos disso..." Da leitura fragmentada do discurso resulta despercebida a verdadeira conotação que Kardec atribuiu ao termo. Os que utilizam essa afirmativa de Kardec para defender o aspecto religioso da Doutrina, desprezam o fato de que o pronunciamento versava sobre "o resultado produzido pela comunhão de pensamentos que se estabelece entre pessoas reunidas com o mesmo objetivo" (RE-dez/1868). Após discorrer sobre o efeito benéfico da unidade de pensamentos e propósitos em uma assembléia, gerando simpatia, homogeneidade, que multiplica a força e a eficácia da própria reunião, Kardec critica as reuniões religiosas em que a maioria dos adeptos é movida por interesses pessoais, sem conexão com os demais, numa atitude egoísta.

Kardec conceitua o "sentido filosófico" da palavra religião quando diz, no mesmo discurso: "Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembléias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que, com efeito, a palavra *religião* quer dizer laço. Uma religião, em sua acepção nata e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças (os grifos são de Allan Kardec).

Mais adiante, Kardec acrescenta: "O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. (...) Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza."

Assim, fica evidente que "religião", para Allan Kardec, não tem o

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

sentido que comumente lhe é atribuído, de “religar o homem a Deus” - uma interpretação católica, em consonância com o “pecado original”, “expulsão do paraíso” e com Jesus Deus Nosso Senhor e Salvador, incompatíveis com o Espiritismo, embora conveniente para a Igreja no seu papel de intermediária entre Deus e o homem - mas sim o de “laço” social resultante da comunhão de pensamentos que o Espiritismo inspira entre os que o estudam e praticam, portanto, uma relação horizontal, laica. Assunto, aliás, brilhantemente tratado por Krishnamurti de Carvalho Dias no seu livro “O Laço e o Culto” edição DICESPE.

Não se pode negar, por outro lado, que Kardec não tenha deixado uma “brecha” para a leitura religiosa do Espiritismo. Na Introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” que pretende interpretar alguns ensinamentos de Jesus, à luz do conhecimento espírita, Kardec afirma que o ensino moral de Jesus é que constitui o objeto exclusivo da obra. Todavia, fugindo ao critério por ele mesmo estabelecido, ele insere alguns capítulos, em especial o primeiro – “Não vim destruir a lei” - e o sexto – “O Cristo consolador” -, que, definitivamente, enquadram o Espiritismo no âmbito da revelação religiosa.

Percebe-se nas mensagens de alguns espíritos, contidas nas obras de Kardec, uma referência à destinação religiosa do Espiritismo. Dentre os próprios seguidores de Kardec, Leon Denis, por exemplo, afirma: “É o Espiritismo que assegurará a realização da síntese da Ciência e da Revelação. Será através dele que se formarão as almas armadas para combater o mal e submissas à lei do dever e às disciplinas sociais – pois não há renovação possível senão a esse preço. É por meio dele que se destacarão as linhas mestras, as formas precisas dessa Religião do Futuro que se esboça e se prepara sob tantos aspectos na hora atual; religião da fraternidade e do amor, anunciada pelo Cristo há dois mil anos, e que os homens não souberam ainda compreender e realizar.” (grifo meu) (Léon Denis, em “A Vida e Obra de Léon Denis”, pág. 178)

No Brasil, os primeiros líderes, procedentes do cristianismo, aos poucos impregnaram o movimento espírita com idéias e práticas do catolicismo. A chegada, ao Brasil, da obra “Os Quatro Evangelhos – Revelação da Revelação”, do advogado francês Jean Baptiste Roustaing, contemporâneo de Kardec, contribuiu, decisivamente, para a formação do chamado “espiritolicismo” (junção do Espiritismo com o Catolicismo).

Uma primeira onda do movimento de laicização do Espiritismo surge com Afonso Ângeli Torteroli¹¹, no Rio de Janeiro.

Em seu trabalho “História do Espiritismo no Brasil”, Mauro Quintella informa:

¹¹ Afonso Ângeli Torteroli - advogado, jornalista e professor, falecido em 11.01.1928. Presidiu a primeira instituição unificadora do movimento espírita nacional, fundada em 06.09.1881, cuja instalação oficial ocorreu em 03.10.1881, mas que teve curta duração. Participou da fundação da FEB. Em agosto de 1897, sob sua liderança, os “científicos” do Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, lançam a tríade CIÊNCIA-FILOSOFIA-MORAL na Revista Espírita do Brasil.



“O primeiro passo em prol da unificação do movimento espírita brasileiro foi dado em 1881, quando a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade promoveu, no dia 6 de setembro, no Rio de Janeiro, o 1º Congresso Espírita Brasileiro, cuja finalidade era reunir os grupos espíritas existentes na capital e, se possível, no país.

Nesse Congresso foi criado o Centro da União Espírita do Brasil, a primeira instituição unificadora do movimento espírita nacional, cuja instalação oficial deu-se no dia 3 de outubro, sob a direção de Afonso Angeli Torteroli. A edição de novembro da Revista da Sociedade Acadêmica dá a relação dos grupos filiados até aquele mês. Infelizmente, porém, o Centro da União não passou de mera tentativa. Devido à própria insipiência do movimento e da luta ideológica que, àquela época, já dividia os espíritas em místicos e científicos, a instituição acabou se desorganizando.

Essa divergência foi a maior responsável pelo clima de desunião que vitimou a família espírita brasileira no Século XIX. Os místicos supervalorizavam o lado religioso da Doutrina Espírita, enquanto os científicos a entendiam como ciência, filosofia e moral.

(...)

No 1º de janeiro de 1884, é fundada a Federação Espírita Brasileira, a FEB. Seu primeiro presidente é o Marechal Ewerton Quadros. Para comprovar a neutralidade da nova sociedade, os científicos Angeli Torteroli e Joaquim Távora são convidados a se cadastrarem como sócios-fundadores. Augusto Eliás transforma o Reformador no órgão oficial da FEB.

Em 1889, o Marechal Ewerton Quadros foi transferido para Goiás, ficando impossibilitado de permanecer à frente da FEB. Para seu lugar, foi eleito o famoso médico e deputado Adolfo Bezerra de Menezes, que, há cerca de três anos, havia chocado a sociedade carioca com a sua conversão ao Espiritismo.”

Essa é sua primeira gestão como presidente da FEB, que teria curta duração. Até 1895, Bezerra se isolou no Grupo Ismael, principal reduto dos religiosos roustinguistas, que funcionava nas dependências da FEB.

Prossigue Mauro Quintella em seu texto: “Durante o tempo em que esteve afastado do trabalho de unificação, Bezerra abandonou a postura de equidistância entre o misticismo e o cientificismo, assumida em 1889, na sua primeira gestão à frente da FEB, e transformou-se num autêntico representante da primeira tendência.”

Desde a promulgação do novo Código Penal, em outubro/1890, o movimento espírita vinha sofrendo perseguições, decorrentes de seu enquadramento como prática criminosa. Várias instituições fecharam as portas temporariamente. A crise se estende por quatro anos e a própria FEB passa por conflitos administrativos internos.

Em 1894, insatisfeito com a política conciliadora da FEB, Torteroli se afasta da FEB e funda outra casa federativa - o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil - em 04 de abril de 1894.

Em 03 de agosto de 1895, Bezerra de Menezes assume novamente a

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

direção da FEB, ocasião em que os estatutos foram reformados, concedendo poderes discricionários ao novo presidente e tornando obrigatório o estudo de "Os Quatro Evangelhos", de J.B. Roustaing.

Em novembro, o novo presidente inicia uma série de artigos no Reformador contra a ideologia científica e o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil. Em agosto de 1897, os "científicos" do Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, liderados por Afonso Angeli Torteroli, lançam, através da Revista Espírita do Brasil, a tripartição do Espiritismo em CIÊNCIA-FILOSOFIA-MORAL, provavelmente inspirados em Allan Kardec que, na Conclusão de "O Livro dos Espíritos", parte VII, assevera: "O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios".

Pouco a pouco – escreve Quintella –, a idéia de que o Espiritismo era ciência, filosofia e religião foi se firmando. Essa tese interessava à Federação. Com ela, os espíritas mais racionalistas acabavam aceitando o lado religioso da Doutrina e a FEB perdia o qualificativo de mística. Isso facilitaria a união do movimento em torno da Federação e a irradiação da sua plataforma doutrinária.

A corrente dos "místicos", liderada pela FEB, formatou, assim, a feição religiosa do Espiritismo brasileiro.

Em 1929 – diz Quintella em um texto postado numa lista de discussão da Internet - Carlos Imbassahy formalizou o slogan CIÊNCIA-FILOSOFIA-RELIGIÃO, no lugar do antecessor CIÊNCIA-FILOSOFIA-MORAL, criou a expressão TRÍPLICE ASPECTO e escreveu o arrazoado que a sustenta. A idéia está no livro "Religiões Comparadas", uma coletânea de textos¹², publicada por uma instituição chamada Cruzada Espiritualista, editada pela Gráfica Roland Rohn & Cia. Ali, Imbassahy diz o seguinte: "Há que encarar o Espiritismo sob o seu TRÍPLICE ASPECTO: o de CIÊNCIA, o de FILOSOFIA e o de RELIGIÃO. Afastar uma de suas faces é mutilá-lo e ele só pode ser compreendido no conjunto dessas três atividades."

A trilogia CIÊNCIA-FILOSOFIA-RELIGIÃO seria confirmada na obra "O Consolador" (1940), do espírito Emmanuel, editada pela FEB. No capítulo inicial do livro – Definição – é formulada a seguinte pergunta ao autor da obra, ditada a Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo-MG: "Apresentando o Espiritismo, na sua feição de Consolador prometido pelo Cristo, três aspectos diferentes: científico, filosófico, religioso, qual desses aspectos é o maior?" Ao que Emmanuel responde: "Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu..."

Carlos Imbassahy reforça essa idéia no seu livro "Religião", prefaciado por Guillon Ribeiro, lançado pela FEB, em 1942, no qual oferece uma

¹²Essa obra foi organizada por Frei Solanus e incluiu escritos de representantes das diversas religiões existentes no Rio de Janeiro, entre os quais Carlos Imbassahy.



“refutação às razões dos que combatem a parte religiosa em Espiritismo”. No início da obra – Palavras Preliminares -, Imbassahy explica o motivo de sua contestação aos argumentos que o então diretor do Ensino, em S. Paulo, Dr. A. Almeida Jr. empregara em seu Parecer para negar autorização para o ensino espírita às crianças do Grupo Escolar de Itobi. Ei-lo: “Poderá ele, o parecer, abrir caminho fácil para que os adversários do Espiritismo o afastem, por completo, do texto constitucional; cerceando a liberdade àquela doutrina e excluindo-a das garantias asseguradas às demais doutrinas religiosas, tê-la-emos transformada num simples caso de polícia.” Como se vê, o quadro político repressor de então e a parcialidade do despacho do Diretor de Ensino pesaram significativamente na publicação dessa obra que vinha em defesa da liberdade de ação dos espíritas. Naquela ocasião, os Centros Espíritas se viam ameaçados de perder os benefícios que a Constituição garantia aos templos religiosos.

Novamente, passo a palavra ao historiador Mauro Quintella:

“Em 1978, a defesa do caráter laico do Espiritismo voltou à baila, desta vez pelas mãos do jornal Espiritismo e Unificação, órgão oficial da UMES - União Municipal Espírita de Santos. Como já vimos, essa idéia empolgou alguns setores do movimento em três oportunidades distintas: de 1881 a 1897, com os científicos; de 1969 até 1973, com o Movimento Universitário Espírita; de 1978 em diante, com o apelidado ‘grupo de Santos’, que eu prefiro chamar de não-religioso.

Na época, os não-religiosos dominavam a UMES e defendiam a laicidade da Doutrina no bojo de uma campanha informal, denominada de ‘espiritização’ do movimento que, dentre outras coisas, combatiam: 1) a transformação do Espiritismo em apêndice do Cristianismo; 2) o culto às personalidades de Jesus e Maria de Nazaré; 3) a crença de que o Espiritismo possui um aspecto religioso; 4) a concepção do centro espírita como um templo; 5) a excessiva pregação de cunho evangélico; 6) o uso de expressões estranhas ao corpo semântico do Espiritismo, como evangelização, mediunidade com Jesus e culto evangélico no lar. 7) a ‘igrejificação’ do movimento, com a adoção de uma estrutura hierárquica formal; 8) a excessiva produção literária de origem mediúnica; 9) a supervalorização da culpa e da dor; 10) a prática da mediunidade fora dos métodos kardequianos; 11) a dogmatização da revelação mediúnica; 12) o comportamento místico e salvacionista dos espíritas; 13) a indiferença dos espíritas pelos problemas políticos, econômicos e sociais da humanidade; 14) a utilização de símbolos e rituais; 15) a defesa de uma moral farisaica e ultrapassada; 16) a utilização da terapêutica espírita de maneira sensacionalista.

Mais uma vez, diferentes tendências do movimento se uniram para combater um inimigo comum. Como era de se esperar, a FEB rechaçou todo o projeto e a maioria dos confrades independentes não aceitou a contestação do tríplice aspecto da Doutrina. A quantidade de artigos na imprensa contra os não-religiosos foi enorme. Como no caso da série O Atalho, as divergências falaram mais alto que as convergências.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Em 1986, eles concorreram à presidência da USE com a chapa Unificação e perderam para a Tríplice Aspecto, que contava com a simpatia da Federação. No ano seguinte, em decorrência da forte pressão de um grupo minoritário, os não-religiosos decidiram renunciar à direção da UMES, para a qual tinham sido reeleitos por expressiva margem de votos, e fundaram um novo jornal e uma nova editora, para continuarem a divulgar suas idéias."

Nesse ano de 1986, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul que, desde 1978, era conduzida pelo grupo oriundo da SELC, atual Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, lança o Projeto Kardequizar, já abordado em capítulo anterior, revelando uma sintonia com a campanha pela "espiritização" deflagrada por Jaci Regis e seu grupo.

Em outubro/86, com o lançamento da edição de nº 402 da revista "A Reencarnação" cujo tema era "Espiritismo: Ciência e Filosofia. Até que ponto é Religião?" os ânimos se elevaram e, em novembro, na reunião plenária do CFN, realizada em Brasília, o autor deste trabalho, que presidia a FERGS naquele momento, foi inquirido pelo presidente da FEB, Francisco Thiesen, a respeito da matéria publicada. Ao final do interrogatório, tive o cuidado de registrar aquele diálogo, abaixo reproduzido:

Thiesen: *Quero perguntar ao estimado irmão presidente se a FERGS continua entendendo que o Espiritismo é Religião.*

Salomão: *Dependendo do significado que se dê à palavra religião, ela (a direção da FERGS) entende que é Religião, no sentido amplo, no sentido que Bergson chamou de "religião dinâmica".*

Thiesen: *E por que não disseram isso na Revista Reencarnação, enquanto divulgaram o pensamento de várias áreas sem que a FERGS apresentasse as suas próprias idéias?*

Salomão: *Porque na revista a FERGS deliberou que não emitiria pensamento próprio, para deixar que os próprios articulistas expressassem seu pensamento e o público pudesse, a partir dali, tomar sua própria posição.*

Thiesen: *E aí ensinar à FERGS o que é Religião e o que é Espiritismo? A FERGS está perguntando aos leitores o que é o Espiritismo e o que é Religião?*

Salomão: *Está deixando que, através do estudo e da própria pesquisa e debate, possa haver melhor entendimento sobre a questão. A preocupação básica da FERGS é o que colocamos no "Projeto Kardequizar", é com os desvios doutrinários que, embora compreensíveis, julgamos que seja oportuna uma parada para reflexão, para uma avaliação franca e honesta,*



Capa do nº 402 da Revista "A Reencarnação".



sem melindres, colocando o assunto na mesa de discussões para que a gente se repositone e se tenha um espiritismo no sentido religioso, mas no sentido amplo e não no sentido restrito, como se tem infelizmente praticado na maioria das Casas Espíritas.

Thiesen: *Isso significa que a FERGS poderá modificar sua posição em relação ao Espiritismo como A Religião, caso a maioria dos espíritas assim o decida?*

Salomão: *A FERGS não chegou a se pronunciar ou dizer se o Espiritismo é ou não é Religião. Ela veiculou o tema e deixou que a matéria pudesse ser discutida. Nós colocamos isso no Editorial da Revista e ainda no Editorial do Boletim Unificador¹³, de outubro/85.*

Thiesen: *Isso significa que a Diretoria atual não sabe se é (religião)?*

Salomão: *A presidência da FERGS deixa que cada um dos membros do Conselho Executivo analise o assunto porque admite que cada um tem uma maneira própria de pensar e de ver essa questão.*

Thiesen: *E por que de sua proposta de "kardequização"? Kardec não fez escola. Kardequizar não faz sentido. Kardec não fundou doutrina alguma, muito menos o Espiritismo; sempre recusou ser o fundador do Espiritismo... Não podemos kardequizar porque não há o que kardequizar. Agradeço a atenção que nos deram de não usa-la¹⁴. Não há desdouro nenhum quando alguém reconhece que cometeu equívoco e modifica aquilo que diz ou que faz. Longe de nós intrometermo-nos nas questões de qualquer federativa. Ficamos surpreendidos quando não encontramos da parte da Redação uma afirmação peremptória de que o Espiritismo é Religião.*

Hoje não se pode negar que o Espiritismo se tornou uma religião. Mas não há dúvida de que, cada vez mais, o segmento laico ganhará expressão, embora de forma lenta e gradual.

¹³ Órgão de divulgação interna da FERGS, distribuído mensalmente às casas federadas.

¹⁴ Referia-se ao fato de a FERGS haver, em documentos posteriores, por sugestão da FEB, utilizado a expressão "desvios doutrinários", em substituição à "kardequizar".



Da Religião Espírita ao Laicismo
A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre





A mudança para Centro Cultural

No Capítulo “Uma panorâmica histórica”, uma espécie de “extrato” dos Relatórios Administrativos e de alguns documentos da Instituição, é possível detectar uma peculiaridade: a volumosa realização de eventos culturais direcionados não só para o seu público interno, mas, também, para o público de outras casas e, mesmo, não frequentador de centros espíritas.

Em 11 de março de 1988, o Conselho Deliberativo aprova a reestruturação administrativa da sociedade, sendo criado, em 18 de abril de 1988, em nível de Departamento, o Centro Cultural Espírita que passa a agregar todas as atividades de estudo e divulgação doutrinária da instituição, inclusive as de Infância e Juventude, além de incumbir-se da promoção de eventos culturais. Os eventos culturais diferenciam-se da programação de estudos regulares da doutrina por apresentarem as seguintes características:

- a) permitem a abordagem de temas espíritas ou de interesse dos espíritas, tanto por expositores espíritas como por especialistas de outras áreas do conhecimento;
- b) oportunizam o intercâmbio entre integrantes do movimento espírita para o estudo e para a discussão de temas doutrinários ou da organização do movimento;
- c) destinam-se, com especial ênfase, ao público não-espírita, onde se procura evitar o uso de uma linguagem doutrinante e do jargão espírita;
- d) assumem, eventualmente, o caráter de treinamento ou de formação de trabalhadores para o movimento espírita;
- e) pela dimensão do público que atraem, muitas vezes tais eventos se realizam fora da sede do CCEPA;
- f) dependendo do volume das despesas – material impresso, locações, propaganda, passagens aéreas e hospedagem de expositores, etc. -, os participantes pagam taxa de inscrição para custeio dos gastos.

O crescente prestígio que a SELC foi granjeando, especialmente fora do movimento federativo, graças aos eventos culturais abertos à comunidade, constituiu-se em estímulo a que a sociedade se transformasse, formalmente, em um Centro Cultural. Cuidou-se, na ocasião, de salientar, para prevenir interpretações equivocadas, que a Administração da sociedade não cogitava da exclusão, de seu elenco de tarefas, daquelas relacionadas com o atendimento socorrista, a exemplo da fluidoterapia, da desobsessão, das entrevistas, da visitação e da ação social, mas sim de fazer da Casa aquilo que ela realmente já era – um Centro Cultural Espírita. Não deveria

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

haver incompatibilidade entre as atividades de Centro Cultural e as de Centro Espírita, até porque estas se constituem, também, em laboratório experimental daquele.

Em 20 de setembro de 1991, a Assembléia Geral aprova o novo Estatuto que muda a denominação de Sociedade Espírita Luz e Caridade - SELC para Centro Cultural Espírita de Porto Alegre - CCEPA.

Desde a implantação do Projeto Kardequizar, em 1986, as sucessivas administrações defrontavam-se com o dilema de

como atrair um tipo de freqüentador que não fosse o que, habitualmente, procura o Centro Espírita. Inspirava-nos o modelo da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Allan Kardec usava como critério para admissão de novos membros, o estudo *prévio* das obras espíritas. Modelo do qual se distanciou o movimento espírita que adotou uma linha de propaganda doutrinante e de prestação de serviços, garantindo, com isso numerosas platéias.

Eis porque, fomos, paulatinamente, reduzindo ou eliminando as atividades meramente socorristas e procurando qualificar a abordagem do Espiritismo, ancorada no pensamento kardequiano.

Em conseqüência, a cada ano, o CCEPA foi sofrendo a perda de freqüentadores e de trabalhadores não sintonizados com o novo modelo. Em compensação, conseguimos, com menor quantidade de membros, estabelecer invejável unidade de vistas e constituir uma eficiente e afinada equipe de colaboradores, nos moldes dos pequenos grupos preconizados por Kardec. Hoje o CCEPA dispõe de uma Carta de Princípios que norteia suas ações e expressa, em seu texto sucinto, o caráter, a natureza e as finalidades da Instituição.

Apreciando proposta formulada pelo presidente do CCEPA, o seu Conselho Deliberativo, recém eleito, reunido em 9 de dezembro de 1994, deliberou iniciar os preparativos para a redação da Carta de Princípios do CCEPA, documento que enfeixará, de forma sintética, os valores (princípios), a missão e as finalidades da instituição.

Tal documento, valioso auxiliar em qualquer organização moderna, permite que seja clarificada o que se costuma denominar "a Filosofia da Instituição", norteando seus rumos e definindo o seu posicionamento ideológico.

Como é praxe da administração do CCEPA, todos os membros da Sociedade foram convocados a participar dos debates e da aprovação do referido documento.



Logomarcas antigas.



Salomão J. Benchaya

O VII EGE (Encontro de Grupos de Estudos do CCEPA), realizado dia 20 de maio de 1995, começou a discutir o Ante-Projeto da Carta de Princípios do CCEPA, elaborado pelo Conselho Deliberativo da instituição. Nesse mesmo ano, o documento foi aprovado.

Quatro anos depois, a Carta de Princípios foi revisada com a inclusão de outros itens relacionados à identidade, fundamentos e objetivos do Espiritismo, sendo, finalmente, em 3 de agosto de 1999, aprovada sua atual redação que é a seguinte:

CARTA DE PRINCÍPIOS

O Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, para a consecução dos seus objetivos, subordina sua ação aos seus próprios princípios, os quais derivam da seguinte interpretação da *identidade, fundamentos e objetivos* essenciais do Espiritismo:

ESPIRITISMO

IDENTIDADE

- É uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.
- É uma filosofia espiritualista de base científica cujo caráter racionalista e livre-pensador estimula o estudo, a cultura e a pesquisa com o propósito de orientar o ser humano na busca do autoconhecimento e da compreensão do mundo que o rodeia, resultando daí uma postura ética diante da vida que valoriza a educação e a elevação dos sentimentos.

FUNDAMENTOS

- A existência de Deus como “inteligência suprema e causa primária de todas as coisas”.
- A evolução compreendida como lei geral a que tudo o que existe está submetido.
- A preexistência, sobrevivência e comunicabilidade do espírito que, depois do que chamamos morte, conserva todas as suas faculdades intelectuais, morais e volitivas.
- A pluralidade das existências e dos mundos habitados como instrumentos do processo evolutivo.
- A lei de causa e efeito como disciplinadora da evolução no mundo físico e no mundo moral, tornando o homem responsável pelos seus atos e arquiteto do seu destino.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

OBJETIVOS

- Demonstrar a existência real, objetiva do Espírito, sua natureza, origem e destino, bem como as relações que estabelece com o mundo corporal.
- Demonstrar que o mundo espiritual é o mundo fundamental e permanente, sendo o mundo físico mero reflexo dele.
- Demonstrar que a evolução é lei geral a que tudo o que existe está submetido, sendo a reencarnação e a lei de causa e efeito recursos pedagógicos utilizados para estimular e facilitar a evolução espiritual.
- Demonstrar, finalmente, que o conhecimento espírita, pela revolucionária visão filosófica que oferece, afetando drasticamente a forma pela qual o homem e o mundo são percebidos, tem óbvias implicações morais, sugerindo racionalmente um comportamento pessoal, familiar e social orientado para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna.

CCEPA – PRINCÍPIOS

1. Conceber o Espiritismo como uma ciência de observação e uma filosofia com conseqüências morais que tem como objetivo o aprimoramento do homem;
2. Fundamentar a ação cultural nas obras e no pensamento de Allan Kardec.
3. Reafirmar o caráter dinâmico, otimista, progressivo, progressista e libertador do Espiritismo.
4. Valorizar o conhecimento como meio de libertação e crescimento.
5. Orientar seus trabalhos exclusivamente para as atividades de estudo, debate, pesquisa e divulgação do Espiritismo, objetivos essenciais de um Centro Cultural Espírita.



O grupo de Santos

Eu não poderia deixar de mencionar, neste trabalho, a influência do chamado “grupo de Santos” na transformação da Sociedade Espírita Luz e Caridade em um centro de cultura espírita de feição progressista, kardecista, livre-pensadora, humanista, laica e pluralista.

Ao falar em “grupo de Santos”¹⁵, na verdade, presto uma homenagem ao pioneirismo e à coragem daquele punhado de espíritas que, liderados pelo psicólogo e jornalista catarinense Jaci Régis, têm sido responsáveis pelo resgate do pensamento de Allan Kardec no movimento espírita brasileiro. Em Santos, o Centro Espírita Allan Kardec representava importante núcleo de debate e difusão de idéias, pela liderança do Jaci e de outros integrantes da casa, além de pessoas jovens estudiosas e dinâmicas, ligadas à Mocidade Espírita Estudantes da Verdade.



Jaci Régis.

É através do jornal *Espiritismo e Unificação* e do seu sucessor - o *Abertura* -, que o grupo de Santos, propõe, em 1978, a *espiritização como uma reação final ao igrejismo, aos desvios confessionais, ao mediunismo desenfreado, ao acriticismo que tem caracterizado nosso movimento espírita brasileiro* na busca da melhor identificação da Doutrina. Faz uma releitura da obra kardequiana e recoloca em discussão a questão de o Espiritismo ser ou não ser uma religião.

Em 1986 foi formada uma chapa, denominada “Unificação, Hoje! Para os novos tempos uma nova USE”, para concorrer às eleições da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Essa chapa era encabeçada por Henrique Diegues (Presidente), de Santos, e dela faziam parte um grupo de espíritas, já atuantes na USE, que apoiavam a idéia de um movimento com livre debate de idéias. Compunham a chapa, ainda: Marcos Miguel da Silva e Ciro Felice Pirondi (vice-presidentes); Geraldo de Souza Spinola (Secretário Geral); Rui Brasil Assis, Amâncio Prestupa e Nair Aparecida de Souza (Secretários); Antônio Roberto Bocalon e Luiz Salvador Cacacci (Tesoureiros); Galeno Ribeiro da Silva (Patrimônio);

¹⁵ Denominação empregada, na época, em sentido pejorativo, e que entrou em desuso pois que o “grupo” agregou, posteriormente, integrantes não residentes em Santos e, em parte, passou, a partir de 1994, a integrar os quadros da CEPA, no Brasil.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Mauro de Mesquita Spínola (Orientação Doutrinária); Marina França (Educação Infantil); Leile Fortunata Cacacci (Educação Espírita); Egidio Régis (Relações Públicas); Jaci Régis (Comunicações); Éden Dutra Nascimento (Organização); Leonildo Maganhato (Assessor de Planejamento), Aleita Camargo de Souza (Assessora de Tesouraria), Alcione Moreno (Assessora de Educação) e Magda Selvera Salomão (Assessora de Comunicação). Essa chapa foi a primeira apresentada ao CDE Conselho Deliberativo Estadual. Depois dela, e em resposta a ela, formou-se uma chapa concorrente, denominada “Tríplice Aspecto”, integrada por Nedyr Mendes da Rocha (Presidente); Flávio Pasquinelli e Marília de Castro (Vice-Presidentes); Carlos Teixeira Ramos (Secretário Geral); Alberto José G. Filho, Joaquim Soares, Antônio César Perri de Carvalho (Secretários); Atílio Campanini e Waldemar Fabris (Tesoureiros) e Carlos Cirne (Patrimônio). Marília de Castro e Antônio César Perri de Carvalho lideraram sua formação. A campanha foi acalorada. A chapa “Tríplice Aspecto” divulgava por todos os meios que a concorrente iria “tirar Jesus e a prece do Espiritismo”. Nas visitas aos órgãos regionais, muitas vezes os dirigentes recebiam a chapa “Unificação, Hoje!” com reservas, e dedicavam pouco espaço para sua apresentação, muitas vezes já antecipando aos presentes as reservas que tinham. Através de alguns periódicos também houve discussão. Em 13 de julho de 1986, o Conselho Deliberativo Estadual da União das Sociedades Espíritas de São Paulo, com a presença maciça de 76 entidades representativas, na sede do C.E. Nosso Lar, na Capital paulista, em clima de muita tensão, elegeu a Diretoria da USE. A vitória dos religiosos não deixou dúvidas sobre a vontade da maioria: 63 a 13.

Em São Paulo, aconteceu, de 22 a 24 de agosto de 1986, o 7º Congresso Estadual Espírita da USE, no Hotel Fazenda, em Águas de São Pedro. Foi o acontecimento mais comentado do movimento espírita daquele ano, em que o *grupo de Santos*, liderado por Jaci Régis, contestava o aspecto religioso do Espiritismo e propunha a *espiritização* ao invés da *evangelização*. O debate mais esperado foi o da questão religiosa (É o espiritismo uma religião?), com presença de Natalino D’Oliveira e Krishnamurti de Carvalho Dias. Krishnamurti apresentou o trabalho “*Moral e Religião*” que, em seguida, se transformaria no livro “*O Laço e o Culto*”, importante e polêmica obra em que recoloca o pensamento de Allan Kardec quanto ao caráter do Espiritismo e sustenta que o Espiritismo não é religião. Depois do Congresso, a diretoria da USE – a chapa “Tríplice Aspecto” – seguiu a publicação dos anais. Só quando outro grupo assumiu a USE eles foram finalmente publicados, dez anos depois.

Quando Jaci Régis veio, pela primeira vez, ao Rio Grande do Sul, eu estava na presidência da FERGS. Veio a convite de um grupo liderado pela Glória Martins, de Pelotas. Eu ainda não tivera contato mais aprofundado com suas idéias e ainda guardava reservas a respeito delas, até porque eu e os demais companheiros da SELC que atuávamos na Federação ainda não havíamos efetuado a releitura da obra kardequiana,



o que nos levaria ao posicionamento não-religioso no Espiritismo.

Toda aquela movimentação dos paulistas acabou nos motivando a investigar melhor a obra de Kardec, agora relendo-a com outro olhar que não o da convicção religiosista que é predominante em nosso movimento. Agora, relíamos o pensamento kardequiano, espicaçados pelas verberações de Jaci Regis, buscando nos certificar se, realmente, o fundador/codificador recusara enquadrar o Espiritismo na classificação religiosa.

O leitor poderá imaginar que, certamente, não havíamos lido Kardec até então, visto que não foram poucas as vezes em que ele negou ser o Espiritismo uma religião – veja-se a antologia elaborada pelo Jones e reproduzida no Anexo 1. O que acontece é que, no meio espírita, tão difundida é a idéia de que o Espiritismo é religião que, sem uma leitura atenta e isenta, somos levados a aceitar e repassar tal visão. Não se pode esquecer que há uma crença generalizada de que o indivíduo “precisa ter uma religião” e que “religião conduz a Deus”, sendo catalogados como “ateus” e “materialistas” os que não professam uma religião.

Havíamos sido “formados” no Espiritismo “religioso” e nossa “cabeça” ainda estava impregnada desse discurso. Relendo os antigos documentos da SELC – alguns trechos foram reproduzidos no capítulo “Uma Panorâmica Histórica” – neles encontramos expressões típicas dessa postura “religiosa”.

Aliás, essa visão religiosista sobre Espiritismo está refletida nos programas e roteiros da Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, elaborados pela FERGS, a partir de 1978, em cujos anexos se encontram afirmações categóricas sobre o tríplice aspecto – Ciência, Filosofia e Religião – que foram usadas durante a campanha que o movimento espírita gaúcho desencadeou contra a diretoria da FERGS na chamada “questão religiosa”. Era como se não tivéssemos o direito de mudar de idéia a respeito da interpretação que antes tínhamos sobre Espiritismo.

A década de 80 também foi marcada pela realização do ENSASDE – Encontro Nacional sobre o Aspecto Social da Doutrina Espírita¹⁶, evento arquitetado por jovens do Núcleo Espírita Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (NRU-UFSC) e na Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná, para discutir a proposta social do Espiritismo. A iniciativa logo recebe o apoio de espíritas paulistas, entre os quais os integrantes do “grupo de Santos”. O I ENSASDE realizou-se entre os dias 16 e 18 de fevereiro de 1985, em Santos-SP, patrocinado pelo jornal “Espiritismo e Unificação”. O II ENSASDE foi realizado em S. Paulo-SP, de 28 de fevereiro a 3 de março de 1987, no qual Milton Medran Moreira participou do módulo “Espiritismo e Constituinte”, sub-tema “Justiça”. O III ENSASDE foi o último evento desse tipo, realizado em Salvador-

¹⁶ Os dados sobre o ENSASDE constam do trabalho “1980-1989: Um relato de eventos espíritas realizados em São Paulo”, apresentado por Marissol Castello Branco no V Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, realizado de 21 a 23.11.1997, em Cajamar-SP.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

BA, em 1989.

Em 1989, de 11 a 13 de agosto, é realizado o SNPE – Simpósio Nacional do Pensamento Espírita, promovido pelo jornal ABERTURA, em Santos-SP, evento que depois passou a se chamar Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita – SBPE, “um espaço aberto para os escritores, pensadores, pesquisadores e estudiosos espíritas divulgarem ou debaterem sua produção científica e cultural, num plenário livre para a manifestação do pensamento espírita de qualquer natureza”.

É nesses Simpósios, realizados bianualmente, que se intensificam os contatos do CCEPA e de outros grupamentos gaúchos com o segmento “laico” do espiritismo brasileiro. Forma-se o “eixo” São Paulo-Rio Grande do Sul onde se concentraria, a partir daí, o movimento de resgate do pensamento de Allan Kardec. No III SBPE, em 1993, eu e o Milton Medran somos apresentados ao então presidente da CEPA, Jon Aizpúrua, dele recebendo o convite para o CCEPA integrar a Confederação Espírita Pan-Americana.

Em 1995, o IV SBPE é realizado em Porto Alegre-RS, única vez em que ocorreu fora de São Paulo. O evento, patrocinado pelo jornal ABERTURA, de Santos, com a colaboração logística do CCEPA, aconteceu nos dias 12, 13, 14 e 15 de outubro, tendo por local o CETAF - Centro Técnico de Aperfeiçoamento e Formação da CEEE-Companhia Estadual de Energia Elétrica, em cujas confortáveis instalações também se hospedaram os participantes de outros Estados.

O movimento espírita do Rio Grande do Sul jamais realizara evento com essas características. Muito menos um evento organizado por um Centro Espírita. Tradicionalmente, no Rio Grande do Sul, tais iniciativas eram exclusivas da FERGS. Isso motivou a censura da FERGS, manifestada em ofício¹⁷ datado de 25 de março de 1995, assinado pelo seu presidente Jason de Camargo, em que comunicava o desligamento do CCEPA de seus quadros, em razão do pedido de adesão à CEPA formulado em 10.01.95. A exclusão aconteceu antes mesmo da realização do simpósio, com base simplesmente na informação de que o CCEPA seria o responsável pela sua promoção em Porto Alegre e antes de se tornar oficial a adesão à CEPA, que só aconteceria em 08 de julho de 1995.

No ofício encaminhado à FERGS, em 13 de maio de 1995, eu e Milton declaramos:

“...o CCEPA rejeita a censura feita pela FERGS, no mesmo ofício, à ‘realização de atividades em regime de parceria com outras Entidades fora de nosso Estado extrapolando, assim, o âmbito de atuação de uma Instituição adesa o que tipifica uma justaposição de funções em nosso Movimento Espírita possibilitando, inequivocamente, o descontrole futuro de nossa ordem administrativa’ (sic).”

“Embora não expressa, a censura volta-se à realização, aqui, do IV SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA que, juntamente

¹⁷ Esse ofício se acha transcrito no Capítulo “O CCEPA NA CEPA”.



Salomão J. Benchaya

com a LICESPE, de Santos-SP, e, sob o patrocínio do jornal ABERTURA, daquela cidade, estaremos promovendo em outubro próximo.”

“O aludido evento tem características culturais próprias, com dinâmica jamais observada por qualquer outro evento realizado pelo movimento Espírita oficial. Permite o debate de idéias franco, com participação aberta de todos os interessados. Sua abrangência teórica é todo o território nacional e seu conteúdo é o *pensamento* espírita, sem qualquer preocupação com programas de institucionalização de um novo movimento. É, pois, suprainstitucional, como convém, aliás, a qualquer grande evento que vise não o controle organizacional ou ideológico de um movimento, mas, sim, o desenvolvimento de idéias capazes de sobrepair os organismos e as instituições.”

“Não vemos como o apoio oferecido por este Centro Cultural à realização de um evento dessa natureza possa, de alguma forma, caracterizar a alegada ‘justaposição de funções’ ou até determinar ‘o descontrole futuro’ da ordem administrativa dessa Federação.”

A década de 80 foi decisiva no processo de reflexão interna do movimento espírita brasileiro. O trabalho pioneiro do “grupo de Santos”, ao qual se aliaram as lideranças gaúchas, estabeleceram as condições para que a CEPA retornasse ao Brasil e pudesse aqui realizar um Congresso tratando de atualização do Espiritismo.



Da Religião Espírita ao Laicismo
A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre





Intercâmbio cultural

Desde seus primórdios, a SELC recusou o isolamento, participando ativamente das iniciativas do movimento espírita. A partir da gestão de Maurice Jones, intensifica-se o relacionamento institucional. Do quadro de palestrantes da SELC participam diversos integrantes da Federação e de outras casas espíritas. A presença de sua equipe de “evangelizadores” nas reuniões de orientação e nos cursos promovidos pela FERGS é constante. Seus jovens são destaque nas confraternizações e festivais de arte. Na sede da SELC encontram-se os jovens líderes do espiritismo portoalegrense. Desde 1979, por vários anos, a SELC serve de base para a promoção da “Caravana de Natal”, integrada por trabalhadores de várias sociedades espíritas da Capital. A SELC também é referência nos trabalhos conhecidos como Caravana de Visitação aos Lares e Campanha da Fraternidade “Auta de Souza”, fazendo-se presente nos encontros federativos dessas áreas.

· Conferências, cursos e seminários

É, todavia, a partir de 1988, com a criação do Departamento Centro Cultural Espírita¹⁸, que assume importância na casa a realização de eventos culturais. Expositores de renome nacional e internacional são convidados para realizar conferências e coordenar seminários e cursos. Entre eles, merecem destaque Alexandre Sech, Ney Paulo de Meira Albach, André Luiz Peixinho, Djalma Motta Argolo, Adenauer Marcos Ferraz de Novaes, Henrique Rodrigues, Ney Prieto Peres, Jaci Regis, Jon Aizpúrua, Bárbara Ivanova, Carlos Augusto Perandréa, Moacir Araújo Lima e Divaldo Pereira Franco.

Em 1992, é criado o Departamento de Eventos Externos com a função de organizar eventos abertos ao público espírita e não-espírita. Em 1994, com a realização do I ESPE, os eventos assumem caráter reflexivo e questionador dos rumos do movimento espírita e passam a incentivar a produção cultural, inspirados na experiência paulista do SBPE.

· Eventos organizados pelo CCEPA

O I ESPE – Encontro Estadual do Pensamento Espírita, ocorreu nos dias 17 e 18 de setembro de 1994, do qual participaram 116 pessoas,

¹⁸ Inicialmente, Centro Cultural Espírita constituiu-se como um departamento da SELC. Somente em 20.09.91, a Assembléia Geral da SELC modifica os Estatutos e a transforma em Centro Cultural Espírita de Porto Alegre.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

sendo as principais delegações procedentes da Capital, de Santa Maria, Pelotas e Bagé. Estiveram presentes os confrades Jaci Régis e Roberto Rufo, da redação do jornal "Abertura" de Santos-SP. O I ESPE, que teve caráter de prévia do IV Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita (SBPE), ocorrido em Porto Alegre, em 1995, fixou os seguintes objetivos: a) analisar as tendências do movimento espírita frente à cultura; b) discutir o modelo atual do Centro Espírita face ao pensamento kardequiano; c) subsidiar o IV SBPE.

A programação teve início na tarde do sábado, dia 17 de setembro, com a exposição de José Dornelles Budó, dirigente espírita de Santa Maria-RS, fazendo uma análise histórica do Movimento Espírita no Brasil. Seguiu-se o trabalho em grupos sobre o tema "A Cultura Espírita em Questão", tendo como provocador Milton Medran Moreira. À noite, o jornalista e psicólogo Jaci Régis proferiu palestra sobre a "Evolução do Pensamento Espírita no Brasil", seguindo-se debates com o público presente. No domingo, dia 18, pela manhã, novamente os grupos reuniram-se para discutir a questão "O modelo atual do Centro Espírita é fiel ao pensamento kardequiano?", provocada¹⁹ por Salomão Benchaya.

No período de 12 a 15 de outubro de 1995, após mais de um ano de preparativos, realiza-se, nas amplas e confortáveis instalações do Centro Técnico de Aperfeiçoamento e Formação (CETAF), da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), do Rio Grande do Sul, o IV Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita (SBPE), patrocinado pela LICESPE e pelo Jornal ABERTURA, de Santos-SP, e organizado pelo CCEPA.

Com 180 participantes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, S.Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, além de uma delegação Argentina, o Simpósio propiciou excelentes momentos de cultura e confraternização. Três conferências e quatorze trabalhos previamente inscritos foram apresentados.

Esteve presente no IV SBPE um grupo de espíritas argentinos da cidade de Rafaela, Província de Santa Fé, integrantes da CEPA, liderados pelo seu Vice-



IV SBPE, vendo-se, à mesa, da esquerda para a direita, Milton Moreira, Maurice Jones, Salomão Benchaya e Jaci Régis.

¹⁹ A expressão "provocador" é adotada no CCEPA, a partir dessa época, para designar a pessoa encarregada de coordenar estudos e debates, justamente para enfatizar o caráter reflexivo, questionador, participativo e interativo da reunião. O *estudo problematizador* também apresenta essa característica.



Presidente Alejandro Ruiz Diaz.

Por iniciativa do CCEPA e organizado pelo Grupo de Cultura Espírita Bageense (GCEB), liderado pela saudosa odontóloga Nórís dos Santos Paiva, estiveram reunidos, nos dias 26 e 27 de abril de 1997, na cidade de Bagé, a 380 km de Porto Alegre, cerca de 30 dirigentes e integrantes daquele grupo, do GEPDE-Grupo de Estudos, Pesquisa e Difusão Espírita de Rio Grande, do CCEPA e representantes da CEPA. O encontro foi realizado na sede do Cantegril Clube de Bagé e marcou o início, no Rio Grande do Sul, de um movimento de aproximação e intercâmbio entre espíritas, grupos e instituições identificados com o pensamento kardecista.

Prosseguindo no objetivo de intensificar relações com outros grupos espíritas afinados com nossas idéias, o CCEPA esteve em Pelotas no dia 7 de junho de 1997, em um novo encontro, articulado pelo psicólogo Octaviano Pereira das Neves, na S.E. Casa da Prece, posteriormente em Santa Maria, e novamente em Pelotas, em 13 de dezembro de 1997, na Sociedade Pelotense de Estudos Espíritas, onde ficaram definidas as diretrizes para a realização, em 1998, nos moldes do SBPE, do I Simpósio Gaúcho do Pensamento Espírita, sendo sua Comissão Organizadora coordenada por Salomão Jacob Benchaya. O I SGPE teve como entidades promotoras, além do CCEPA, o GEPDE, de Rio Grande, o GCEB, de Bagé, a SPEE e a Casa da Prece, de Pelotas, e a S.E. Roberto Barbosa Ribas, de Santa Maria.

Nos dias 22, 23 e 24 de agosto de 1997, o psicólogo e escritor espírita catarinense Jaci Regis, esteve no RGS, a convite do CCEPA, participando das atividades da CEPA e fazendo o lançamento do seu livro "Introdução à Doutrina Kardecista". De 21 a 23 de novembro desse ano, 12 integrantes do CCEPA participam, em Cajamar-SP, do V SBPE, onde é feita a apresentação do trabalho "Uma proposta pedagógica para a Educação Espírita da infância e da juventude", por Fátima Canellas Benchaya.

Em 1998, é promovido, em Porto Alegre, o I Simpósio Gaúcho do Pensamento Espírita (SGPE), no período de 21 a 23 de agosto, tendo por conferencistas

Jon Aizpúrua e Maurice H. Jones cujos temas foram, respectivamente, "*Manuel Porteiro e a Sociologia Espírita*" e "*Verdade e Liberdade*". Houve apresentação de sete trabalhos e a realização de um Painel sobre "Definição e Rumos da Cultura Espírita".

O I SGPE constituiu, sem dúvida, um marco



I SGPE, vendo-se à mesa, Jon Aizpúrua, Milton Medran e Donarson Machado.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

para a produção cultural espírita gaúcha. Seis dos sete trabalhos inscritos (um dos autores não compareceu) demonstraram que é possível melhorar o nível cultural e doutrinário do movimento espírita quando o estudo, a pesquisa e o debate são estimulados, justamente os objetivos centrais do evento que reuniu, na sede do CCEPA, 91 participantes de Porto Alegre, Bagé, Santa Maria e Pelotas, no RS, de Curitiba-PR, São Paulo-SP, Santa Rosa-Argentina e Caracas-Venezuela.

A Comissão Organizadora do I SGPE foi integrada por Salomão Jacob Benchaya, Conceição Advaz Mohnsam, Nórís dos Santos Paiva e Hélio Ribas, representando, respectivamente, o CCEPA (entidade organizadora), a Soc. Pelotense de Estudos Espíritas, o Grupo de Cultura Espírita Bageense e a Soc. de Estudos Espíritas Roberto Barbosa Ribas de Sta. Maria-RS.

O II Simpósio Gaúcho do Pensamento Espírita - SGPE foi realizado nos dias 7 e 8 de setembro de 2001, em Pelotas-RS, tendo como tema central "O Espiritismo em Atualização". A organização ficou a cargo da S.E. Casa da Prece e Sociedade Pelotense de Estudos Espíritas.

O Centro Cultural Espírita de Porto Alegre teve destacada participação no II SGPE, inclusive na fase de planejamento. Além da conferência de abertura – "Espiritismo: um diálogo sempre atual", a cargo de seu Diretor de Comunicação Social, Milton Medran Moreira, três outros Diretores do CCEPA apresentaram trabalhos, a saber: Rui Paulo Nazário de Oliveira, com o tema "Uma Concepção Atualizada da Ação de Deus"; Carlos Grossini com o tema "Uma visão atualizada da Mediunidade"; Salomão Jacob Benchaya, com o tema "Grupos Autônomos de Espiritismo" (GAE). Os mesmos dirigentes do CCEPA participaram, também, de um Painel sobre a Atualidade do Espiritismo.

De 26 a 28 de maio de 2005, o CCEPA organiza o "I Encontro de Delegados e Amigos da CEPA – Região Sul", evento promovido pela Associação Brasileira de Delegados e Amigos da CEPA - CEPAmigos, instituição que congrega os delegados e amigos da Confederação Espírita Pan-Americana, no Brasil, divulgando seu pensamento em todo o território nacional.

Na conferência de abertura, na noite de 26 de maio, Ademar Arthur Chioro dos Reis abordou o tema "O Papel da Mediunidade e dos Espíritos na Atualização do Espiritismo". Na oportunidade, Ademar lançou seu livro "Mecanismos da Mediunidade – Processo de Comunicação Mediúnica", obra escrita a partir de trabalho desenvolvido pelo autor, com a colaboração de seus companheiros do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita – CPDoc.

Na sexta-feira (27/5), foram realizadas atividades internas com os delegados e dirigentes da CEPA presentes ao Encontro.

Na tarde de sábado (28/5), foi realizado o painel "O Que é a CEPA", com a participação de dirigentes da Confederação Espírita Pan-Americana presentes ao Encontro. Os dirigentes da CEPA, na oportunidade, responderam às perguntas que lhes foram formuladas. Durante o evento,



ocorreu uma reunião do Conselho Executivo da CEPA.

· **Participação de membros do CCEPA em eventos**

A primeira participação do CCEPA em eventos culturais acontece em 1987, no período de 31 de outubro a 2 de novembro, em Curitiba, numa promoção, denominada "XIX – Século de Kardec", levada a efeito pelo Centro Espírita "Luz Eterna", em comemoração aos 40 anos de sua fundação.

Desde 1989, quando tem início o Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita (SBPE), o CCEPA tem sido uma presença destacada, com numerosas delegações e com apresentação de trabalhos, cuja descrição detalhada se encontra na relação contida no Anexo 3.

Em 7 de fevereiro de 1998, Donarson Floriano Machado, Salomão Jacob Benchaya e Milton Medran Moreira participam de mesa-redonda e conferência pública a convite da S.E. André Luiz, de Livramento-RS.

A convite dos Centros Espíritas "Allan Kardec" e "Ângelo Prado", de Santos-SP, a profa. Maria de Fátima Canellas Benchaya, do CCEPA, em julho de 1998, coordena um Encontro para aprofundar o tema "Uma proposta pedagógica para a educação espírita da infância e da juventude", originalmente apresentado pela autora no V SBPE, em Cajamar-SP. No dia 25 de julho, participa como expositora no "Simpósio sobre Educação e Espiritismo", abordando o tema "Práticas Educacionais", evento que marcou os 10 anos do Centro de Pesquisas e Documentação Espírita-CPDoc, de Santos-SP.

Milton Medran Moreira, Salomão Benchaya e Alice Calixto participam do Encontro de Delegados e Amigos da CEPA, em Curitiba-PR, dia 15 de agosto de 1998, na sede do C.E. Luz Eterna, com a presença de Jon Aizpúrua.

Nos dias de 7 a 11 de outubro de 1998, 27 integrantes do CCEPA – a maior delegação dentre os grupos de brasileiros - participam da XIII Conferência Regional Espírita Pan-Americana, evento patrocinado pela CEPA, em Maracay-Venezuela, cujo tema central foi "Respostas do Espiritismo aos Problemas do Mundo Atual". Milton Medran Moreira, Salomão Benchaya e Moacir Araújo Lima, representando o CCEPA, apresentaram trabalhos. Do Rio Grande do Sul seguiram com a delegação do CCEPA mais seis participantes de Santa Maria, (Sociedade de Estudos Espíritas Roberto Barbosa Ribas e Sociedade Espírita Estudo e Caridade), inteirando 33 gaúchos que se somaram a outras delegações do Paraná, São Paulo e Estado do Rio de Janeiro e Mato Grosso, marcando a maior participação brasileira em evento dessa natureza promovido pela Confederação Espírita Pan-Americana.

Nos dias 19, 20 e 21 de janeiro de 2001, teve lugar no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, SP, o 1º ENCOESP – Encontro Espírita, promovido pela USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, com a participação de instituições espíritas especializadas.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

O ENCOESP consistiu de palestras, conferências, seminários, *workshops*, demonstração de pintura mediúnica, apresentação de comunicações obtidas através da transcomunicação instrumental, mostras de arte. Tudo isso em apresentações simultâneas, com a utilização dos dois auditórios, o grande para quase 4 mil pessoas, o Ellis Regina para 1.200 pessoas e mais 6 salas menores, nos três dias, com a participação de mais de uma centena de oradores conhecidos. Houve também exposições de fotos, documentos históricos do movimento espírita, arte pararealista e outras. Cerca de 20 editoras espíritas participaram com estandes de livros e autógrafos de mais de 30 escritores espíritas. Também, houve área de estandes das instituições especializadas e das que congregam outras instituições ou que tinham trabalhos de destaque no movimento espírita. Foram realizadas atividades literárias, teatro profissional para adultos e crianças, apresentações musicais, culturais e ainda, atividades artísticas, para adultos e crianças, além da praça de alimentação.

Participaram do evento 26 instituições espíritas: Aliança Espírita Evangélica; Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (ABRAPE); Associação das Distribuidoras e Editoras do Livro Espírita (ADELER); Associação dos Divulgadores de Espiritismo do Estado de São Paulo (ADE-SP); Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP); Associação Nacional dos Transcomunicadores (ANT); Centro de Defesa da Vida (CDV); Centro Espírita Nosso Lar Casas André Luiz; Coligação Espírita Progressista; Confederação Espírita Pan-Americana (C.E.P.A.); Confraternização das Campanhas Auta de Souza (CONCAFRAS); Federação Espírita Brasileira (FEB); Fraternidade dos Discípulos de Jesus; Instituição Beneficente Nosso Lar (IBNL); Instituto Cultural Kardecista de Santos (ICKS); Instituto de Intercâmbio do Pensamento Espírita Pernambuco (IPEPE); Lar Fabiano de Cristo; Liga Espírita de São Paulo; Rede Boa Nova de Rádio; Serviço Espírita de Divulgação e Assistência (SEDA); Sinagoga Espírita Nova Jerusalém de São Paulo; União dos Delegados Espíritas do Estado de São Paulo (UDESP); União Federativa Espírita Paulista; Instituição Assistencial Meimei; Conselho Espírita Internacional e USE-União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

Uma grande feira do livro espírita ocorreu durante o evento, com a participação da ADELER – Associação das Distribuidoras e Editoras do Livro Espírita e cerca de 20 editoras espíritas. Mais de 30 autores autografaram seus livros, durante todo o evento.

A Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, publicou um livro denominado “A CEPA e a Atualização do Espiritismo”, com o apoio do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, objetivando divulgar temas abordados naquele evento e as atividades da CEPA. Seu lançamento ocorreu durante o I ENCOESP, sendo sua venda realizada no estande da LICESPE. O livro tem 264 páginas, com capa de Maurice H. Jones, reunindo trabalhos de Ademar Arthur C. dos Reis, Alejandro Ruiz Díaz, Dante López, Dinorá Fraga da Silva, Jaci Regis, Jon Aizpurua, Krishnamurti de Carvalho Dias, Luiz Signates, Mauro de Mesquita Spínola,



Salomão J. Benchaya

Milton Rubens Medran Moreira, Reinaldo Di Lucia, Salomão Jacob Benchaya (org.), Sandra Jacqueline Stoll, Wilson Garcia e Yolanda Polimeni de A. Pinheiro.

A Confederação Espírita Pan-Americana, desde os primeiros momentos em que a USE idealizou o I ENCOESP dispôs-se a participar do evento, dando-lhe pleno e cabal apoio. Das reuniões preparatórias participaram vários Delegados da CEPA, em São Paulo, credenciados pelo ex-presidente Jon Aizpurua. Tão logo assumiu o novo Conselho Executivo, sob a presidência de Milton R. Medran Moreira, foi designado o 2º vice-presidente, o paulista Ademar Arthur Chioro dos Reis, para representar a CEPA junto à USE, definindo a participação da Confederação Espírita Pan-Americana que, inclusive, montou um estande no local.

O I ENCOESP foi fruto de histórico acordo celebrado pelas instituições participantes, após reuniões promovidas na USE, visando somar esforços pela difusão da Doutrina Espírita, com base nas obras de Allan Kardec. Em 23 de setembro de 2000, foi produzido o documento "Acordo de União pela Difusão da Doutrina Espírita", firmado, em 23 de setembro de 2000, pelas instituições que participaram desse evento no Anhembi.

Mais do que sua capacidade de mobilizar um público interessado em conhecer melhor o Espiritismo, seus princípios e suas propostas, o ENCOESP inaugurou uma nova política de relacionamento e de produção de trabalho cooperativo entre segmentos diversificados do movimento espírita. Esse mega-evento despertou a esperança, em relação aos rumos do movimento espírita brasileiro, de que este, a partir de iniciativas dessa natureza, poderá melhor administrar suas naturais divergências internas e construir conjuntamente em favor da melhor divulgação do Espiritismo.

Lamentavelmente, o II ENCOESP não chegou a ser realizado em decorrência da reação de segmentos conservadores do movimento espírita.

Em 2002, ocorreu em São Paulo-SP, a XIV Conferência Regional Espírita da CEPA. Tradicional evento da CEPA, que se realiza de quatro em quatro anos em um país do continente americano, a Conferência Regional Espírita Pan-Americana de São Paulo aconteceu em meio a uma séria crise econômica e política que atingiu em cheio alguns países onde a Confederação Espírita Pan-Americana tem suas mais fortes raízes. Mesmo assim, o evento reuniu 214 delegados da Argentina, Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Porto Rico e Venezuela, que participaram ativamente dos diversos painéis, mesas-redondas e fóruns de temas livres e de comunicação social, onde a temática "Atualizar para Permanecer", permitiu amplas abordagens de questões sociais, políticas, científicas, filosóficas, artísticas e morais relativas ao nosso tempo, sob o enfoque espírita.

O Centro Cultural Espírita de Porto Alegre formou uma caravana de 21 de seus integrantes para participarem daquele evento que transcorreu de 14 a 17 de novembro. Toda a Diretoria Executiva da entidade, presidida

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

por Rui Paulo Nazário de Oliveira, esteve presente na Conferência.

Donarson Floriano Machado e José Joaquim Marchisio inscreveram trabalho para o Fórum de Temas Livres da Conferência com o título de “Ideologia Espírita”, além de um trabalho que apresentei sobre o tema “Espiritismo, Ecologia e Educação”.

Junto com a delegação do CCEPA, viajaram a São Paulo espíritas das cidades de Santa Maria, Viamão, Canoas e Pelotas, inscritos para a Conferência, totalizando uma delegação de 39 pessoas.

Em 2004, realiza-se o XIX Congresso Espírita Pan-Americano, de 8 a 12 de setembro, na cidade argentina de Rafaela, com a participação de cerca de 600 inscritos.

Como sempre tem ocorrido nos eventos da CEPA, foi intensa a presença de integrantes do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre nesse congresso. Sob a coordenação de Milton Lino Bittencourt e Marta Samá, o CCEPA organizou uma excursão com ônibus especial que levou cerca de 30 participantes do Rio Grande do Sul, pertencentes ao movimento espírita de Porto Alegre, Santa Maria, Alegrete e Manuel Viana. Na organização do Congresso, colaboraram intensamente Milton Medran Moreira, Salomão Jacob Benchaya e Tereza de Mayo, integrantes do CCEPA que, igualmente, integram o Conselho Executivo da CEPA. Rui Paulo Nazário de Oliveira, então presidente do CCEPA, foi eleito para integrar o Conselho Fiscal da CEPA na nova gestão. Maurice H. Jones integrou a Comissão de Avaliação de Temas Livres.

Um destaque especial para a atuação de Carlos Grossini no painel “Mediunidade e Evolução Consciente” e para Maria de Fátima Benchaya e Mariana Canellas Benchaya, também da delegação do CCEPA, com o trabalho “Instituição espírita: o olhar do jovem sobre este espaço”, para o Fórum de Temas Livres do Congresso. Moacir Costa de Araújo Lima, que também é colaborador do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, teve destacada atuação nesse congresso como painelistas e autor de dois trabalhos para o Fórum de Temas Livres. Milton Medran Moreira, durante o congresso, fez lançamento de seu livro “Direito e Justiça, um Olhar Espírita”.

Nesse importante evento, os delegados presentes, representando entidades filiadas à Confederação, situadas na Argentina, Brasil, Colômbia, Estados Unidos, México, Porto Rico e Venezuela, aprovaram um novo estatuto que moderniza a CEPA e torna mais ampla a participação de seus membros, horizontalizando decisões e criando novas áreas de trabalho. Milton Medran Moreira é reeleito para o quadriênio 2004/2008.

· *Visitas e conferências de membros do CCEPA*

Como diretor do CCEPA e, também, presidente da CEPA, Milton Medran Moreira tem feito inúmeras viagens pelo Brasil e a outros países, tais como Argentina, Venezuela, Colômbia, Porto Rico, Portugal e Espanha, onde mantém vários contatos e profere conferências doutrinárias.



A Sociedade de Estudos Espíritas Roberto Barbosa Ribas, de Santa Maria, RS, promoveu, em 2000, o curso *Fundamentos da Filosofia e a Filosofia Espírita*, em comemoração ao 3º aniversário de sua fundação. O evento teve sua abertura a cargo de Milton Rubens Medran Moreira e o encerramento uma Mesa Redonda coordenada por Salomão Jacob Benchaya. Alí também estiveram nossas trabalhadoras Sílvia Moreira, Margarida Nunes e Iolanda Marques da Silva.

Na noite de 31 de março de 2000, Milton Medran Moreira, a convite do Centro de Estudos Espíritas Allan Kardec, nova instituição espírita da cidade gaúcha de Carazinho, proferiu conferência inaugural das atividades públicas daquele centro. Uma delegação de onze integrantes do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre prestigiou o evento de Carazinho, onde, no dia 1º de abril, Milton Moreira foi entrevistado no programa radiofônico *Tribuna Livre*, da Rádio Gazeta.

A convite da Sociedade Espírita Estudo e Caridade, de Santa Maria, Milton R. Medran Moreira, pronunciou conferência com o tema “O Livro dos Espíritos – do século 19 ao século 21” no auditório daquela instituição, na noite de 17 de abril de 2000, em comemoração ao 143º aniversário da mais importante obra de Allan Kardec.

Os diretores do CCEPA Salomão Jacob Benchaya e Rui Paulo Nazário de Oliveira estiveram no dia 27 de maio de 2000 na cidade de Santa Maria participando do encerramento do Curso de Filosofia e Filosofia Espírita promovido pela Soc. De Estudos Espíritas Roberto Barbosa Ribas, presidida pelo professor Hélio Ribas.

Em evento realizado em 28 de junho de 2000, no Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi instalado oficialmente o Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Espiritualidade, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade. Prestigiaram essa instalação, o vice-presidente do CCEPA, Rui Paulo Nazário de Oliveira e os diretores Salomão Jacob Benchaya, Milton Medran Moreira, Marta Samá e Eva Samá Rodrigues.

A convite do Centro Espírita Anjo da Guarda, de Itajaí, SC., Milton R. Medran Moreira, Diretor de Comunicação Social do CCEPA e presidente da CEPA, esteve, em 15 de dezembro de 2000, naquela cidade do litoral norte catarinense, proferindo palestra pública e participando de mesa redonda com dirigentes espíritas locais.

Milton Medran Moreira e Salomão Jacob Benchaya participaram, em 24 de março de 2001, do 3º Encontro de Estudos Espíritas, de Santa Maria-RS, na dupla condição de membros do CCEPA e da CEPA, sendo responsáveis pelos temas “O efeito da Educação na vida social e após a morte” e “Consciência Ecológica na vida material e espiritual”. O Encontro foi promovido pela Sociedade de Estudos Espíritas “Roberto Barbosa Ribas” como parte das comemorações de seu 4º aniversário.

Como parte da programação do mês do livro espírita e do 74º aniversário da Sociedade Estudo e Caridade, de Santa Maria, Milton Medran Moreira, proferiu naquela cidade, na noite de 30 de maio de 2001,

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

conferência sobre o tema “Direitos Humanos no Livro dos Espíritos”, evento que foi assistido por mais de 200 pessoas, superlotando o auditório daquela tradicional instituição santa-mariense.

Atendendo ao convite que lhe foi endereçado pelos organizadores do 2º Seminário Sul Ramatis, realizado no Canoas Parque Hotel (Canoas-RS), nos dias 12, 13 e 14 de outubro de 2001, a CEPA e o CCEPA se fizeram presentes, na pessoa de Salomão Benchaya, na sessão de abertura daquele encontro que reuniu cerca de 200 pessoas, com o objetivo de buscar, com os diversos grupos participantes, informações teóricas e ações práticas, troca de conhecimentos e aprendizado dos ensinamentos espírita e universalista de Ramatis. Em sua saudação aos presentes, Benchaya aproveitou a oportunidade para enfatizar a necessidade do diálogo entre os integrantes das diversas vertentes do movimento espírita.

A Associação Jurídico-Espírita do Rio Grande do Sul - AJERS, promoveu, no dia 5 de junho de 2004, em Porto Alegre, o I Encontro Jurídico Espírita do Rio Grande do Sul, com a temática central “Direito e Espiritismo”. O Encontro aconteceu no Auditório do Foro da Justiça Federal da capital gaúcha, com conferências de Waldemar Zveiter, Izaías Claro, Sandra Della Pola da Silva, Hélio Ribeiro, Marcelo Paes Barreto e Gládis Pedersen de Oliveira.

Atendendo convite do presidente da AJERS, Advogado João Muller, participaram do evento o presidente do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, Promotor de Justiça Rui Paulo Nazário de Oliveira e seu Diretor de Comunicação Social, Procurador de Justiça Milton Medran Moreira.

A mesma Associação, em conjunto com o Ministério Público do Rio Grande do Sul, promoveu, no dia 16 de abril de 2005, o Seminário “Infância e Juventude numa Visão Jurídico-Espírita”. O evento teve lugar no auditório do Palácio do Ministério Público dele participando, entre outros expositores, Milton Medran Moreira que abordou o tema “Direitos Humanos, Juventude e a Proposta Espírita”.

Sem dúvida, essa listagem um tanto cansativa para o leitor, só corrobora a vocação socializadora e interacionista da Instituição.



Salomão J. Benchaya

O Jornal Opinião e os livros

Nos encontros de Grupos de Estudo que o CCEPA realizara em 1993, havia sido detectada a necessidade de um órgão interno de comunicação e de divulgação das idéias ventiladas na sociedade.

A SELC mantivera, na década de 70, um boletim – “Semeando”, depois denominado “Semeador”, singela publicação produzida pelos jovens e reproduzida em mimeógrafo para distribuição interna. Posteriormente, esse boletim passou a ser enviado, também, a algumas sociedades espíritas. Em meados da década de 80, a Juventude também editaria alguns números de um outro boletim “Movimento à Consciência”, num esforço de produção cultural.

Com a criação do Departamento de Comunicação Social, em 1994, sob a direção de Milton Medran Moreira, tornou-se possível materializar a idéia de um boletim informativo direcionado para os associados do CCEPA, colaboradores e outras instituições e órgãos de imprensa espíritas.

Com esse propósito, o Centro Cultural Espírita de Porto Alegre lançou em julho de 1994 um boletim piloto, abrindo, também um concurso interno para colher sugestões de nome para o novo órgão.

“Opinião”, nome sugerido por Loanda Machado, colaboradora da casa e esposa do ex-presidente do CCEPA, Donarson Floriano Machado, terminou sendo o escolhido pela comissão julgadora.

Em agosto de 1994 surgiu, assim, em formato muito pequeno (uma lauda de ofício) e com quatro páginas, o primeiro número de **Opinião**.

Diz Medran, em reportagem do mês de agosto de 2003, alusiva aos 10 anos de publicação: “Sem

jamais pretender tornar-se um grande jornal a ser lido por um grande público, **Opinião** buscou espaço entre aquele segmento espírita voltado à reflexão, ao progresso de idéias e à transformação, *“estimulando o pensamento humano no prosseguimento da tarefa de elaboração da revelação espírita, tal como recomendou Kardec”*, conforme registrado em seu



O jornal OPINIÃO.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

primeiro editorial, ao anunciar um evento pioneiro que se realizaria no CCEPA: o I ESPE – Encontro Estadual do Pensamento Espírita.”

“A estreita vinculação com o movimento espírita pan-americano representado pela CEPA fez do *Opinião* um órgão sempre presente e atento aos acontecimentos espíritas de relevância para o Brasil e para a América, levantando bandeiras como da atualização do espiritismo, respeito à pluralidade de pensamento e preservação de um relacionamento ético e fraterno entre as diversas correntes espíritas.”

“O crescimento da presença institucional da CEPA no Brasil, logo iria determinar a criação de um boletim informativo das atividades daquela instituição neste país. Daí o nascimento do boletim *CEPA Brasil*, encartado em *Opinião* a partir de janeiro de 1998. Posteriormente, com a eleição de Milton Medran Moreira, editor deste órgão, para a presidência da CEPA, no Congresso de 2000, em Porto Alegre, aquele boletim seria transformado em *América Espírita*, órgão que continua sendo encartado mensalmente no jornal.”

A partir de janeiro de 2000, quando reassumiu a presidência do CCEPA Maurice Herbert Jones, o jornal ganhou novo tamanho com o formato tablóide, mantido até o presente.

Uma coleção completa do jornal OPINIÃO e dos encartes CEPA-BRASIL e AMÉRICA ESPÍRITA pode ser encontrada, devidamente tombada, encadernada e arquivada, na hemeroteca do ICESP - Instituto de Cultura Espírita de São Paulo (Museu Espírita de S. Paulo), situado à Rua Guaricanga, 357 (Lapa) - CEP 05075-030 - S.Paulo-SP

O ICESP - antigo Lar da Família Universal - presidido pelo Dr. Paulo de Toledo Machado, mantém, além do Museu Espírita de São Paulo, o Arquivo do Espiritismo de São Paulo, a Biblioteca Espírita “William Crookes”, cine/clube, edições ICESP, a Livraria Espírita “Katie King”, a Pinacoteca Espírita de São Paulo, a revista trimestral ICESP e o Serviço Espírita de Assistência Social.

O jornal OPINIÃO e o boletim AMÉRICA ESPÍRITA, desde agosto de 2002, também podem ser acessados através do portal ESPIRITNET. Essa comunidade, criada e mantida pelo companheiro Henrique Ventura Regis, mantém um “site” para o debate e a divulgação de idéias espiritualistas e do Espiritismo.

Como se trata de um fato que envolve o jornal OPINIÃO e que se tornou público no meio espírita gaúcho, aqui faço o registro das medidas tomadas nas gestões administrativas de Nilton Stamm Andrade e Jason de Camargo, na FERGS.

Antes da realização do XVIII Congresso da CEPA, realizado em Porto Alegre, em outubro de 2000, a FERGS enviou a circular nº 66/99, de 1º de dezembro de 1999, às instituições espíritas do Estado. Nesse expediente, comunicava haver declinado do convite formulado pela Comissão Organizadora do Congresso e que não abonaria, em caráter oficial, a participação de nenhuma pessoa vinculada ao quadro federativo estadual ao evento programado pela CEPA, ainda que em caráter de observador;



alertando as casas espíritas federadas no sentido de não mais cederem espaços em suas tribunas aos expositores vinculados ao CCEPA e à CEPA. Na mesma circular, assinada por Nilton Andrade, “recomenda, da parte dos dirigentes espíritas, profunda análise das matérias contidas no boletim “Opinião”, órgão oficial do CCEPA, atentando para os conceitos revisionistas que ali sistematicamente são divulgados e que desconsideram o caráter religioso do Espiritismo, procurando difundir o que denominam “espiritismo laico”; e “recomenda não dar circulação ao boletim “Opinião”, órgão oficial do CCEPA e que vem sendo remetido sistematicamente às casas federadas.”

Em 2005, durante a gestão de Jason de Carmago, o CCEPA recebeu, num curto espaço de tempo, diversos expedientes de Centros Espíritas do Rio Grande do Sul, como o que abaixo vai transcrito, revelando uma aberta censura ao periódico do CCEPA:

“Senhores Diretores:

Por este intermédio, gostaríamos de cientificá-los que por orientação da nossa Federação (FERGS), não estamos autorizados a realizar a assinatura e nem recebimento desta publicação. Por esta razão, gostaríamos que Vossa Senhoria não nos enviasse mais o referido documentário. Na certeza de que não iremos molestá-los nos despedimos, atenciosamente. *Cleria Morais Baumhardt – Presidenta da Sociedade Espírita João de Deus – Cachoeira do Sul-RS.*”

Logo após a realização do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, realizado em outubro/2000, a Comissão Organizadora publicou um livro denominado “A CEPA e a Atualização do Espiritismo” com o apoio do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, objetivando divulgar temas abordados naquele evento e as atividades da CEPA. Seu lançamento ocorreu durante o I ENCOESP, em São Paulo, sendo sua venda realizada no estande da LICESPE.

Seu resultado financeiro destina-se ao custeio das atividades da C.E.P.A., reunindo trabalhos de Ademar Arthur C. dos Reis, Alejandro Ruiz Díaz, Dante López, Dinorá Fraga da Silva, Jaci Regis, Jon Aizpurua, Krishnamurti de Carvalho Dias, Luiz Signates, Mauro de Mesquita Spínola, Milton Rubens Medran Moreira, Reinaldo Di Lucia, Salomão Jacob Benchaya (organizador), Sandra Jacqueline Stoll, Wilson Garcia e Yolanda Polimeni de A. Pinheiro. O livro tem 264 páginas, com capa de Maurice H. Jones.

Em 2002, o CCEPA oferece seu apoio na publicação de novo livro - “Espiritismo: O Pensamento Atual da CEPA” - cujo lançamento ocorreu na XIV Conferência Regional Espírita Pan-Americana, em São Paulo, em novembro do mesmo ano.

A obra editada pela Imprensa Livre Editora, traz artigos de Milton Medran Moreira, Jon Aizpúrua, Salomão Jacob Benchaya (organizador), Dante López, Maurice Herbert Jones, Carlos de Brito Imbassahy, Jaci Regis, Wilson Garcia, Reinaldo Di Lucia, Nícia Cunha, Luiz Signates e José Joaquim Marchisio, todos dirigentes, delegados ou membros de

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

instituições vinculadas à CEPA.

Em sua maioria, são artigos já publicados na imprensa espírita, oferecendo esclarecimentos sobre o que é a CEPA, seus objetivos, sua natureza, sua história, sua organização e, sobretudo, o que pensa, como instituição acerca de alguns temas doutrinários e da organização do movimento espírita.

O CCEPA tem se empenhado para que o seu periódico e o da CEPA não sofram solução de continuidade, tal a sua importância na veiculação de idéias espíritas emancipadoras. Mesmo com a colaboração financeira que a CEPA lhe presta, o quadro de assinantes ainda é reduzido para dar cobertura aos seus custos, já que 60% da edição é remetida como cortesia a instituições e líderes espíritas do Brasil e do Exterior.



Livros: A CEPA E A ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO e O PENSAMENTO ATUAL DA CEPA



A CEPA no Brasil

A CEPA foi fundada em Buenos Aires, em 13 de outubro de 1946, durante a realização do I Congresso Espírita Pan-Americano.

Destacaram-se, na realização desse congresso, os espíritas argentinos Hugo L. Nale, Natalio Ceccarini, Naum Kreiman, Santiago Bossero, Humberto Mariotti, José Tejada, Luís Di Cristóforo Postiglioni, Antônio Melo, Albireo Barcón e Elías Tobker. Na sua organização, também contribuíram espíritas brasileiros, tais como Deolindo Amorim, coronel Pedro Delfino Ferreira, Aurino Barboza Souto, participantes da antiga Liga Espírita do Brasil, e outros de São Paulo e Porto Alegre, como o Dr. Paulo Hecker. Fez-se assim a presença brasileira nos primórdios da organização da CEPA. Participaram ativamente desse I Congresso, os brasileiros Pedro Delfino Ferreira, Paulo Hekcer e Ismael Gomes Braga.

Três anos mais tarde, realizou-se, no Rio de Janeiro, o II Congresso Espírita Pan-americano, de 3 à 12 de outubro de 1949, organizado pela Liga Espírita do Brasil sob a presidência do sr. Aurino Barboza Souto e secretariado por Deolindo Amorim. Participaram desse Congresso personalidades do espiritismo brasileiro como Lins de Vasconcellos, Carlos Imbassahy, Lauro Sales, Francisco Klors Werneck, o deputado Campos Vergal, coronel Delfino Ferreira, Leopoldo Machado, João B. Chagas, Eden Dutra Nascimento e muitos outros representantes de organizações estaduais do Brasil, desde Pernambuco até o Rio Grande do Sul. A realização desse congresso acabou criando o clima político que resultou na assinatura do Pacto Áureo que unificou o Movimento Espírita brasileiro em torno da FEB. Ainda nesse Congresso foi eleito o segundo presidente da CEPA, o coronel Pedro Delfino Ferreira, um brasileiro, para o triênio 1949/52.

Da 13ª à 17ª edição, os congressos da CEPA foram realizados em outros países do continente, só voltando a ser, novamente, organizados no Brasil, no ano 2000, em Porto Alegre.

O CCEPA constituiu-se num elo importante para o retorno da CEPA ao Brasil, juntamente com o movimento liderado por Jaci Regis, em São Paulo. A CEPA já contava com algumas instituições brasileiras em seus quadros e com delegados especiais que ofereceram suporte para as ações iniciais que Jon Aizpúrua desenvolvia no Brasil.

Eu e o Milton Medran tivemos o primeiro contato com Aizpúrua que, recém havia assumido a presidência da CEPA, em setembro de 1993, durante o III Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita que se realizava em Santos-SP. Nessa ocasião, Aizpúrua formulou convite para que o CCEPA examinasse a possibilidade de aderir aos quadros da CEPA.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre



Milton Moreira, Jon Aizpúrua e Maurice Jones.

Em 1994, a CEPA endereça a Circular nº 004 ao Movimento Espírita Brasileiro manifestando sua disposição de estreitar laços entre todas as Sociedades e Federações Espíritas do continente americano. Nesse sentido, reconhece a Codificação Kardecista como sua base ideológica de sustentação, defende a preservação da

Doutrina no seu tríplice aspecto de Ciência, Filosofia e Moral, declara-se em desacordo com a intenção de apresentar o Espiritismo como Religião, embora entenda a real situação do movimento espírita brasileiro, no qual vastos setores optaram por uma definição religiosa, particularmente evangélica, da Doutrina Espírita.

Assinala, ainda, que “a moral espírita coincide plenamente com os sublimes ensinamentos de Jesus e por isso está identificada com as lições éticas e humanísticas dos mais eminentes reformadores morais que levaram sua mensagem de amor e verdade em favor de toda a humanidade”. Asseverando não desejar “nem o Espiritismo religioso, nem o Espiritismo anti-religioso”, a circular da CEPA manifestou que “o que se quer é preservar a Doutrina Espírita em sua verdadeira dimensão, como concepção libertadora do ser humano sempre com o devido respeito e tolerância para com todas as expressões do pensamento religioso em todo o mundo.”

Finaliza a CEPA, expressando, publicamente, seu respeito a todas as Sociedades, Uniões e Federações, regionais e nacionais, que como tal se definem e identificam, e com as quais deseja manter uma relação de amizade e fraternidade. Mas, conhecedora da existência de numerosas instituições que não aceitam o Espiritismo religioso e o divulgam numa concepção científica, filosófica e moral, com sentido progressista e livre pensador, dirige-se a essas instituições, estendendo-lhes um fraternal convite para se incorporarem à Confederação, na qualidade de instituições adesas, e aos espíritas a aderirem de forma pessoal.

Em 25 de novembro de 1994, a Assembléia Geral do CCEPA, aprova a minha proposta de adesão à CEPA. Todavia, em razão de um extravio da documentação que encaminhava o pleito à CEPA, somente em 8 de julho de 1995, seria oficializado o ingresso do CCEPA naquela Confederação.

Além do CCEPA, outros importantes centros espíritas brasileiros, como o CEAK e o Ângelo Prado, de Santos, o Herculano Pires e o José Barroso, de São Paulo, integraram-se à CEPA a partir da circular remetida pelo então presidente da CEPA, Jon Aizpúrua, ao movimento espírita brasileiro.

A Circular nº 004 produziu uma enérgica reação por parte da FEB que publica o Editorial “O Joio e o Trigo”, no REFORMADOR, edição de



Salomão J. Benchaya

novembro de 1994.

Em resposta, a CEPA distribui a Circular nº 005, de 20.01.95, que o jornal OPINIÃO reproduziu na sua edição de abril de 1995. Eis o texto dessa Circular:

“Em junho de 1994, o Conselho Executivo da Confederação Espírita Panamericana, dirigiu a CIRCULAR 004 ao Movimento Espírita Brasileiro, com a finalidade de oferecer algumas informações básicas sobre a origem, trajetória e funcionamento da C.E.P.A. e precisar alguns tópicos que se referem à sua orientação doutrinária.

Trata-se de um documento redigido com sumo cuidado, em termos claros, respeitosos e fraternos, e que tem provocado reações diversas. Por uma parte, encontrou positiva ressonância em numerosas e qualificadas pessoas e instituições espíritas brasileiras, que têm solicitado sua adesão e participação ativa nas tarefas da C.E.P.A. Também, de outra parte, algumas sociedades e publicações espíritas têm formulado observações, desacordos ou críticas, numa linguagem e num tom de respeito e cordialidade, como corresponde a irmãos de um mesmo ideal que participam de uma doutrina que é, por antonomásia, a maior garantia da liberdade de pensamento, de consciência e de expressão.

Infelizmente, também se tem produzido uma desprezada reação por parte da Federação Espírita Brasileira, cujos diretores têm publicado em editoriais e artigos da revista “Reformador”, seu órgão oficial, críticas violentas, carregadas de agressividade e intolerância, assim como de desqualificações dirigidas à Confederação e até no plano pessoal, contra seus dirigentes.

Ante isto, o Conselho Executivo da C.E.P.A. vê-se obrigado a apresentar publicamente uma ampla e categórica resposta, respaldada estritamente na verdade dos fatos e fundamentada moralmente em nossa condição de expositores e defensores da Doutrina Espírita, tal qual foi codificada pelo Mestre Allan Kardec, como filosofia científica de profundas conseqüências morais.

São evidentes as distâncias éticas e as diferenças de linguagem, que se podem observar entre o documento da C.E.P.A. e as respostas febianas. Assim disse a Circular 004:

“A C.E.P.A. entende perfeitamente a situação real do movimento espírita brasileiro, enquanto que vastos setores do mesmo optaram por uma definição religiosa, particularmente evangélica, da doutrina espírita, e expressa publicamente seu respeito a todas as Sociedades, Uniãoes e Federações, regionais e nacionais, que assim se definem e identificam, e com as quais deseja manter uma relação de amizade e fraternidade. Mas, igualmente, conhece a existência de numerosas instituições que divergem do espiritismo religioso e divulgam uma concepção científica, filosófica e moral, com sentido progressista e livre-pensador, que está perfeitamente em sintonia com a orientação da C.E.P.A. reiterada sucessivamente em diversos Congressos Espíritas Panamericanos”.

E estas são algumas das expressões da F.E.B.:

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

“Intervenção indevida, indigna das práticas doutrinárias, que fere os princípios éticos mais elementares de união e de fraternidade que norteiam as atividades espíritas”

“...imprudentes companheiros, que prejudicam enormemente a Doutrina e seu movimento...”

“São os cultivadores do personalismo, os que se julgam indispensáveis ao Movimento, por suas idéias presunçosas e particularistas...”

Ali não há um só argumento, um raciocínio, uma reflexão, que poderiam convidar a um diálogo esclarecedor, a um intercâmbio de idéias e posições. Tão somente, qualificativos e desqualificações, isso sim, em nome de Deus, Cristo e Caridade”.

Disse a F.E.B.: (Reformador, novembro de 1994):

“Ainda há pouco o Movimento Espírita brasileiro experimentou injustificável agressão, partida de instituição que pretende liderar o movimento espírita nas Américas, mas que age de forma antiética e autoritária na defesa de interpretação restritiva da Doutrina”.

Esclarecendo: É evidente e sem possibilidade de ambigüidade ou confusões, que o “Movimento Espírita brasileiro” abrange milhares de centros e instituições espíritas, e que muitas delas não pertencem e nem guardam relação administrativa com a F.E.B. e que, inclusive, têm mostrado fortes discrepâncias com ela, pelo que a F.E.B. não pode e nem deve falar em nome de todo o movimento espírita brasileiro nem de todos os espíritas brasileiros, porque isso não se ajusta à realidade.

Do mesmo modo, francamente, é um verdadeiro engano, um completo sofisma qualificar de “agressão” o fato de que a C.E.P.A. tenha enviado uma Circular ao movimento espírita brasileiro, dando a conhecer seus pontos de vista e convidando àqueles que se identifiquem com suas opiniões a participar diretamente em suas atividades. NÃO EXISTE TAL AGRESSÃO, pelo contrário, é uma proposta honesta, respeitosa, cordial, e todo aquele que o tenha lido com objetividade e sem preconceitos, independentemente de que possa ou não compartilhá-lo, assim o haverá de reconhecer.

É francamente inconcebível que a F.E.B. pretenda negar à C.E.P.A. o que ela se concede a si própria, pois, segundo a F.E.B. esta Confederação Pan-americana não pode possuir instituições adesas ou filiadas no Brasil, da mesma maneira que ocorre nas demais nações do Continente, como se o Brasil não estivesse localizado na América. Isso tudo porque a C.E.P.A. não se curva e nem se dobra às suas particulares interpretações da Doutrina Espírita.

Como é bem conhecido, desde há vários anos, os dirigentes da F.E.B. e alguns oradores relacionados com ela, visitam os centros espíritas da Hispanoamérica, até muitos deles filiados à C.E.P.A., dando a conhecer seus conceitos, repartindo livros e folhetos e tratando de implantar modelos de estudos e práticas espíritas, como os “programas de evangelização infanto-juvenil” e de “culto do evangelho no lar” que os Congressos da C.E.P.A. têm considerado inconvenientes à luz da pedagogia kardeciana. Não obstante, a C.E.P.A., que é uma entidade coordenadora do espiritismo



pan-americano e respeita a democracia interna nas instituições filiadas, nunca emitiu uma reclamação, nem considerou como “agressão” ou “intromissão” a conduta febianiana.

Da mesma forma, deve-se dizer claramente que, apesar de existir a C.E.P.A. desde 1946, a F.E.B. impulsionou nos últimos anos, a criação de um Conselho Espírita Internacional, afeto a seus particulares interesses doutrinários, e para o qual convidou a incorporar-se as associações espíritas de fala castelhana, sem tomar em conta a existência da C.E.P.A. A Confederação, com toda prudência, nunca emitiu uma opinião a respeito, porque entende definitivamente, que cada associação espírita deve relacionar-se administrativamente com quem o deseje, e de acordo com sua afinidade doutrinária.

Mas o que é válido para a F.E.B. com respeito a Hispanoamérica, também é válido para a C.E.P.A. com respeito ao Brasil. Assim como a C.E.P.A. não é “dona” do Espiritismo na Hispanoamérica, tão pouco a F.E.B. é “dona” do Espiritismo no Brasil.

Definitivamente, diremos com toda clareza: Por razões éticas, doutrinárias, geográficas e estatutárias, a C.E.P.A. declara que é absolutamente legítimo o direito que lhe assiste de funcionar na nação brasileira, em coordenação com todas aquelas pessoas, grupos, centros, sociedades, uniões ou federações, que voluntariamente e por razões de identidade conceitual, manifestem sua vontade de trabalhar em comum acordo com as demais instituições espíritas da América, no marco de uma relação democrática e fraterna como a que lhes oferece a C.E.P.A.

A C.E.P.A. não está interessada em ocupar “parcelas de poder” no âmbito espírita. Ela só aspira cumprir a tarefa para a qual foi criada: reunir a maior quantidade de movimentos espíritas na América, que cumprem fielmente com os princípios estabelecidos por Kardec, e coordenar seus esforços para engrandecer a Doutrina e o Movimento.

Para a C.E.P.A. o interesse central não se baseia em aumentar posições, crescer numericamente, ou filiar mais sociedades, mas em defender o autêntico perfil da Doutrina Espírita, como visão libertadora do ser humano; doutrina moral dinâmica e transformadora; filosofia racionalista e arreligiosa que esclarece sobre as verdades transcendentais de Deus e a espiritualidade, e como ciência capaz de oferecer demonstração real de seus postulados básicos. E por isso, entende que na transfusão de toda essa discussão debatem-se duas concepções, duas interpretações diferentes da Doutrina Espírita: a F.E.B. defende a tese de “Religião Espírita” que a C.E.P.A. não compartilha, e, aliás, segue incorrendo no gravíssimo desvio doutrinário de divulgar a obra de Jean Baptiste Roustaing, “Os Quatro Evangelhos”, com seus evidentiíssimos absurdos, e que é uma deplorável infiltração obscurantista e clerical no corpo institucional do Espiritismo, já combatida por Kardec em seu tempo. Na verdade, é muito paradoxal, que a roustainguista F.E.B. pretenda desqualificar a C.E.P.A., que é nitidamente kardecista, fazendo alarde de uma suposta “pureza doutrinária”. Afortunadamente, os mais brilhantes escritores e divulgadores do Espiritismo

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

no Brasil têm denunciado de múltiplas maneiras os desvios da F.E.B., assim como suas pretensões hegemônicas. Já não enganam a ninguém com o argumento falaz de que “querem tirar Jesus do Espiritismo”, pois já ficou claro sobre o que se debate na verdade, é se o conceito de Jesus correspondente à Doutrina Espírita é o que ensinou Kardec, e o qual a C.E.P.A. assume plenamente, ou o inefável Jesus fluídico de Roustaing, como admite a F.E.B.

Estando tudo já esclarecido, o Conselho Executivo da C.E.P.A. deixa a certeza de que não tem buscado esta discussão e que não quer continuá-la. Que o ideal é reconhecer e admitir com respeito e tolerância que existem algumas divergências quanto a interpretações da Doutrina Espírita, e que cada qual deve realizar seu labor a seu critério e senso de responsabilidade, agrupar-se de acordo com suas afinidades nos organismos regionais, nacionais, continentais ou internacionais, levando à prática o sábio apotegma kardeciano de Solidariedade, Trabalho e Tolerância.

Neste novo ano que agora começa, a C.E.P.A. reitera seu mais alto sentimento de respeito, carinho e admiração pela nação brasileira, e eleva seu pensamento a Deus, pelo bem-estar físico e espiritual de seu povo, e pelo engrandecimento de seu movimento espírita. Hebe Novich de Hernández - Sec. Administrativa. Jon Aizpúrua – Presidente”

Em 20 de setembro de 1996, Jon Aizpúrua entrega ao CCEPA o diploma de “Instituição Aderida à CEPA” durante palestra pública proferida em sua sede.

No XVII Congresso da CEPA, realizado em Buenos Aires, em outubro de 1996, Jon Aizpúrua é reeleito presidente e Milton Rubens Medran Moreira eleito para 2º vice-presidente da CEPA sendo, também, escolhida a cidade de Porto Alegre para sediar o XIX Congresso da CEPA. Milton Moreira e Salomão Benchaya são designados delegados da CEPA no Rio Grande do Sul.

No ano seguinte, 1997, Aizpúrua retorna ao Brasil cumprindo amplo roteiro de visitas, palestras, encontros, entrevistas a jornais, participação em programas de rádio e televisão, nas cidades de São Paulo, Santos, Mogi das Cruzes, Londrina, Porto Alegre e Santa Maria.

Representando o CCEPA, Milton Medran e eu comparecemos ao I Encontro de Delegados e Amigos da CEPA no Brasil, realizado nos dias 16 e 17 de agosto de 1997, em São Paulo-SP, na sede do Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires. Naquela oportunidade, o presidente Jon Aizpúrua propôs que o CCEPA passasse a centralizar, no Brasil, a coordenação das atividades da CEPA e solicitou o apoio de todos para o nosso jornal OPINIÃO que se identifica amplamente com as idéias da CEPA e divulga suas atividades no Brasil. A partir de janeiro de 1998, passa a circular, encartado no OPINIÃO, o Boletim “CEPA-Brasil” com artigos e notícias da CEPA. Com a mudança da sede para o Brasil, a partir de 2000, o Boletim muda sua denominação para “América Espírita”.

Jon Aizpúrua, que, nessa visita ao Brasil, se fazia acompanhar de mais dois dirigentes da CEPA, vem ao Rio Grande do Sul, onde participa



de uma Reunião com Dirigentes e trabalhadores na sede do CCEPA, em 21 de agosto de 1997, e profere conferência pública sobre o tema “Jesus no Espiritismo”, no dia seguinte. Em 23 de agosto, participa, em Santa Maria-RS, do “Encontro com o Pensamento Espírita”, organizado pela S.E. Estudo e Caridade, que incluiu mesa-redonda “A CEPA e o Espiritismo – sua história, finalidades e compromissos com o ideal kardequiano”. No mesmo dia, profere conferência pública e, em 24 de agosto, participa de um debate sobre “Doutrina e Movimento na Época Atual e seus desafios para o Século XXI”.

Em 1998, o presidente da CEPA vem novamente ao Brasil, visitando São Paulo, onde lança seu livro “El pensamiento vivo de Porteiro”, no Memorial da América Latina, além de realizar palestras em Centros Espíritas da cidade. Foi entrevistado na rádio “Boa Nova, no programa Atualidades Espíritas, pelo srs. Amilcar Del Chiaro e Eder Fávoro, então presidente da ABRADE.

Abrindo um parêntese, quero destacar o apoio que, tanto a ABRADE (Associação Brasileira de Divulgadores Espíritas) quanto o IPEPE (Instituto de Intercâmbio do Pensamento Espírita de Pernambuco), têm oferecido a CEPA no seu retorno ao Brasil.

Em Porto Alegre, em 21 de agosto de 1998, fez a abertura do I Simpósio Gaúcho do Pensamento Espírita e participou de várias conferências e entrevistas de rádio e TV.

Na noite de 26 de agosto de 2000, o presidente da CEPA proferiu conferência no auditório da Escola Presidente Roosevelt, com o tema “Jesus, uma Presença na Vida Moderna”. Após, autografou seu livro “Os Fundamentos do Espiritismo”.

Já na noite de 29 de agosto, fez conferência no Grupo Libertação Nossa Casa para uma numerosa platéia, versando exatamente sobre a temática de seu novo livro, numa ampla abordagem dos aspectos fundamentais da doutrina espírita.

Em outubro do ano 2000, realiza-se, em Porto Alegre-RS, o histórico XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, cujos detalhes estão descritos em capítulo à parte desta obra.

Desde a realização desse congresso, em que Milton Medran Moreira foi eleito seu presidente, a sede da CEPA está no Brasil, mais exatamente no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. De seu Conselho Executivo, participam, ainda, os integrantes do CCEPA Maurice H. Jones, como Assessor Especial da Presidência, Salomão Jacob Benchaya, como Secretário Geral, Tereza Samá Landart de Mayo, como Tesoureira e Rui Paulo Nazário de Oliveira como um dos membros da Comissão Fiscal e também delegado especial da CEPA. Donarson Floriano Machado e José Joaquim Fonseca Marchísio, que já integraram a administração do CCEPA, também são delegados da CEPA na capital gaúcha.

A primeira reunião plenária do Conselho Executivo da CEPA, na gestão de Medran Moreira, realizou-se em Porto Alegre, na sede do CCEPA, dias 5 e 6 de maio de 2001. Além dos dirigentes que residem em Porto Alegre,

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

compareceram Mauro de Mesquita Spínola, Ademar Arthur Chioro dos Reis, de São Paulo, Saulo de Meira Albach, de Curitiba, e Dante Lopez e Hugo Beascochea, da Argentina.

De 14 a 17 de novembro de 2002, realiza-se a XIV Conferência Regional da CEPA, em São Paulo-SP, em meio a uma séria crise econômica e política que atingiu em cheio alguns países onde a Confederação Espírita Pan-Americana tem suas mais fortes raízes. Mesmo assim, o evento reuniu 214 delegados da Argentina, Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Porto Rico e Venezuela, que participaram ativamente dos diversos painéis, mesas-redondas e fóruns de temas livres e de comunicação social, onde a temática “Atualizar para Permanecer”, permitiu amplas abordagens de questões sociais, políticas, científicas, filosóficas, artísticas e morais relativas ao nosso tempo, sob o enfoque espírita.

A CEPA foi uma das instituições participantes do I ENCOESP – Encontro Espírita, promovido pela USE - União das Sociedades Espíritas de São Paulo, de 19 a 21 de janeiro de 2001, na capital paulista. Três oradores vinculados à CEPA ocuparam a tribuna durante o evento: Milton R. Medran Moreira, presidente da Confederação, que falou sobre “Espiritismo e Direitos Humanos”; Ademar Arthur Chioro dos Reis, 2º Vice-Presidente da CEPA, abordando o tema “Implicações éticas e espirituais da pesquisa genética e dos avanços da Medicina”; e Reinaldo Di Lucia, Delegado da CEPA em Santos-SP, falando sobre “A Nova Física e o Espírito”. Durante esse evento, ocorreu o lançamento do livro “A CEPA e a Atualização do Espiritismo”, publicado com o apoio do CCEPA.

Durante a realização do 8º Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, realizado em Santos-SP, é fundada, no dia 18 de outubro de 2003, a Associação Brasileira de Delegados e Amigos da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPAmigos), sendo Sandra Regis eleita presidente e Rui Paulo Nazário de Oliveira vice-presidente.

Hoje, a CEPA, apesar de ainda não reconhecida pelo movimento espírita oficial, é ponto de referência nas discussões ideológicas sobre a natureza essencial do Espiritismo, por ser a única instituição espírita do planeta a defender o caráter não religioso²⁰ do Espiritismo, além de se destacar, no movimento espírita, por seu perfil kardecista, livre-pensador, progressista, humanista, pluralista e alteritário.

²⁰ É bom ressaltar que *não-religioso* é diferente de *anti-religioso*. Vide o Capítulo “O LAICISMO”.



Salomão J. Benchaya

O CCEPA na CEPA

O Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA) recebeu, com simpatia, em 1994, correspondência assinada por Jon Aizpúrua, Presidente da Confederação Espírita Pan-americana (CEPA) convidando-o a aderir àquele organismo internacional. Naquele instante, já integravam os quadros da CEPA, no Brasil, a Sociedade Pelotense de Estudos Espíritas (SPEE), no Rio Grande do Sul; a Sociedade de Estudos e Pesquisas Psíquicas, em Santos-SP; e a União Espírita de Pernambuco, em Recife-PE.

Ao curso de todo o ano de 1994, eu havia promovido consultas à Diretoria Executiva e ao Conselho Deliberativo, sondando o seu posicionamento quanto à proposta de adesão. Estes colegiados foram favoráveis à proposta e decidem remeter a decisão à Assembléia Geral, dada a sua importância, buscando, dessa forma, envolver todo o quadro social. Concomitantemente, visitei todos os grupos de estudo da Casa, sondando e esclarecendo seus membros acerca de minha proposta.

Na noite de 25 de novembro de 1994, o CCEPA vive um histórico momento quando, reunida em sessão extraordinária, a Assembléia Geral decidiu, por maioria de votos, aprovar a proposta do seu presidente para adesão à CEPA - Confederação Espírita Pan-Americana.

Na proposta aprovada, é destacado o profundo e histórico engajamento da sociedade à rede federativa estadual, assinalando que "o CCEPA integra o quadro federativo da FERGS e preza tal vínculo pela identidade de objetivos na divulgação do Espiritismo – afinal, ambas são instituições *Espíritas* – embora não apóie determinadas posições de seus administradores quando produtores de distorções do pensamento kardequiano e, portanto, estimuladoras de práticas anti-doutrinárias".

A proposta foi defendida na Assembléia mediante sustentação oral de Milton Medran Moreira, enquanto o sócio Gelson Luis Roberto defendeu o voto contrário à adesão. Ambos os expositores foram, em seguida, amplamente questionados pelos participantes da Assembléia que, após, em votação secreta, aprovou a proposta por 29 votos contra 18, selando, democraticamente, uma decisão histórica na vida do CCEPA. A votação revela, como se vê, que havia sérias resistências internas à proposta.

Tendo publicado no Jornal OPINIÃO – nº 4, de nov/94 – o anúncio dessa Assembléia Geral, que deliberaria o pedido de adesão à CEPA - Confederação Espírita Pan-Americana, o CCEPA recebeu da Federação Espírita do Rio Grande do Sul o ofício nº 252/94, de 16 de dezembro de 1994, assinado pelo seu presidente Jason de Camargo, pedindo que a FERGS fosse "comunicada sobre o resultado dessa Assembléia Geral, para

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

fins de encaminhamento dessas questões aos membros do Conselho Deliberativo Estadual desta Federação.”

Na resposta encaminhada em 10 de janeiro de 1995, “ressaltamos que o CCEPA, no decorrer da tramitação da proposta do seu presidente, em nenhum momento cogitou de desvincular-se dos quadros dessa Federação, conforme já declaramos pessoalmente a V.Sa.”. Não obstante, no dia 18 de abril de 1995, o CCEPA recebeu ofício da FERGS, datado de 7 de abril, comunicando que o Conselho Deliberativo Estadual, em reunião de 25 de março de 1995, “suspendeu, por unanimidade, o Centro Cultural Espírita de Porto Alegre do quadro federativo estadual por não concordar com o direcionamento ético e administrativo que sua atual diretoria vem imprimindo a esta instituição”. No referido expediente, a FERGS censurava-nos pelo pedido de adesão formulado à CEPA – esta somente oficializaria o ingresso do CCEPA em 8 de julho de 1995 – e pelo nosso engajamento no movimento espírita cultural não-oficial, especificamente pelo apoio à realização do IV SBPE no Rio Grande do Sul.

No seu Boletim UNIFICADOR de nº 111 (jan-abr/95), a FERGS informa que “o Centro Cultural, a pedido da FERGS, participou em correspondência datada de 10 de janeiro de 1995 o seu pedido de ingresso como Instituição Aderida à Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), apesar de saber que a referida organização trabalha no sentido de estabelecer as bases para um outro Movimento Espírita no Brasil, numa clara e indevida intromissão nos interesses dos espíritas gaúchos e brasileiros. Essa pretensão foi claramente colocada em sua circular de junho/94²¹. O bom senso, a ética e a coerência indicam a inoportunidade de tal atitude do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre.”

Prossegue a nota dizendo que “Além disso, seus trabalhos vêm se projetando em busca de espaços que contrariam o disposto no artigo segundo dos Estatutos da FERGS, começando a ocorrer uma justaposição injustificável de funções. Saliente-se que na reunião do Conselho Deliberativo Estadual estiveram presentes 41 conselheiros (de um total de 45) de todas as regiões de nosso Estado e a votação pela referida suspensão foi **unânime.**”

Em ofício de 13 de maio de 1995, assinado pelo Presidente e pelo Vice-Presidente do CCEPA e endereçado ao Presidente da FERGS, acatamos a decisão soberana daquele órgão, mas nos permitimos “interpretá-la como mais um episódio a marcar os equívocos históricos de nosso Movimento Espírita.”

Desse documento, vale destacar os seguintes trechos:

“ A Confederação Espírita Pan-Americana – CEPA – entidade internacional em cujos quadros nossa instituição postulou ingresso, é um organismo espírita de âmbito pan-americano, com fecundo trabalho em todo o território continental e com programa doutrinário rigorosamente de acordo com os princípios espíritas, à luz da codificação kardequiana.

²¹ Sobre essa Circular, há referências no Capítulo “A CEPA NO BRASIL”.



Por sua abrangência territorial, expressamente definida em seus estatutos, está apta a filiar pessoas e instituições espíritas de todo o continente. A liberdade de associação, a propósito, é moderna conquista de todos os povos democráticos e que, na Constituição Brasileira, tem seu assento expresso no elenco dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos do art. 5º, XVII: “é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar”.

“Não há, pois, como se falar em ausência de conduta ética da parte de uma instituição pan-americana que busca, num país americano, filiar instituições e pessoas espíritas. Sob idêntico prisma, censura nenhuma merece uma instituição espírita brasileira que, mesmo pretendendo manter seus vínculos com um organismo de abrangência territorial estadual, estabeleça outros com um organismo de âmbito internacional, alargando, assim, horizontes e relacionamentos.”

“É preciso, de uma vez por todas, assimilarmos a idéia de que o Espiritismo não tem donos e que seu efetivo progresso só se dará quando for possível o entrosamento de todas as instituições verdadeiramente desejosas de somar contribuições e experiências no campo doutrinário, sem preocupações com poder e hierarquias. Somente alimentando esse ideal que pressupõe, inclusive, a convivência com opiniões e programas diferenciados em torno dos princípios doutrinários comuns, é que fortaleceremos o Espiritismo. Atitudes de intolerância, animosidade e até de franca hostilidade, como aquelas que expressamente tem tomado a Federação Espírita Brasileira relativamente à atuação da CEPA no Brasil – e que foram, neste episódio, lamentavelmente, adotadas também pela FERGS – apequenam o verdadeiro Movimento Espírita mundial que, para crescer, não precisa nem deve estar sob o comando de um único organismo de rígidos padrões administrativos e disciplinares, mas, ao contrário, deve pressupor a “diversidade” de organismos que respeitem as peculiaridades regionais e culturais dos grupos que se vão formando e desenvolvendo sob a égide da liberdade, sem a qual não há progresso no campo das idéias e na tarefa da conquista da verdade.”

“Coordenar o Movimento Espírita não significa cercar a sua liberdade de associação e, principalmente, de criação. E é sob esse entendimento que, de igual forma, o CCEPA rejeita a censura feita pela FERGS, no mesmo ofício, à “realização de atividades em regime de parceria com outras Entidades fora de nosso Estado extrapolando, assim, o âmbito de atuação de uma Instituição adesa o que tipifica uma justaposição de funções em nosso Movimento Espírita possibilitando, inequivocamente, o descontrole futuro de nossa ordem administrativa” (sic).”

“Embora não expressa, a censura volta-se à realização, aqui, do IV SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA que, juntamente com a LICESPE, de Santos-SP, e, sob o patrocínio do jornal ABERTURA, daquela cidade, estaremos promovendo em outubro próximo.”

“O aludido evento tem características culturais próprias, com dinâmica jamais observada por qualquer outro evento realizado pelo movimento

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Espírita oficial. Permite o debate de idéias franco, com participação aberta de todos os interessados. Sua abrangência teórica é todo o território nacional e seu conteúdo é o *pensamento* espírita, sem qualquer preocupação com programas de institucionalização de um novo movimento. É, pois, suprainstitucional, como convém, aliás, a qualquer grande evento que vise não o controle organizacional ou ideológico de um movimento, mas, sim, o desenvolvimento de idéias capazes de sobrepair os organismos e as instituições.”

“Não vemos como o apoio oferecido por este Centro Cultural à realização de um evento dessa natureza possa, de alguma forma, caracterizar a alegada ‘justaposição de funções’ ou até determinar “o descontrole futuro” da ordem administrativa dessa Federação.”

“De qualquer sorte, acatamos a decisão do Conselho Deliberativo Estadual. Não tendo participado do processo que deu origem a essa decisão, que teve caráter unilateral, sem que, em momento algum, fôssemos sequer notificados do desencadeamento do processo, só agora, consumada a suspensão, temos oportunidade de expor nossas razões. Fazemo-lo em sinal de respeito aos históricos laços que mantemos com a FERGS e como demonstração do apreço que continuamos devotando ao Movimento Espírita do Rio Grande do Sul.”

“O episódio, de nossa parte, não afetará em nada esse respeito e esse apreço. Tampouco, em nada alterará o programa de ação desta instituição que visa tornar cada vez mais conhecida a Doutrina Espírita para que um número sempre maior de pessoas possa recolher os benefícios que resultam de seu conhecimento e de sua vivência.”

“Não temos dúvidas de que idênticos propósitos sustentam o pensamento e a ação da FERGS, o que nos deixa à vontade para continuarmos mantendo com essa prestimosa instituição os melhores laços de fraternidade e cooperação. Nossas divergências, embora tenham sido capazes de determinar essa ruptura institucional, de caráter unilateral, não são, pensamos, tão relevantes a ponto de comprometer os ideais de Solidariedade, Trabalho e Tolerância, recomendados por Allan Kardec a todos os espíritas.”

A propósito desse acontecimento, vale registrar um trecho da **Carta Aberta** aos dirigentes do movimento espírita estadual e aos integrantes do CCEPA, de 06 de abril de 1995, assinada pela professora Dinorá Fraga da Silva e pelo casal de psicólogos Luiz Antonio Trindade Pimentel e Lúcia Regina Ruduit Dias, aquela Diretora do Departamento de Assuntos da Família, da FERGS e assessora do CCEPA, e estes integrantes do CCEPA e daquele Departamento: “... O motivo desta carta é, então, o incômodo que nos causa ver estas duas entidades das quais participamos – CCEPA e FERGS – tomarem lugares de oposição que só prejudicam o movimento espírita e o crescimento da doutrina, que prima pela libertação de consciências, pelo amor verdadeiro ao próximo e não pela exclusão (em pensamento ou em ação) daqueles que conosco não concordam. Acreditamos que, sem dúvida, perceber o espiritismo como laico ou como religioso marca uma diferença



importante. Entretanto, é justamente através das diferenças de pensamento que o homem evolui e cresce, pois se todos pensássemos igualmente, não haveria mudança e progresso, nada de novo seria descoberto. Repudiamos qualquer postura dogmática, de qualquer instituição, que venha a cercear a possibilidade de expressão, de pensamento, de discussão e de troca, (...). Assim, afirmamos nosso compromisso com os trabalhos de esclarecimento, mudança e progresso que tanto uma entidade quanto a outra vêm desenvolvendo, repudiando, no entanto, os retrocessos que ambas muitas vezes cometem na ânsia de defenderem posturas nas quais acreditam."

Em razão do extravio, pelos Correios, da correspondência enviada à CEPA, em 10 de janeiro de 1995, solicitando ingresso nos seus quadros, houve retardamento no processo de adesão. Somente em 9 de julho de 1995, a CEPA nos remete ofício, assinado por Jon Aizpúrua, com o seguinte teor:

"En esta oportunidad, para hacer de su conocimiento que el Consejo Ejecutivo de la CONFEDERACIÓN ESPIRITA PANAMERICANA (C.E.P.A), en su reunión del día 08-07-95, decidió por votación unánime recibir como INSTITUCIÓN ADHERIDA, al "Centro Cultural Espírita de Porto Alegre", habida cuenta de que sus criterios, conductas y orientación en la divulgación de la Doctrina Kardeciana, guarda absoluta armonía con el pensamiento y proceder de la C.E.P.A."

*"Nos complace expresarles nuestros más vivos sentimientos de solidaridad y total identificación con los términos con los cuales esa Institución respondió a la "Federación Espírita do Rio Grande do Sul"; y hacemos votos para que se mantenga en esa línea del pensamiento kardeciano de **trabajo, solidaridad y tolerancia.**"*

A partir daí, uma profícua parceria se estabelece entre os dois organismos.

Em 1996, no XVII Congresso Espírita Pan-Americano, em Buenos Aires, o CCEPA se faz presente com uma numerosa delegação. Da mesma forma, se faz presente na XIII Conferência Regional Espírita Pan-Americana, de Maracay-Venezuela, em 1998.

Em 2000, o CCEPA mobiliza-se e organiza, com uma equipe de cerca de 30 colaboradores que tive a honra de liderar, o XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, acerca do qual farei comentários no próximo capítulo.

A posição de hostilidade do movimento espírita religioso à CEPA e ao CCEPA, a partir daí, teria outros desdobramentos, não só no Rio Grande do Sul, como em outros Estados sulinos, como é o caso do Paraná e de Santa Catarina que movem campanha sistemática e explícita contra a CEPA.

Aprofundou-se, no caso do Rio Grande do Sul, um rompimento que não fora buscado pela CEPA nem pelo CCEPA, instituições que defendem para o movimento espírita e para a própria doutrina o exercício da liberdade de pensamento, o pluralismo e a alteridade, respeitados sempre os parâmetros fundamentais do espiritismo, base concreta da união entre todos os segmentos.

Felizmente, a FERGS deu indícios de mudança na sua política em relação aos "diferentes". A nova Presidenta, pedagoga Gládis Pedersen de



Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Oliveira, que iniciou sua gestão em janeiro de 2006, enviou convite a mim e ao Jones, na condição de ex-presidentes da FERGS, para a reunião comemorativa dos 85 anos de fundação daquela federativa, transcorrido no dia 17 de fevereiro de 2006. Ali, convidado pela prof. Gládis, tive oportunidade de fazer uma breve intervenção e pude perceber, no tratamento que me foi dispensado pelos membros do Conselho Executivo, a intenção de estabelecer uma convivência respeitosa e fraterna com todos os companheiros do movimento espírita, mesmo havendo divergências interpretativas acerca da Doutrina.





O Congresso da CEPA em Porto Alegre

O XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, realizado em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, pela CEPA - Confederação Espírita Pan-Americana, no período de 11 a 15 de outubro de 2000, teve como Tema Central a pergunta **Deve o Espiritismo Atualizar-se?** e fixou como principal objetivo *“discutir a questão da atualização doutrinária do Espiritismo”*.

O evento foi organizado sob a responsabilidade do CCEPA - Centro Cultural Espírita de Porto Alegre e realizado nas confortáveis instalações do Hotel Embaixador, no centro da Capital gaúcha. Participaram 377 congressistas representando, além do Brasil, Argentina, Colômbia, Cuba, Estados Unidos, México, República Dominicana, Porto Rico, Venezuela, Espanha, França e Austrália.

Os trabalhos foram apresentados por seus autores, representantes de diversas tendências ou vertentes do movimento espírita, dentro das **áreas temáticas** de *Epistemologia e Paradigmas, Metodologia, Conteúdos Doutrinários e Linguagem*, agrupados de acordo com as seguintes **modalidades**:

a) Painéis Temáticos – que funcionaram no horário matutino, na forma plenária, constituindo-se de doze (12) temas apresentados por autores **convidados** especialmente pela Comissão Organizadora;

b) Fórum de Temas Livres – que se desenvolveu no horário vespertino, simultaneamente em quatro salas, num total de trinta (30) exposições, constando de trabalhos de autores **convidados** ou **inscritos livremente**.

Foram, ainda, levadas a efeito duas conferências públicas, sessão artística, encontro de jovens, de pesquisadores, de educadores, sessão de autógrafos, passeio, jantar e show confraternativos.

Durante o evento, que homenageou a figura de Deolindo Amorim e que teve por Presidente de Honra o psicólogo venezuelano Jon Aizpúrua, a CEPA realizou sua Assembléia Geral na qual foi eleito e empossado o advogado brasileiro Milton Rubens Medran Moreira como seu novo presidente. Em razão disso, conforme prevê o seu Estatuto, a CEPA passou a ter sua sede em Porto Alegre-RS, Brasil.

Como era esperado, fortes reações opuseram-se ao tema escolhido e à própria realização do evento que, apesar disso, coroou-se de pleno êxito, tanto no aspecto organizacional, apesar do amadorismo da equipe, como na abordagem dos conteúdos, feita por excelentes expositores de diversos países. É de se destacar a participação, dentre os expositores brasileiros, de escritores, líderes, intelectuais e conferencistas representativos de diversos

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

segmentos do nosso movimento espírita, o que imprimiu um caráter singular ao congresso pelo clima fraterno, descontraído, respeitoso, onde as diferenças foram discutidas no campo das idéias, contribuindo para a conquista, por parte da CEPA, de novos amigos e simpatizantes.

Ao propor como centro temático a pergunta “Deve o Espiritismo Atualizar-se?”, na I Reunião de Delegados e Amigos da CEPA no Brasil, realizada em São Paulo, em 16 de agosto de 1997, tínhamos em mente que deveríamos ser cautelosos e responsáveis na organização do congresso, pois não faltaria quem colocasse em dúvida a legitimidade da CEPA para tomar tal iniciativa.

Foi em razão disso que a Comissão Organizadora teve o cuidado de inscrever como primeiro objetivo do referido evento **“discutir a questão da atualização doutrinária do Espiritismo”**.

Seria insensatez da CEPA pretender atualizar a Doutrina Espírita em um congresso único e por ela patrocinado, embora esse fosse o papel atribuído por Kardec aos congressos espíritas. Ademais, a forma interrogativa sob a qual foi colocado o Tema Central não autorizaria ninguém a atribuir à CEPA pretensões exclusivistas que ela nunca alimentou. A pergunta era indutora à reflexão e ao debate.

Por outro lado, a CEPA, em todos os momentos, e isso ficou evidenciado no seu Congresso, sempre reafirmou e enalteceu a vigência do pensamento kardequiano, especialmente naquilo em que não houve superação pelos novos conhecimentos do homem.

Na fase que antecedeu o evento, a CEPA teve o cuidado de divulgar um documento intitulado *“Declaração de Intenções”* com o intuito de prestar esclarecimentos ao movimento espírita e evitar interpretações equivocadas acerca dos seus objetivos. Eis a íntegra desse documento:

DECLARAÇÃO DE INTENÇÕES

Com as declarações a seguir, a CEPA deseja aclarar seus propósitos com respeito à escolha do Tema Central do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano – ***Deve o Espiritismo Atualizar-se?*** – tendo em vista que, embora possua uma posição firmada sobre o assunto, coerente com o pensamento do Codificador, está ciente da existência de posicionamentos diferentes, no movimento espírita, os quais respeita, acreditando, por isso, que a apresentação do tema central na forma interrogativa sugere o debate amplo, mas sereno, sobre o assunto:

1. Em hipótese alguma, a CEPA alimenta o propósito de, no ano 2000, em um único congresso, efetuar a revisão pontual da Doutrina Espírita.

2. É indiscutível a atualidade de partes importantes e fundamentais da obra de Kardec, não superadas pela Ciência, que serão, óbvia e plenamente, reafirmadas pelo Congresso.



3. Os organizadores do Congresso entendem que atualizar o Espiritismo é torná-lo atual, situá-lo na época em que vivemos, torná-lo presente e atuante em todos os setores do pensamento humano.

4. Em hipótese alguma, sob pena de violação de direitos autorais, podem ser alterados os textos ou expressões das obras de Allan Kardec, como os de qualquer autor. Já as idéias, concepções e teorias expostas nas obras da Codificação e nas que lhe são complementares, como o próprio fundador do Espiritismo afirmava, não sendo mais do que a expressão do conhecimento dos seus autores, subordinadas ao contexto de uma época, são passíveis de revisão e de atualização.

5. Não serão objeto de discussão, neste Congresso, os postulados básicos do Espiritismo - Deus, Imortalidade, Comunicabilidade, Reencarnação, Mundos Habitados, Evolução. Todavia, poderão ser questionados conceitos e interpretações a eles referentes expressos na literatura espírita por autores encarnados ou desencarnados ou que se tornaram correntes entre os espíritos.

6. *Embora os congressos da CEPA possuam amplo caráter deliberativo, este não tomará deliberações no que concerne ao conteúdo doutrinário das propostas, exposições, teses e/ou trabalhos que ali forem apresentados. Estes se constituirão em subsídios para novas pesquisas, experimentos e estudos, em áreas específicas, por parte de pessoas e/ou instituições, com a participação dos Espíritos, cujos resultados e conclusões retornarão ao debate em futuros simpósios, seminários, congressos, etc.*

Porto Alegre, maio de 1999.

Salomão Jacob Benchaya

Pres. da Comissão Organizadora

A abertura

Instalado na noite de 11 de outubro de 2000, na Assembléia Legislativa do Estado, depois de impecável espetáculo musical, a sessão inaugural contou com a presença do Governador do Estado, Olívio Dutra, que saudou as quase 600 pessoas presentes ao ato, com aplaudido discurso valorizando os ideais de fraternidade e de respeito ao pluralismo de idéias cultivados pela CEPA. Falaram também, na abertura, os presidentes da Comissão Organizadora, Salomão Jacob Benchaya, e da



XVIII Congresso Espírita Pan-Americano.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

CEPA, Jon Aizpúrua; Mário Molino, da Argentina, em nome das delegações estrangeiras; e, representando as delegações dos vários estados brasileiros, o paulista Éden Dutra do Nascimento, que participara, em 1949, do II Congresso da C.E.P.A., no Rio.

Após o ato, um coquetel foi oferecido a autoridades, convidados e congressistas.

Os participantes

Perto de 400 congressistas integrantes de delegações de 13 países (Brasil, Argentina, Venezuela, Porto Rico, República Dominicana, Espanha, França, México, Cuba, Estados Unidos, Austrália, Colômbia e Guatemala) prestigiaram esse acontecimento que está definitivamente inscrito na história do Espiritismo e que marca o início de uma nova fase na construção de um relacionamento fraterno e cooperativo entre os espíritas de todos os segmentos do movimento doutrinário.

Os trabalhos

A partir da manhã do dia 12, começaram a ser apresentados os trabalhos selecionados para o congresso, subordinados ao tema central “Deve o Espiritismo Atualizar-se?”, constando, na parte da manhã, de Painéis Temáticos que versaram sobre a atualização paradigmática ou epistemológica, de conteúdos doutrinários e de linguagem ou literatura espíritas. O turno da tarde foi reservado aos trabalhos do Fórum de Temas Livres.

Foram ao todo cerca de 50 autores que trouxeram excelentes contribuições, superando todas as expectativas.

Nos Painéis Temáticos, levados a efeito nas manhãs dos dias 12, 13 e 14/10, sob a forma de plenárias, participaram Alejandro Ruiz Díaz, Reinaldo Di Lucia, Moacir Araujo Lima, Fernando Lins, Jaci Regis, Dante López, Ademar Chioro dos Reis, Jon Aizpúrua, Dinorá Fraga da Silva, Krishnamurti de Carvalho Dias e Eliseu F. da Mota Júnior, abordando aspectos epistemológicos, paradigmáticos, metodológicos, de conteúdo doutrinário e de linguagem.

No Fórum de Temas Livres, que funcionou nas tardes de 12 e 13/10, em quatro salas simultaneamente, apresentaram seus trabalhos: Matias Quintana, Yolanda Polimeni Pinheiro, Ildefonso do Espírito Santo, Néstor Juan Massaro, Eliseu da Mota Júnior, Octávio Melchíades Ulysséa, Rosângela Gomes de Souza, Milton Medran Moreira, Jacques Peccatte, Sandra Regis, Éder Fávaro, Marina França, Marissol Castello Branco, Álvaro M. Spínola, Víctor Manuel S. Gomes, Milton Felipeli, Cícero Marcos Teixeira, Wilson Garcia, Mauro Spínola, Mercedes G. de Williner, Carlos Orlando Villarraga, Reinaldo Di Lucia, Raul Drubich, Saulo Albach, Jaci Regis, Luiz Signates, Francisca Ribert, Sandra Jacqueline Stoll, Moacir Araujo Lima e Márcia Regina Aguiar.



Simultaneamente, ocorreram reuniões de jovens espíritas, de educadores e de pesquisadores, além do encontro informal entre vários listeiros do Instituto de Intercâmbio do Pensamento Espírita de Pernambuco (IPEPE).

Os conferencistas

Nas noites de 12 e 13, respectivamente, Jon Aizpúrua, e Milton Medran Moreira, foram os conferencistas que falaram no principal auditório do hotel para um numeroso público. O primeiro desenvolveu o tema *“O Espiritismo e os Paradigmas do Século 21”*. O segundo versou sua conferência sobre: *“Espiritismo – Um compromisso com a liberdade”*.

Os novos dirigentes

A Assembléia Geral da C.E.P.A. elegeu seu novo Conselho Executivo para os próximos 4 anos. Por aclamação foram eleitos os seguintes dirigentes:

- Presidente: Milton Rubens Medran Moreira (Brasil)
- 1º Vice-Presidente: Dante López (Argentina)
- 2º Vice-Presidente: Ademar Arthur Chioro dos Reis (Brasil)
- 3º Vice-Presidente: Carmen Ana O’Neill (Porto Rico)
- Secretária da Finanças: Tereza Samá Landart de Mayo (Brasil)

O novo Presidente convidou ainda Salomão Jacob Benchaya (Brasil) para o cargo de Secretário Administrativo e para a 1ª Secretaria, Teresa Villarroel de Álvarez (Venezuela).

Criaram-se ainda duas comissões especiais: uma de Relações Internacionais, coordenada pelo ex-presidente Jon Aizpúrua (Venezuela), e outra, para Reforma de Estatutos, coordenada por Hugo René Beascochea (Argentina).

Atividades paralelas

Nas áreas de cultura, arte e lazer aconteceram: noite de autógrafos com os escritores participantes do congresso, “city tour” com visita à sede do CCEPA e jantar-show de confraternização na sede do Clube Farrapos.

A equipe

O sucesso do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, cuja coordenação geral esteve a cargo de Salomão Jacob Benchaya, só foi alcançado porque toda a equipe do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, com cerca de 30 integrantes, liderada por seu presidente Maurice Herbert Jones, entregou-se inteira e incondicionalmente à sua organização.

Houve consenso de que aquele Congresso da CEPA logrou atingir seu principal objetivo qual seja o de provocar a discussão, deflagrar um processo em torno da atualização do Espiritismo, requisito fundamental para sua

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

continuidade no planeta.

Enfim, foi um congresso *como queria Kardec*.

No encerramento, foi lida a "Carta de Porto Alegre", Declaração Final do Congresso, abaixo reproduzida:

Declaração Final do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano

Espíritas de diversos países, reunidos em Porto Alegre, nos dias 11 a 15 de outubro de 2000, no XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, convocado para examinar o tema central "*Deve o Espiritismo Atualizar-se?*", decidem fazer a seguinte Declaração:

Considerando:

1. Que é evidente a atualidade dos postulados básicos do Espiritismo sistematizados e explicados na obra de Kardec;
2. Que o caráter essencialmente progressista do Espiritismo, afirmado pelo próprio Allan Kardec exige, para sua vigência e garantia, um processo constante de atualização;
3. Que os estudos e investigações realizados por autores espíritas posteriores a Kardec representam aportes muito valiosos para a atualização de sua obra e do pensamento espírita em geral;
4. Que, sob nenhuma circunstância ou hipótese, podem ser alterados os textos ou expressões das obras de Allan Kardec, como de qualquer outro escritor;
5. Que a C.E.P.A., em razão de seu compromisso exclusivo com o Espiritismo genuinamente kardecista, vem expandindo, de maneira crescente e sustentada, sua presença em todo o mundo,

Concluem:

1. Com respeito à temática central, que sim, o Espiritismo deve atualizar-se permanentemente e consideram altamente conveniente e impostergável levar avante um amplo processo de análise e reflexão em torno do pensamento espírita, à luz dos avanços conquistados pela ciência e demais campos do conhecimento humano.
2. Para realizar com todo o êxito esse processo, o Congresso convida todos os espíritas a participar desse esforço que não pode ser considerado como exclusivo patrimônio da C.E.P.A. ou de qualquer outra entidade espírita nacional ou internacional.
3. O Congresso propõe a realização de seminários, conferências e congressos dedicados a estudar o tema da atualização doutrinária, dentro da maior liberdade de idéias e de expressão e em amplo clima de pluralidade e fraternidade.
4. Em atendimento à solicitação de delegações de outros continentes,



Salomão J. Benchaya

apóiam a decisão tomada pela Assembléia Geral relativa à nomeação de uma Comissão Internacional que deverá elaborar um projeto que contemple a criação de um organismo intercontinental, identificado com os ideais da C.E.P.A., que busque a união do movimento espírita mundial e some esforços para a difusão do Espiritismo em todas as nações.

5. Finalmente, concordam em colocar como texto final desta resolução, mensagem recebida psicograficamente por uma participante no Congresso, que confirma a simpatia dos espíritos desencarnados para com o esforço da C.E.P.A. na sua relação com o movimento espírita. Trata-se de uma comunicação firmada pelo ilustre escritor argentino Manuel S. Porteiro:

“Nota a nota compõe-se a sinfonia. Assim, no grande concerto da vida universal, cada nota representa um pensamento que procura a verdade e o amor como expressão da harmonia.

Cantar num só coro não significa entoar o mesmo tom, a mesma voz, no mesmo tempo. Ao contrário, o coro se compõe de vozes, de sons diversos, de tons variados para que expressem a beleza. O Espiritismo é como a canção universal, entoa as notas da ciência, da filosofia e do amor para compor a harmonia dos que buscam as verdades que conduzirão o espírito humano a dimensões não imagináveis, mas de imensa felicidade.

Manuel S. Porteiro

Porto Alegre/RS, Brasil, 15 de outubro de 2.000.”

O Convite à FEB

Em ofício de 25 de novembro de 1998, o Presidente da Comissão Organizadora, Salomão J. Benchaya comunicou à FEB a realização do congresso, fazendo o convite para que esta se fizesse presente ao evento.

Na mesma oportunidade, Benchaya convidou ao Presidente da FEB, Juvanir Borges de Souza, “a dialogar em torno do delicado tema que envolve a reaproximação e a convivência fraterna entre importantes instituições representativas do Espiritismo no mundo - a FEB e a CEPA”, argumentando que “não podemos ignorar que existem divergências conceituais entre as duas instituições. Mas também não podemos ignorar que ambas são **espíritas**, norteiam-se pelas mesmas obras que integram a Codificação Espírita e têm no pensamento kardequiano a base de seus programas de ação.”

Diz, ainda, Salomão Benchaya que “o pensamento humano amadurece e acompanhamos a emergência de um novo paradigma que, para nossa felicidade, valoriza o pluralismo, a alteridade, a multidisciplinaridade, a diversidade de saberes, a convivência com o diferente, o respeito às peculiaridades...” acrescentando: “confesso-lhe que não consigo imaginar,

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

para não dizer que seria, no mínimo inexplicável, que realizando-se, em solo brasileiro, um congresso espírita internacional no qual a FEB, como legítima representante do nosso movimento, não se fizesse presente. Digo-lhe isto porque tenho acompanhado o claro interesse do Presidente da Confederação Espírita Pan-Americana, Jon Aizpúrua, em dialogar e confraternizar com as lideranças espíritas do Brasil no que já tem sido correspondido, discretamente, pelo menos por alguns organismos federativos. A CEPA, embora distanciando-se do modelo vigente em nosso País, respeita-o assim como gostaria de ter o seu próprio posicionamento respeitado, apesar de diferente.”

Finalmente, Salomão, dizendo que “é chegado o momento de exemplificarmos o amor ensinado por Jesus e a tolerância recomendada por Kardec” prontificou-se “a intermediar conversações e encontros que, passando ao largo das concepções em que não exista concordância, primem pelo restabelecimento do clima de diálogo, de fraternidade e de união **naquilo que é fundamental e essencial** e que nos define como Espíritas.”

A resposta da FEB

Através da revista REFORMADOR e de atenciosa e fraterna correspondência datada de 28 de dezembro de 1998, o Dr. Juvanir Borges de Souza, Presidente da Federação Espírita Brasileira, expressa o posicionamento da FEB relativamente ao Congresso e ao Tema Central escolhido, afirmando “que nosso pensamento tem muito de comum no que concerne à fraternidade entre os espíritas, independentemente da divergência de idéias” e que “em face desse entendimento, e visando à união dos espíritas para o fortalecimento da difusão doutrinária é que a FEB, quando convidada, procurou estar presente e participar de vários Congressos e Conferências realizados pela CEPA. Todavia, em razão mesmo das diferenças interpretativas a que você também se refere ela foi desestimulada, pelos próprios dirigentes desses eventos, a não mais participar.”

Com relação ao Congresso da CEPA, o Presidente da FEB considera que:

“A FEB tem, como diretriz fundamental do seu trabalho, a Doutrina Espírita contida nas obras básicas de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita”.

Reconhece que o Espiritismo é uma Doutrina elaborada e revelada pelos Espíritos Superiores e que o próprio trabalho de organização de Allan Kardec e os seus comentários foram por eles examinados antes de serem publicados. É o próprio Codificador que isto nos informa em Prolegômenos de “O Livro dos Espíritos” e no Capítulo I de “A Gênese” (Caráter da Revelação Espírita).

(...)



Salomão J. Benchaya

A FEB reconhece o caráter essencialmente progressivo da Doutrina Espírita, na forma como destaca Allan Kardec: "(...) se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ela se modificará nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ela a aceitará." Mas compreende, igualmente, que a ciência humana, até o momento, nada descobriu comprovadamente assentado nas leis naturais, que acrescente ou modifique o que a Doutrina Espírita ensina. Ao contrário, vem comprovando os seus princípios.

(...)

É em decorrência do exposto, e por não reconhecer nos homens nenhuma autoridade para alterar, a qualquer título, uma Doutrina que não foi por eles elaborada e nem revelada, mas sim pelos Espíritos Superiores, que a FEB não se faz presente nos Congressos ou em outras quaisquer reuniões que apresentem conclusões que impliquem modificação dos princípios e postulados da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec.

Veja, caro Salomão, que temos pontos comuns no que se refere ao comportamento fraternal dos homens - especialmente os espíritas - mas não podemos concordar com procedimentos, encontros congressos, idéias, etc. que se propõem a revisar o que é fundamental, que procede do Alto e que os Espíritos fizeram questão de transmitir aos homens de forma muito especial, na obra da Codificação de Allan Kardec.

Diante de sua carta fraternal, queremos agradecer-lhe o empenho em realizar o melhor para o Movimento Espírita, e observar, ainda, que a FEB sempre esteve e sempre estará aberta ao diálogo construtivo, embasado nos princípios doutrinários, com todas as pessoas e instituições interessadas em estudar e praticar a Doutrina Espírita."

O convite à FERGS

"Porto Alegre-RS, 31 de agosto de 1999

*Ilmo. Sr.
NILTON STAMM DE ANDRADE
MD Presidente da FERGS*

Senhor Presidente,

1. O CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE - CCEPA, tem sob a sua responsabilidade a realização, no período de 11 a 15 de outubro de 2000, do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, evento que deverá contar com a presença de congressistas de vários países que estarão reunidos, em Porto Alegre, para a discussão de questões da Doutrina e do movimento espíritas sob a temática "Deve o Espiritismo Atualizar-se?".

2. Ao mesmo tempo em que fazemos esta comunicação, temos a subida honra de convidar a Federação Espírita do Rio Grande do Sul para participar do referido evento que se apresenta como uma oportunidade de conagraamento entre todos os espíritas e fórum para discussões alusivas à atualização do Espiritismo, de forma criteriosa e responsável.

3. O material que juntamos à presente oferece informações detalhadas sobre a estrutura do evento e acerca dos propósitos da Confederação Espírita Pan-Americana, promotora deste que é o seu segundo congresso em terras brasileiras - o II Congresso Espírita Pan-Americano realizou-se no Rio de Janeiro, em outubro de 1949.

*4. Por oportuno, adiantamos ao caro amigo que já endereçamos convite similar à Federação Espírita Brasileira, movendo-nos o desejo de que nossa iniciativa propicie o clima e a oportunidade de retomada do diálogo fraterno entre os órgãos representativos do movimento espírita brasileiro e a CEPA, instituições **espíritas** perfeitamente*

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

capazes de estabelecer um relacionamento harmonioso, não obstante sua maneira particular de interpretar o Espiritismo.

5. Na expectativa da concretização deste anelo, no que temos a certeza de contar com o aval dos iluminados mentores do Espiritismo, aproveitamos para renovar ao caro Presidente e aos demais companheiros de nossa Federação os nossos votos de sucesso nas iniciativas doutrinárias e de saúde e paz no âmbito familiar.

Cordialmente

Salomão Jacob Benchaya
Presidente da Comissão Organizadora

Donarson Floriano Machado
Presidente do CCEPA

A resposta da FERGS

“Porto Alegre, RS, 1º de dezembro de 1999.

Ilmo. Sr.
Salomão Jacob Benchaya,
Presidente da Comissão Organizadora
Do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano,
NESTA

Senhor Presidente,

Em atenção ao convite formulado em seu expediente de 31 de agosto p.p., para a participação da Federação Espírita do Rio Grande do Sul no XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, a realizar-se no período de 11 a 15 de outubro de 2000, tendo como tema geral “Deve o Espiritismo Atualizar-se?”, é oportuno dar-lhe conhecimento dos seguintes fatos e decisão:

1. por ocasião da recente reunião ordinária do Conselho Federativo Nacional, realizada em Brasília no período de 13 a 15 de novembro p.p., foi subscrita pela unanimidade dos representantes daquela egrégia assembléia, mensagem ao Movimento Espírita Brasileiro, em que se assevera que “todo o progresso do conhecimento desde a Codificação tem trazido evidências que confirmam os ensinamentos espíritas, nada justificando a revisão de qualquer dos fundamentos da Doutrina dos Espíritos” (item II, 6):

2. em sua reunião ordinária realizada em 27 de novembro p.p., o Conselho Deliberativo Estadual referendou decisão tomada pela Comissão Especial, constituída com o objetivo de analisar e decidir sobre o posicionamento da Federação Espírita do Rio Grande do Sul no que diz respeito a realização do evento a ser promovido pela Confederação Espírita Pan-Americana em Porto Alegre no próximo ano, “**não abonando, em caráter oficial, a participação de nenhuma pessoa vinculada ao quadro federativo estadual, mesmo em caráter de observador, ao evento programado pela CEPA, por considerar inaceitável o tema proposto**”, acatando, desta forma, na íntegra, a mensagem do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira que “**não reconhece em nenhuma pessoa ou instituição, como também em nenhuma assembléia ou congresso, qualquer autoridade ou direito para alterar ou modificar, a qualquer título, os princípios fundamentais e ensinamentos do Espiritismo, contidos nas obras básicas de Allan Kardec**” (item II, 8).

Frente ao relatado, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul declina do convite formulado por V.S.^a, todavia, manifesta seu desejo de, no futuro, superadas as inaceitáveis idéias revisionistas de agora, voltarmos a trabalhar unidos, oferecendo a todos os corações a mensagem da veneranda Doutrina Espírita, íntegra e bela, como no-la legaram os Benfeitores Espirituais.

Cordialmente,

Nilton Stamm de Andrade
Presidente

Anexo: cópia da mensagem do CFN/FEB ao Movimento Espírita Brasileiro”

OBS.: Abaixo reproduzo o inteiro teor da Mensagem acima referida.

“MENSAGEM DO CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL AO MOVIMENTO ESPÍRITA BRASILEIRO

O Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, reunido em sua sede, em Brasília, nos dias 13, 14, e 15 de novembro de 1999, esclarece e recomenda:

1. Que as diretrizes doutrinárias que norteiam as atividades do Conselho Federativo Nacional, são:



1) O Conselho Federativo Nacional reúne as Entidades Federativas e de Unificação do Movimento Espírita dos Estados e Entidades Especializadas de Âmbito Nacional que têm por objetivo difundir e praticar a Doutrina Espírita contida nas obras da Codificação Kardequiana.

2) A integração dessas Entidades no Conselho Federativo Nacional é sempre realizada de forma voluntária e consciente, em nível de fraternal igualdade, sem nenhum caráter subordinativo e com total respeito à autonomia, à independência e à liberdade de ação de seus participantes, como preceitua a própria Doutrina Espírita.

3) Essa união decorre da consciência das Entidades que dela participam, da necessidade de trabalharem unidas, permutando experiências, trocando informações, confraternizando-se, ajudando-se reciprocamente, aprimorando e fortalecendo o seu próprio trabalho e o trabalho global do Movimento Espírita.

4) Essa diretriz, que norteia o trabalho de união da família espírita e de unificação do Movimento Espírita, caracterizada pela prática da fraternidade, da liberdade e da responsabilidade, estende-se a todos os Centros, Sociedades e Grupos Espíritas que integram as Entidades Federativas Estaduais e as Entidades Especializadas de âmbito Nacional que compõem o CFN.

II. Que as diretrizes que norteiam o trabalho de união da família espírita brasileira e de Unificação do Movimento Espírita são:

1) *Doutrina Espírita ou Espiritismo* é o conjunto de princípios e leis contidos nas obras básicas de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita.

2) Conforme observam o próprio Codificador e os Espíritos Superiores, em Prolegômenos de "O Livro dos Espíritos", a Doutrina Espírita é de autoria dos Espíritos Superiores e tem por objetivo instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.

3) Como destacam os ensinamentos contidos na Codificação, o Espiritismo vem realizar, na época predita, o que Jesus disse do Consolador prometido: o conhecimento de todas as coisas, fazendo com que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra.

4) Trazendo conceitos novos sobre o homem e tudo que o cerca, o Espiritismo toca em todas as áreas do conhecimento, das atividades e do comportamento humanos. Pode e deve ser estudado, analisado e praticado em todos os aspectos fundamentais da vida, tais como: científico, filosófico, religioso, ético, moral, educacional, social.

5) Tendo por base os princípios acima enunciados e consciente de que a Doutrina Espírita veio, no devido tempo, trazer esclarecimentos, orientação e consolação a todos os homens, o Conselho Federativo Nacional tem, como objetivo principal de suas atividades, colocar a Doutrina Espírita em toda a sua abrangência, ao alcance e a serviço de todos os homens, promovendo e realizando o seu estudo, a sua divulgação e a sua prática. E destaca a judiciosa e sensata observação de Allan Kardec quando diz: *"Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará."* ("A Gênese" - cap. I - 55.)

6) Todo o progresso do conhecimento desde a Codificação tem trazido evidências que confirmam os ensinamentos espíritas, nada justificando a revisão de qualquer dos fundamentos da Doutrina dos Espíritos.

7) O Espiritismo não impõe seus princípios. O Conselho Federativo Nacional respeita em todas as pessoas e instituições o natural direito que têm de não aceitá-los, parcial ou totalmente, e de rejeitá-los e convida os interessados em conhecê-los a submeter esses princípios ao crivo da razão e só aceitá-los de forma consciente, voluntária e por convicção.

8) O Conselho Federativo Nacional não reconhece em nenhuma pessoa ou instituição, como também em nenhuma assembleia ou congresso, qualquer autoridade ou direito para alterar ou modificar, a qualquer título, os princípios fundamentais e ensinamentos do Espiritismo, contido nas obras básicas de Allan Kardec. Como assevera o Espírito de Verdade: *"No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram."* ("O Evangelho Segundo o Espiritismo" - cap. VI - 5)

III - *E diante da permanente tarefa que, como espíritas, nos cabe realizar no sentido de promover o estudo constante da Doutrina Espírita, a sua divulgação e a sua prática:*

1) Que sejam destacados em todas as atividades do Movimento Espírita, no próximo ano, os 2000 Anos com Jesus que a Humanidade comemora, observando os valores autênticos do Cristianismo e a sua relação COM a Doutrina Espírita, que o revive.

2) A intensificação e dinamização da Campanha de Divulgação do Espiritismo, aprovada em 1996, colocando em prática, plenamente, o seu Plano de Ação e possibilitando que a Doutrina Espírita seja cada vez mais conhecida, melhor compreendida e melhor praticada.

3) O estudo constante, metódico, aprofundado e sistematizado da Doutrina Espírita, para que os seus ensinamentos, princípios e leis possam ser conhecidos e compreendidos de forma racional, lógica, voluntária, consciente e livre, promovendo o crescimento moral, intelectual e espiritual do homem.

4) Um adequado trabalho de atendimento fraterno e assistência espiritual, moral e material ao ser humano, nas instituições espíritas, apoiando-o em suas necessidades e promovendo-o individual e socialmente, colocando em prática o princípio básico da ação espírita: *"Fora da caridade não há salvação"*

5) A utilização dos veículos de divulgação do Espiritismo de forma compatível com os princípios doutrinários, disseminando os ensinamentos espíritas, que esclarecem, orientam e consolam, difundindo a verdade sem dispensar a fraternidade e a solidariedade, cuja prática é o objetivo da Doutrina Espírita.

6) Aos espíritas em geral, e especialmente aos trabalhadores e dirigentes espíritas, o necessário *"vigiai e orai"*, fortalecendo o trabalho de unificação do Movimento Espírita.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

E finalmente, o Conselho Federativo Nacional conclama os espíritas e as instituições espíritas em geral a que, unidos, continuem a concentrar seus esforços e tempo no trabalho edificante de colocar a Doutrina Espírita, em toda a sua abrangência, sem restrições ou questionamentos a qualquer dos seus princípios, ao alcance e a serviço de todos.

"Espíritas, amai-vos; espíritas, instruí-vos".

CFN - Brasília, 15 de Novembro de 1999.
50 anos de "Pacto Áureo" - 1949/1999"

Assinam, além do Presidente do CFN, representantes de 27 federativas estaduais, da ABRADE, da Cruzada dos Militares Espíritas e do Instituto de Cultura Espírita do Brasil.

Circular da FERGS dirigida às instituições espíritas do Estado:

Porto Alegre, RS, 1º de dezembro de 1999.

Circular 66/99

A

REDE FEDERATIVA ESTADUAL, UNIÕES ESPÍRITAS e COORDENAÇÕES REGIONAIS

Senhor Presidente,

Com o objetivo de orientar a tarefa da Unificação do Movimento Espírita, caracterizada pela unidade dos princípios doutrinários e pela união dos espíritas, em sua reunião ordinária realizada em 27 de novembro p.p. o Conselho Deliberativo Estadual da Federação Espírita do Rio Grande do Sul referendou, por unanimidade, decisões da Comissão Especial, constituída com o objetivo de analisar o posicionamento da FERGS no que se refere ao congresso a ser promovido pela Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA) em outubro de 2000 em Porto Alegre, tendo como tema geral "Deve o Espiritismo Atualizar-se?".

Assim sendo, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul:

1. declina do convite formulado pela Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano a realizar-se em outubro de 2000 em Porto Alegre, por igualmente, "não reconhecer", como as demais federativas estaduais vinculadas ao Conselho Federativo Nacional, "em nenhuma pessoa ou instituição, como também em nenhuma assembleia ou congresso, qualquer autoridade ou direito para alterar ou modificar, a qualquer título, os princípios fundamentais e ensinamentos do Espiritismo, contidos nas obras básicas de Allan Kardec";

2. não abonará, em caráter oficial, a participação de nenhuma pessoa vinculada ao quadro federativo estadual ao evento programado pela CEPA, ainda que em caráter de observador, por considerar injustificado o tema proposto para aquele congresso e que possibilitaria revisões dos princípios básicos do Espiritismo revelados pelos Benfeitores Espirituais no notável período da Codificação;

3. alerta as casas espíritas federadas no sentido de, permanecendo atentas, não mais cederem espaços em suas tribunas aos expositores vinculados ao Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA) e à Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), entidades que semeiam insistentemente ideias contrárias aos princípios doutrinários, negando o aspecto religioso da Doutrina Espírita e opondo-se aos ideais do Cristianismo;

4. recomenda, da parte dos dirigentes espíritas, profunda análise das matérias contidas no boletim "Opinião", órgão oficial do CCEPA, atentando para os conceitos revisionistas que ali sistematicamente são divulgados e que desconsideram o caráter religioso do Espiritismo, procurando difundir o que denominam "espiritismo laico";

5. recomenda não dar circulação ao boletim "Opinião", órgão oficial do CCEPA e que vem sendo remetido sistematicamente às casas federadas.

Quaisquer dúvidas a respeito do teor da presente circular poderão ser dirimidas junto a sua União Espírita (UDEs / UMEs) e Coordenadores Regionais ou junto ao próprio Conselho Executivo da FERGS.

Informamos que, na próxima edição do jornal "Diálogo Espírita", estaremos publicando, na íntegra, a mensagem do Conselho Federativo Nacional ao Movimento Espírita Brasileiro, subscrita pela unanimidade das federativas estaduais na reunião ordinária realizada em Brasília (DF), em novembro p.p. e que alicerçam todas as decisões retro pontuadas.

Como servidores atentos que desejamos ser, conscientes de nossas responsabilidades na proposta espírita que se faz manancial e farol, orientando e libertando, dirijamos nossa visão para a tarefa do bem a que nos propomos, esclarecendo e consolando à luz do Evangelho de Jesus.

Muita Paz.
Fraternalmente,

Nilton Stamm de Andrade
Presidente"



Salomão J. Benchaya

O Laicismo

O Laicismo é uma doutrina filosófica que apregoa a autonomia das atividades humanas em relação à religião. Essa doutrina surgiu em decorrência dos abusos que foram cometidos pela intromissão religiosa na política das nações. O laicismo teve seu auge no fim do século XIX e no início do século XX. É desse período que restou a marca de “anti-religiosidade” e de “ateísmo”, argumentos usados por religiosos para enfraquecer o laicismo, mostrando-o como algo perigoso que deve ser banido da sociedade. Ser laico não é ser anti-religioso, nem ser ateu. Ser laico é ser “a-religioso”, ou seja, não vinculado à religião, autônomo, neutro em relação à religião, embora tolerante para com esta.

A religião é um fenômeno cultural da humanidade e, como tal, deve ser respeitado. O problema da religião é que ela costuma se arvorar em detentora exclusiva da verdade e tende a estimular, em razão disso, o fundamentalismo e a intolerância.

No dicionário Aurélio, encontramos: Laico - que vive no, ou é próprio do mundo, do século; secular (por oposição a eclesiástico). Laicismo – doutrina que proclama a laicidade absoluta das instituições sócio-políticas e da cultura, ou que pelo menos reclama para estas autonomia face à religião.

Laico no dicionário Houaiss: “que ou aquele que não pertence ao clero nem a uma ordem religiosa; leigo” ou “que ou aquele que é hostil à influência, ao controle da Igreja e do clero sobre a vida intelectual e moral, sobre as instituições e os serviços públicos”

No Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano, temos que Laicismo (in Laicism; fr. Laïcisme; it.) – Com este termo entende-se o princípio da autonomia das atividades humanas, ou seja, a exigência de que tais atividades se desenvolvam segundo regras próprias, que não lhes sejam impostas de fora, com fins ou interesses diferentes dos que as inspiram. Esse princípio é universal e pode ser legitimamente invocado em nome de qualquer atividade humana legítima, entendendo-se por “legítima” toda atividade que não obste, destrua ou impossibilite as outras.

No Larousse Universal: Laico – (lat. *Laicus*) – que não pertence à Igreja; secular. Laicismo é “*tudo aquilo que exclui o eclesiástico ou o confessional*”.

O princípio do laicismo fundamenta a cultura moderna e é indispensável ao desenvolvimento desta. Como o laicismo está associado à liberdade de pensar, ele encontra sérias barreiras nos regimes políticos totalitários que, quer sejam fundamentados numa confissão religiosa, ou

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

numa ideologia política, tendem a destruir os direitos de liberdade dos cidadãos.

Nas democracias modernas, desde o início do século XX, é aceita a separação entre Estado e Igreja. No estado Democrático de Direito a laicidade do Estado está associada ao princípio de garantia da liberdade de expressão e, para tanto, o Estado deve desvincular-se da religião. As instituições do Estado devem ser neutras, o que, no Brasil vigora desde a Constituição de 1891.

Jon Aizpúrua, em artigo intitulado “A CEPA e o Laicismo”, publicado no livro “Espiritismo: O pensamento atual da CEPA” e no jornal OPINIÃO, de maio/2000, cita textualmente uma resolução do Primeiro Congresso Espírita Internacional, celebrado em setembro de 1888: **“O Congresso Espírita recomenda um constante esforço para difundir o LAICISMO por todas as esferas da vida. A absoluta liberdade do pensamento, o ensino integral para ambos os sexos e o cosmopolitismo como base das relações sociais”.**

Informa, ainda, Aizpúrua, nesse artigo: “O sentimento laico que é inerente ao Espiritismo foi adotado pela CEPA desde sua fundação, em 1946, na cidade de Buenos Aires. Um setor minoritário que expressava uma postura intransigente conseguiu que a CEPA emitisse uma declaração de cunho anti-religioso no III Congresso Espírita Pan-Americano, realizado na cidade de Havana, em 1952. Já no V Congresso, na cidade do México, aquela declaração foi eliminada, retornando-se à postura ampla, tolerante, aberta, ou seja, laica, que deu origem à Confederação e que se mantém até nossos dias.”

É um equívoco confundir laicismo com materialismo.

Sobre essa questão de laicismo, acho interessante abordar uma idéia que é difundida no meio espírita, num demonstrativo de desinformação ou má fé. É quando se diz que os espíritas laicos seriam ateus, materialistas, céticos, sem sentimentos ou sem afetividade. O segmento laico que, no Espiritismo, busca não envolvê-lo com as religiões - e nem torná-lo mais uma delas ou a melhor dentre elas -, embora admitindo-as, respeitando-as e valorizando o seu papel, nem por isso é constituído por espíritas “duros”, “secos”, que não se sensibilizam diante dos quadros da miséria humana, ao apreciar um pôr-do-sol, ao ouvir uma música melodiosa ou apreciar a Natureza, que não fazem preces, que não se dedicam à filantropia, que não são solidários e caridosos, que não choram com suas perdas e com seus sofrimentos. Esse estereótipo tem raízes nas primeiras reações que, no Brasil, se esboçaram contra o religiosismo que impregnou o Espiritismo no final do século XIX e início do século XX, quando os espíritas se dividiam entre “científicos” e “místicos”.

Uma postura preconceituosa é revelada, muitas vezes, com relação aos homens de ciência. Não é raro encontrarmos, mesmo em mensagens mediúnicas, alusões depreciativas e reducionistas acerca do papel da Ciência, considerada como antagônica da espiritualidade. Expressões como



“ciência fria”, “ciência materialista”, “intelectualidade vazia”, “soberba do conhecimento”, “ vaidade intelectual”, encontradas em textos que supervalorizam o sentimento, a fé e a caridade.

Eu sempre me pergunto se os cientistas, pesquisadores, intelectuais, que investem seu tempo e suas energias, em laboratórios, gabinetes, missões humanitárias, produzindo conhecimentos, fórmulas, produtos, medicamentos, tecnologia, avanços nas mais diversas áreas do saber, contribuem menos para o bem estar e para a evolução humana do que os religiosos, sacerdotes e pregadores espíritas.

Kardec recusou classificar o Espiritismo como religião, definindo-o como filosofia espiritualista, ciência filosófica, mas valorizou o sentimento religioso do homem e o papel da religião. Colocou, inclusive, o Espiritismo como subsídio para o fortalecimento das religiões e para a complementação da Ciência. Sem, todavia, ser uma religião.

Ser religioso não é um requisito para ser espiritualista. Ilustres personagens da Humanidade, tais como Sócrates, Platão, Allan Kardec, Voltaire, Rousseau, Gandhi, Einstein foram espiritualistas sem, todavia, haverem sido religiosos.

O Espiritismo não nega a dimensão religiosa do ser humano, mas prefere não revestir-se do caráter de religião para não assimilar desta o comportamento sectário, exclusivista, dogmático, mediador da divindade que, definitivamente, ele – o Espiritismo - recusa. Além de tudo, como crença religiosa, ele se descredencia para o exame e para a discussão na Academia.

Luiz Signates, jornalista e professor universitário goiano, diretor da ABRADE e delegado da CEPA, respeitado pensador espírita, prefere situar a postura de Kardec na linha do ecumenismo. Diz ele, numa discussão travada, em 2000, sobre o tema, na lista do IPEPE - Instituto de Intercâmbio do Pensamento Espírita de Pernambuco: “Kardec pretendia o contrário do laicismo; ao invés de reivindicar uma separação da religião em relação aos campos do conhecimento e da prática (essa é, no que entendo, a postura laica, que nos deixou ótimos frutos na sociedade moderna, como a laicização do Estado, da escola, da filosofia, etc.), o nobre codificador trabalhou com a idéia de unificá-los e inclusive as religiões entre si.” Todavia, afirma mais adiante: “Acho a postura da unificação das religiões demasiadamente utópica (...), exceto em um Estado totalitário, que, contudo, ao invés de unificá-las, cometeria o velho etnocídio de sempre. Nesse sentido, o posicionamento laicista é mais realista e moderno. Entretanto, fora de um comportamento no qual o laicismo se torna religião leiga, disfarçada de laicismo, (...) a postura laicista é reducionista; ela nega uma dimensão fundamental do ser humano (...): o seu espanto diante do desconhecido, cerne do fenômeno da fé.”

Assevera, ainda, Signates: “Ora, se o espiritismo é (...) capaz de incluir pessoas de todas as religiões, essa capacidade não se ajusta ao laicismo, e sim ao ecletismo ou, mais modernamente, ao pan-ecumenismo. O laicismo

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

exclui o sentido do religioso, ao rejeitar a sua obrigatória dimensão metafísica e suas conseqüências dogmáticas e rituais no âmbito prático-social. Parece-me que a posição de Kardec era mais próxima da de inclusão dessa dimensão e de liberação daquelas conseqüências, a partir da centralidade ética (que ele chamava, creio que incorretamente, de "moral"). Por tal razão, vejo uma religiosidade em Kardec, vinculada a uma busca eclética de interação harmônica da religião com a própria ciência, a partir de uma visão positivista da religião. E é essa busca de vínculo com a ciência que nos dá a impressão de laicismo. Entretanto, isso é paradoxal, porque foi o laicismo quem pregou - e teve sucesso - a separação e o isolamento da esfera religiosa. Observando o pensamento de Kardec como um todo, sinto o nosso codificador se movimentando num sentido contrário, conciliador, consensualista *avant la lettre* - e, portanto, anti-laicizante, porque pan-religioso."

Com absoluto respeito à linha de raciocínio do querido amigo Signates, penso que o segmento laico que se vai consolidando no movimento espírita, não se identifica com o ecletismo²² nem, tampouco, rejeita o sentido do religioso que é inerente à natureza humana. Apenas pretende que o Espiritismo não fuja do seu objeto primordial que é "o estudo da natureza, origem dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal" com o que ele já teria elementos suficientes para "dialogar" com o mundo científico e subsidiar a Religião.

A expressão "Espiritismo laico" é tão imprópria como "Espiritismo cristão" ou "Espiritismo religioso", mas tem função comunicativa ao identificar as posturas decorrentes, na prática espírita, de uma ou de outra posição.

Quanto ao ecumenismo²³, concordo com o Signates que o considera uma utopia. Eu não acredito num diálogo do Espiritismo com as religiões, pois que estas se fundamentam em princípios que são contraditos pelo Espiritismo, restando, quando muito, um relacionamento mútuo baseado no respeito às diferenças.

No âmbito interno do movimento espírita, todavia, há margem para certo ecumenismo, se aplicado ao relacionamento entre as diversas tendências ou vertentes espíritas. Essa é uma proposta contida no trabalho "Fraternidade como Paradigma da Identidade Espírita", do citado Luiz Signates, baseado nos estudos sobre alteridade, e que, também, se encontra formulada no trabalho "O Laço Espírita – é preciso renová-lo: as bases do ecumenismo aplicáveis ao movimento espírita", de Milton Medran Moreira, trabalhos esses apresentados no XVIII Congresso da CEPA, em 2000.

²² Ecletismo - posição intelectual ou moral caracterizada pela escolha, entre diversas formas de conduta ou opinião, das que parecem melhores, sem observância duma linha rígida de pensamento.

²³ Ecumenismo – disposição para a convivência e para o diálogo com outras confissões religiosas.



O CCEPA hoje

Alguém que seja freqüentador habitual de centro espírita, ao visitar o CCEPA poderá ficar intrigado com o “jeito da Casa”. Logo perceberá que nele há uma preocupação centrada no conhecimento. Talvez, por isso, sua fama de elitista. A atividade “socorrista” é limitada aos esclarecimentos e orientações, sem nenhuma promessa de solucionar problemas. Ninguém é considerado “assistido” ou “paciente” nas atividades ali desenvolvidas. Diante de determinados quadros, as pessoas são orientadas a procurar ajuda médica ou auxílio espiritual em instituições espíritas especializadas. O serviço de fluidoterapia é restrito a uma reunião pública vespertina semanal. Há muitos anos que o passe deixou de ser garantia de afluência de público às reuniões da Casa. A bagatelização desse importante recurso terapêutico desviou as casas espíritas de suas verdadeiras funções.



Aspecto do auditório numa das conferências mensais.

Restringir para valorizar. Sem vulgarizar as terapias espirituais, o CCEPA, entretanto, continua sendo uma instituição aberta a todos os interessados em conhecer, debater e promover o avanço e o progresso do pensamento espírita. Isso não desmerece, todavia, as atividades

desenvolvidas na área socorrista, realizadas por outros Centros Espíritas, com o devido critério.

Só existem duas reuniões públicas semanais, denominadas “grupo de conversação”, cuja dinâmica vai adiante descrita. Uma vez por mês, na primeira segunda-feira, exceto nos meses de férias gaúchas, há uma Conferência Pública, anunciada na imprensa, com oradores qualificados. As demais reuniões são de estudos e debates. Graças à dedicação de um grupo de colaboradores, uma tradicional atividade continua sendo realizada - a visitação a enfermos e pacientes terminais, sem condições de deslocamento. Um outro grupo, este constituído por senhoras, sob a coordenação de Leda Beier, reúne-se, nas tardes de terça-feira, com o objetivo de recuperar peças de vestuário e confeccionar cobertores e agasalhos que são repassados ao Núcleo Fraternidade ou a instituições de atendimento a pessoas carentes.

Não há nenhuma placa dizendo “O silêncio é uma prece” que cai

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

muito bem numa igreja. No CCEPA, o “papo” é livre e estimulado. Ninguém é chamado de “irmão”, tratamento típico das igrejas. O “hall” de entrada é amplo e aconchegante, num convite à conversa descontraída, informal e fraterna. Nada de compunção e pieguismo. Todo o ambiente “ccepeano” é claro, limpo, alegre, simples e de bom gosto.

O visitante poderá ficar desconcertado – às vezes, indignado – porque não é feita prece para abrir ou encerrar reuniões públicas. De vez em quando, a direção dos trabalhos esclarece que o CCEPA não é “contra a prece”. Ao contrário, por valorizá-la, não aceita sua ritualização como ato maquinal, obrigatório e repetitivo.

Outra particularidade, que nem todos percebem com facilidade, é que nenhuma exposição doutrinária contém apelos moralistas, do tipo “precisamos nos amar...” nem ameaças de “sofrer na próxima encarnação pelos erros da vida atual”. Os temas são abordados de forma reflexiva, questionadora, interativa, participativa, sem sacralização a obras ou autores.

As reuniões mediúnicas, mais do que servir à “doutrinação de espíritos”, buscam o aprimoramento do médium que, também, integra os grupos de estudo. Estes sim, são a “menina dos olhos” da Instituição. Tanto que, anualmente, são promovidos vários Cursos de Iniciação ao Espiritismo nos quais se inscrevem espíritas e não-espíritas. Vários participantes, após concluírem o CIESP, inscrevem-se no CIBEE - Ciclo Básico de Estudos Espíritas. Essa é uma conquista do “Projeto Kardequizar”, cuja implantação possibilitou a aproximação de um novo tipo de freqüentador, não mais atraído pela prestação de serviço – passe e desobsessão -, mas pelo interesse em conhecer o Espiritismo.

O quadro abaixo dá ao leitor uma idéia das atividades atuais da Casa:

Cronograma semanal em 2005:

- 2a. feira – 20h30min – Reunião Pública (Grupo de Conversação)
- 3a. feira – 14h00 – Grupo Fraternidade do Departamento de Ação Social
- 3a. feira – 20h30min – Oficina de colaboradores do CCEPA
- 4a. feira – 15h00 – Grupos de Estudos Espíritas
- 4a. feira – 15h00 – Ciclo Básico de Estudos Espíritas - CIBEE
- 4a. feira – 16h15min – Grupo de Estudos Mediúnicos
- 5a. feira – 09h00 – Grupo de Visitação a Enfermos
- 5a. feira – 19h30min – Grupo de Estudos Mediúnicos
- 5a. feira – 20h30min – Grupos de Estudos Espíritas
- 5a. feira – 20h30min – Ciclo Básico de Estudos Espíritas – CIBEE
- 5a. feira – 20h30min – Grupo de Jovens
- 6a. feira – 15h00 – Reunião Pública (Grupo de Conversação)

Nos itens a seguir, desenvolvo alguns comentários sobre as principais iniciativas que estão em vigor, no CCEPA.



Salomão J. Benchaya

· Oficina de Colaboradores

A “Oficina”, como é mais conhecida, é um organismo informal, não estatutário, que, desde 16 de março de 1999, é o grande fórum onde todos os assuntos da instituição são debatidos e aprovados. A “oficina de colaboradores do CCEPA” reúne-se semanalmente, às terças-feiras, sendo aberta a todos os associados. Como a maioria dos participantes mais permanentes é constituída de membros da Diretoria Executiva e coordenadores de grupos de estudo, as decisões da oficina, na prática, são soberanas e automaticamente acatadas, cabendo aos órgãos estatutários formalizá-las.

Os objetivos da Oficina, estabelecidos no seu projeto original, são: a) capacitar coordenadores identificados com a proposta cultural da sociedade; b) contribuir para a construção da identidade da Casa, em sintonia com sua Carta de Princípios; c) constituir-se um espaço de reflexão sobre as práticas e programas adotados nos grupos de estudo e de educação da mediunidade; d) proporcionar vivências reais de apropriação de diferentes referenciais teórico-pedagógicos e teórico-espíritas, a partir de construções coletivas; e) contribuir para o processo permanente de acompanhamento e de avaliação dos grupos de estudo; f) propiciar a socialização do conhecimento produzido no CCEPA, inclusive através da produção de textos doutrinários e/ou relacionados com as experiências e descobertas do grupo.

A implantação da Oficina de Colaboradores decorreu da constatação de alguns problemas institucionais, tais como: a) distanciamento entre a Direção e o seu corpo de trabalhadores; b) isolamento e falta de comunicação entre os diversos grupos da instituição; c) desinteresse e falta de participação dos associados nas atividades da Casa; d) defasagem dos programas de estudo em face dos interesses dos grupos; e) necessidade de avaliação crítica do modelo adotado para a experimentação mediúnica; f) dificuldade de engajamento de novos trabalhadores e dirigentes nas atividades do CCEPA.

Atualmente, apenas os principais dirigentes da Casa e, eventualmente, algum membro dos grupos de estudo participam da Oficina.

“Neste magnífico espaço semanal – diz Jones, em matéria publicada no OPINIÃO – temos resolvido, democraticamente, nossas pendências, definido nossos horizontes, nossos princípios, nossa meta e nossos caminhos. Ali nos fortalecemos e conquistamos a invejável unidade ideológica que ora ostentamos”

· Curso de Iniciação ao Espiritismo – CIESP

A partir de 1990, o CCEPA passou a realizar Cursos Básicos de Espiritismo voltados para a comunidade, com a participação de expositores da Casa e convidados, sendo os temas, então, desenvolvidos sob a forma de palestras.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Em 2001, essa atividade é retomada com a denominação de Curso de Iniciação ao Espiritismo, buscando dar sua contribuição à correta difusão da identidade e princípios básicos da doutrina kardecista. Destinado, preferencialmente, a não-espíritas que desejem receber informações básicas acerca do contexto histórico e cultural em que surgiu o Espiritismo e dos princípios fundamentais que lhe dão sustentação, o Curso de Iniciação ao Espiritismo recebe também inscrições de antigos freqüentadores e até colaboradores de casas espíritas, interessados em uma fundamentação teórica da matéria.

O curso tem duas exposições – a abertura e a de encerramento – a cargo de Maurice Herbert Jones, sendo os demais encontros, que abordam os fundamentos teóricos do Espiritismo, realizados com o emprego de técnicas interativas, sob a coordenação de Salomão J. Benchaya. O CIESP é uma realização do Departamento de Eventos Culturais do CCEPA com o objetivo de oferecer em seis encontros, com duração de uma hora e trinta minutos, as informações necessárias para uma compreensão do Espiritismo, sua história, seus fundamentos e sua natureza dinâmica, livre-pensadora e progressista a pessoas com pouco ou nenhum conhecimento espírita.

Até o presente, centenas de pessoas já estabeleceram contato com informações basilares sobre o Espiritismo e sobre o pensamento do seu fundador. Ao término de cada curso, é oferecida aos participantes a possibilidade de se inscrever no CIBEE - Ciclo Básico de Estudos Espíritas, mas somente 5%, aproximadamente, permanecem como membros do CCEPA.

O CIESP obedece à seguinte programação com duração de 9 (nove) horas distribuídas em 6 sessões de 1h30min, a saber:

- O que é o Espiritismo
- O espírito: imortalidade e intercomunicação
- Pluralidade das existências e dos mundos habitados
- Concepção espírita de Deus e de evolução
- Práticas espíritas
- As conseqüências morais do Espiritismo

Não há dúvida de que os Cursos de Espiritismo constituem a melhor porta de entrada de novos integrantes para a Casa por atrair um novo tipo de público, mais interessado em conhecer a Filosofia Espírita e, portanto, com maior probabilidade de integração nos programas desenvolvidos pelo CCEPA.

· Ciclo Básico de Estudos Espíritas – CIBEE

O CIBEE, implantado no CCEPA, em 1978, na gestão de Antonio Alfredo de Souza Monteiro, funciona, ininterruptamente, até o presente momento. É um Curso introdutório ao conhecimento do Espiritismo, nele podendo ser inscritas, diretamente, pessoas desejosas de conhecer os princípios fundamentais do Espiritismo ou aquelas que, tendo participado do Curso de Iniciação ao Espiritismo - CIESP, de curta duração, manifestem



interesse em prosseguir seus estudos na instituição. É requisito básico para o ingresso nos grupos mais avançados. Atende à recomendação de Allan Kardec, o fundador do Espiritismo, no tocante à realização de “cursos regulares de Espiritismo”.

O CIBEE desenvolve-se através de reuniões semanais, vespertinas e noturnas, de 60 minutos, durante nove meses, aí se desenvolvendo o estudo em grupo, com técnicas de exposição dialogada e debate. O programa baseia-se, principalmente, em “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”.

· Grupos de Estudos Espíritas – GEE

Pode-se dizer que há três níveis ou etapas nos estudos de Espiritismo promovidos pelo CCEPA: introdutório, básico e avançado: a) Introdutório – destinado aos interessados em obter informações sobre a Doutrina Espírita. Nesta etapa não há nenhum comprometimento do interessado com a instituição, na condição de sócio, nem há participação nas reuniões mediúnicas. Corresponde aos Cursos de Iniciação ao Espiritismo; b) Básico – destinado aos interessados no conhecimento da Doutrina Espírita, seus integrantes deverão ser essencialmente os participantes que concluírem a etapa Introdutória ou que já possuam conhecimentos elementares de Espiritismo. Nesta etapa o objetivo é aprofundar um pouco mais o conhecimento básico da Doutrina Espírita, através de estudo metódico, possibilitando a pesquisa e a discussão em grupo. Corresponde ao Ciclo Básico de Estudos Espíritas, onde os estudos são apenas teóricos, sem experimentação mediúnica; c) Avançado – neste nível, os grupos baseiam seus estudos em programação trimestral – denominados temas de Outono, de Inverno e da Primavera, por coincidirem com as estações climáticas - elaborada pelos próprios membros, sob a orientação do Departamento de Estudos Espíritas. Seus integrantes já podem, também, participar das atividades mediúnicas em reunião específica realizada em outro horário. Definido o tema do trimestre, cada grupo distribui internamente as tarefas de pesquisa e de registro do material obtido que é debatido por todos. Ao final do trimestre, realiza-se um seminário em que cada grupo apresenta uma exposição oral do resultado dos estudos temáticos. Este resultado também pode ser apresentado por escrito ao Diretor do Departamento que os reúne e, periodicamente, os encaderna e os coloca à disposição de todos na Biblioteca. A seguir, uma lista exemplificativa dos temas já abordados por esses grupos: “Parapsicologia e Espiritismo”, “Estudo de “A Gênese” de Allan Kardec”, “Importância e Significado da Vida Física”, “Mediunidade – Metodologia Kardequiana”, “Manuel S. Porteiro – Vida e Obra”, “A Família – Laboratório da Consciência”, “Regressão de Memória e Terapias de Vida Passada”.

No CCEPA, estudar espiritismo é uma regra a que todos se submetem com prazer. Necessariamente, todo o trabalhador da Casa deve integrar um de seus grupos de estudo, contribuindo como pode e na medida de

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

sua disposição e disponibilidade.

· Grupos de Conversação

A partir do ano de 2000, com a definitiva consolidação do Projeto Kardequizar, foram criadas as condições para desenvolver um trabalho mais produtivo em todas as áreas de atuação. Assim, as palestras públicas, que sofreram uma natural e esperada diminuição de público, na nova fase do CCEPA, puderam experimentar um melhor aproveitamento, mesmo no modelo antigo, já interativo, dando lugar a uma nova reunião informal denominada singelamente de "grupo de conversação". O "grupo de conversação", aberto ao público conta, normalmente, com cerca de 20 pessoas posicionadas em círculo. Não existe dirigente nem expositor, no sentido tradicional, e sim um "provocador" previamente designado que, depois de breve exposição, coordena a discussão de um assunto à luz do pensamento espírita. Como, além do público externo, participam da reunião vários companheiros do CCEPA mais experimentados, a troca de idéias e as diferentes abordagens do assunto tornam este tipo de reunião bem mais interessante e rica que a maioria das palestras tradicionais.

Atualmente, os "grupos de conversação" funcionam às segundas-feiras, à noite (exceto na primeira semana do mês, quando acontece a conferência pública) , e nas sextas-feiras, à tarde, aqui funcionando o serviço de fluidoterapia.

· Conferências Públicas Mensais

A SELC já realizava palestras públicas semanais, muitas com expositores convidados, reuniões que contavam com grande público devido aos serviços de receituário, passes e irradiações que eram oferecidos. As conferências públicas haviam sido interrompidas, desde 2000, em razão das obras de reforma da sede, tendo sido reativadas, em outubro de 2002, passando a se realizar na primeira segunda-feira de cada mês.

Um palestrante é convidado para apresentar um trabalho de sua escolha. Este evento tem merecido boa frequência de público em todas as oportunidades, especialmente em função da propaganda efetivada pelo Departamento de Eventos Culturais e pelo Departamento de Comunicação Social, inclusive com anúncio em jornais e na Internet.

Através dessas reuniões, muitas pessoas, não-espíritas, estabelecem um primeiro contato com o Espiritismo e ficam conhecendo o trabalho do CCEPA.

· Atividades mediúnicas

No que diz respeito às atividades mediúnicas, o Departamento de Estudos Mediúnicos, atualmente sob a direção de Carlos Alberto Faraco Grossini, promove estudos teóricos e práticos da mediunidade, mantendo-



se em funcionamento dois grupos mediúnicos, um à tarde, às quartas-feiras, outro à noite, às quintas-feiras. Não há obrigatoriedade de participação nas atividades mediúnicas por parte dos integrantes dos grupos avançados, mas participar destes últimos é condição para integrar as atividades mediúnicas.

Vale salientar que uma das características do CCEPA é ter um reduzido número de médiuns, reuniões mediúnicas de reduzida produção, talvez decorrente do enfoque predominantemente filosófico da Instituição e da postura questionadora e crítica que se instituiu, o que acaba por "inibir" a fenomenologia mediúnica. Ou porque, médiuns mais conhecedores e exigentes, passam a exercer maior controle das manifestações, "filtrando" as de origem não-mediúnica. Na verdade, o CCEPA não alimenta a cultura do mediunismo, dada sua vocação, como já foi dito, predominantemente filosófica. Talvez seja esse o motivo de esta obra não destacar nenhuma experiência excepcional no campo mediúnico.

Como já disse, o foco da atividade mediúnica, no CCEPA, não é o socorro e o esclarecimento de espíritos, como na maioria das casas espíritas. Essa atividade, se ocorre, é com o objetivo de educar o médium, este sim, o foco da reunião.

As tentativas de imprimir um caráter mais experimental e investigativo às reuniões mediúnicas têm esbarrado em limitações quantitativas e qualitativas que podem estar relacionadas tanto aos próprios médiuns, aos espíritos ou aos dirigentes dessa atividade.

· Grupo de Jovens

Desde o dia 7 de outubro de 2004, está em funcionamento o grupo de jovens do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, cujas reuniões acontecem às quintas-feiras, das 20 às 21h30min. Essa atividade vem sendo coordenada pela Maria de Lourdes Darcie, a "Malú", que conta com a monitoria de Mariana Canellas Benchaya.

O funcionamento de grupos de jovens, no CCEPA, tem sido descontínuo, ao longo dos últimos anos, mas o grupo atual, identificado com as propostas ideológicas da Instituição alimenta esperanças, nos atuais dirigentes, de que alguns venham a se constituir em futuros líderes.

Alguns desses jovens participaram do 9º Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, em Santos, em outubro/2005.

· Eventos Sociais

Tradicionalmente, os eventos sociais como chás-bazar, brechó e almoços ou jantares beneficentes eram promovidos pelo Departamento de Ação Social que arrecadava, assim, recursos financeiros para a assistência social desenvolvida pelo CCEPA.

Considerando, porém, a nova estrutura e objetivos do Centro Cultural, foi criada uma diretoria especial para estes eventos que, agora, tem a

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

função central de angariar recursos para complementar as receitas sociais, insuficientes para cobrir as despesas, além de propiciar o encontro e a confraternização dos dirigentes, membros e simpatizantes da Casa.

Esses eventos vêm sendo coordenados pela companheira Sílvia Medran Moreira com excelentes resultados e, além disso, propiciam momentos de descontraídas apresentações musicais de integrantes da Casa e convidados.

O custeio da maioria dos eventos é suportado pelo grupo de associados, sobretudo os mais assíduos à Oficina de Colaboradores, de modo que praticamente todo o dinheiro arrecadado das vendas de convites e sorteios ingressa no caixa da Instituição livre de abatimento de despesas.

· Ação Social

O CCEPA desenvolve sua atividade na área de assistência social, fazendo-o de forma indireta. Desde a implantação do Projeto Kardequizar, essa atividade foi transferida para o Núcleo Fraternidade, instalado no Morro de Santa Tereza. Desde então, o Departamento de Ação Social, sob a direção de Leda Beier, recebe doações e redistribui estes recursos, direcionando-os, segundo as necessidades verificadas, para aquele Núcleo, hoje uma instituição espírita que mantém fortes laços com o CCEPA. O grupo de colaboradoras desse Departamento, também denominado Grupo Fraternidade, reúne-se nas tardes de terça-feira para realizar a reforma ou confecção de peças, sobretudo de vestuário.

· Serviços de Apoio

Algumas atividades institucionais são silenciosas, mas indispensáveis ao bom andamento das tarefas. Nesse caso, estão catalogadas as ações da Secretaria, atualmente em mãos do atual vice-presidente Rui Paulo Nazário de Oliveira, do Departamento Financeiro, dirigido por Marta Samá, do Departamento de Livraria, a cargo de Tereza Samá Landart de Mayo, do Departamento de Patrimônio, recém assumido por Milton Lino Bittencourt e a Biblioteca, cuidada por Lúcia Plastina.



Presidentes do CCEPA

Os primeiros presidentes

Não há informações precisas sobre os primeiros dirigentes da Instituição. Não foram localizados registros dos três primeiros anos de seu funcionamento, portanto, não se sabe quem teria sido seu primeiro presidente. Há uma “Relação de Sócios Fundadores”, datada de 03.06.1954, à qual me refiro no capítulo “Uma Panorâmica Histórica”, que, todavia, não identifica quem teria sido o presidente, o que sugere a hipótese de informalidade administrativa nesse período. O primeiro documento existente é a Ata nº 1, de 06.06.1939, que registra a proclamação e posse da primeira diretoria, ocorrida em sua sede, à Rua Botafogo, 940 - fundos, no bairro Menino Deus, de Porto Alegre, sendo seu presidente Gonçalo Guimarães, cuja gestão se encerraria em 1941.

Outros presidentes desse período foram: Isnard S. de Barcelos (1941/45 e 1949/51); Vigo T. Collin (1945/46); Joaquim Oliveira Brás (1947/48); Carlos Rieboldt (1951); Joaquim Silvano de Aguiar Lopes (1952/53); Osíris Souto (1954/57); Mário Jardim (1958); José Valejos Abreu (construtor da sede atual, da Rua Botafogo, de 1958 a 1968)

Os presidentes após 1968

Não posso deixar de comentar, com certo orgulho, o fato de quatro presidentes do CCEPA terem sido, também, presidentes de outros organismos representativos do movimento espírita. Maurice Jones, Salomão Benchaya e Antônio Alfredo Monteiro foram, também, presidentes de federativas estaduais – os dois primeiros da federação gaúcha (FERGS) e o terceiro da federação do Ceará (FEEC). E Milton Medran Moreira, que chegou a ser candidato à federação gaúcha, é o atual presidente da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA).

Nas últimas décadas, presidiram a SELC e o CCEPA: Maurice H. Jones (1968/75, 1978/79, 1984/87, 2000/01 e 2006); Salomão J. Benchaya (1976, 1980/83, 1988/91 e 1994/95); Antônio Alfredo de S. Monteiro (1977/78); Donarson F. Machado (1992 e 1996/99); Milton Rubens M. Moreira (1993); e Rui Paulo N. de Oliveira (2002/05).

Abaixo, publico os dados biográficos desses dirigentes:

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

MAURICE HERBERT JONES

Maurice Herbert Jones, filho de Samuel Herbert Jones e Maria Clotilde Thorpe Jones, nasceu na cidade de Gravatá no interior de Pernambuco em 3 de setembro de 1929. Aos cinco anos de idade transferiu-se, com a família, para o município de Osório no Rio Grande do Sul, onde seu pai passou a trabalhar como técnico da Secretaria de Agricultura do estado.

Na adolescência passa a morar em uma pensão na cidade de Porto Alegre e matricula-se em uma escola técnica. Forma-se como técnico industrial em 1950 e, imediatamente, começa sua vida profissional na Companhia Estadual de Energia Elétrica, seu único emprego, onde se aposentou. Em 1954, a convite de seu pai, é admitido na maçonaria onde desenvolve atividade intensa até 1967, não por acaso, o ano em que assume compromisso prático com o espiritismo.

Casa-se em 1958 com Elba Jones, sua companheira de toda vida, com a qual tem quatro filhos. Em 1964, depois de 14 anos de atividade profissional que exigia permanente movimentação por todo o estado, foi selecionado para participar da criação de um centro de formação e aperfeiçoamento profissional na sua empresa. Este fato foi marcante, pois além de participar, em duas ocasiões, de cursos de aperfeiçoamento pedagógico na França, o novo campo de trabalho, fascinante e desafiador, lhe permitia fixar residência em Porto Alegre onde planejava, com sua esposa, participar da instituição espírita mais próxima. Ambos, por coincidência, eram oriundos de famílias espíritas onde tiveram acesso à literatura espírita disponível na época, principalmente romances e a obra de André Luiz.

Alguns dias depois da instalação da família no novo endereço, no final do ano de 1966, passeando pelos arredores defrontaram-se, em uma esquina próxima, com uma pequena e simpática construção com o letreiro SELC – Sociedade Espírita Luz e Caridade. Dois dias depois Jones, sem nenhuma experiência prática, se apresentava ao Presidente José Valejos Abreu oferecendo-se para qualquer atividade. Menos de dois anos depois, em 22 de outubro de 1968, com o afastamento, por motivos pessoais, do Presidente, Jones assume a presidência da SELC, marcando uma profunda mudança na trajetória da instituição. Descontentes com a nova dinâmica doutrinária, a maioria dos trabalhadores da casa vai, voluntariamente, se afastando. Nesse tempo de solidão chega, vindo do interior do estado, o casal Ismar e Ieda Vilhordo, ela médium qualificada, ambos dispostos a compartilhar o desafio de reerguer a instituição. Reuniam-se os dois casais no auditório, buscando descortinar caminhos e definir metas quando Ismar Vilhordo sugeriu: “Jones, vamos estudar espiritismo e comecemos pelo Livro dos Espíritos”. Essas quatro pessoas constituíram o primeiro grupo de estudos da casa e definiram a linha mestra que conduziria os próximos quarenta anos de sua história - a opção prioritária pelo estudo.

Os demais acontecimentos e as pessoas neles envolvidas estruturaram-se a partir dessa base conceptual. Nela ancora-se a permanente disposição para experimentar e mudar, a transformação em centro cultural, a filiação à CEPA e os exitosos programas de estudo sistematizado de espiritismo ali desenvolvidos, depois transplantados para a FERGS e, finalmente, para a FEB.

Paralelamente a esses acontecimentos, Jones e esposa estabelecem contato com a Federação Espírita do Rio Grande do Sul participando de todos os eventos programados pela mesma. Em função desta presença constante Jones assume, a partir de 1974, a diretoria do Departamento de Estudos Doutrinários, depois a vice-presidência e, finalmente, em 1978, a presidência, exercida durante três mandatos consecutivos, passando-a, no início de 1984, para o companheiro Salomão Benchaya, também da SELC. Com Benchaya, Jones inaugura um período de intensa movimentação no Interior gaúcho, levando o Conselho Executivo da FERGS a se fazer mais presente no Estado, através da realização de cursos, seminários, palestras, consolidando a nova estrutura federativa implantada na gestão de Hélio Burmeister. É na sua gestão que, em julho/78, a FERGS lança, no Estado, a Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita,



mais tarde adotada pela Federação Espírita Brasileira, após memorável esforço empreendido por Jones para convencer o Conselho Federativo Nacional da importância de tal iniciativa.

Em fins de 1985, pouco depois da apresentação de uma palestra promovida pela FERGS com o título “É o Espiritismo uma religião?” na qual expunha a opinião de Kardec sobre o tema, Jones, em pronunciamento no Conselho Federativo Estadual, pede demissão da vice-presidência que então exercia, argumentando que, sendo sua visão de espiritismo incompatível com a da maioria dos espíritos gaúchos, não se sentia mais em condição de representá-los. Com este ato, Maurice Herbert Jones encerrou sua atuação no movimento espírita organizado do Brasil, magoado com as atitudes anti-fraternas demonstradas por dirigentes e companheiros espíritas em razão dos questionamentos propostos pelo Conselho Executivo da FERGS com a publicação do nº 402 da revista “Reencarnação” sobre o Espiritismo ser ou não uma religião.

A partir de então, ele e sua esposa, passam a se dedicar, exclusivamente, às atividades da SELC, das quais se afastam, no período de 1991 a 1999, na esperança de oferecer maior liberdade de ação a novas lideranças. Em 2000, reassume a Presidência do CCEPA, atendendo ao apelo do amigo Salomão Benchaya que havia sido designado para coordenar a realização, em Porto Alegre, do XVIII Congresso da CEPA, com o indispensável apoio logístico do CCEPA. Para tanto, toma a iniciativa de realizar a reforma da sede, que há muito se fazia necessária, executando-a no curto espaço de seis meses e na qual empregou expressiva parcela de recursos próprios.

Com a eleição de Milton Medran para a presidência da CEPA, que passa a ter sua sede no CCEPA, em Porto Alegre, a convite deste, Jones assume a Assessoria para Assuntos Institucionais daquela Confederação.

Atualmente, Jones é o Presidente do CCEPA, após um período em que exerceu a vice-presidência, de 2002 a 2005.

Maurice Jones, que pouco escreve – embora o faça com o mesmo tom instigativo de suas palestras – é detentor de um estilo singular para falar em público. Aliás, ele não gosta de falar para grandes auditórios. Nas nossas andanças pelo Interior gaúcho, em tempos de FERGS, era comum ele sentir-se indisposto em razão da ansiedade diante do compromisso de alguma palestra. Seu estilo, como dizia, é singular. Chamou minha atenção, desde que o ouvi, pela primeira vez, em 1974, a naturalidade de sua exposição. Jones fala em público em tom coloquial, sem alterar a voz, não deixando de lado o cacete de tocar a ponta do nariz com seu dedo médio. Mas é a acuidade de seu pensamento, a elocubração filosófica que lhe é tão peculiar, a sua racionalidade que beira, quase, o ceticismo, além de um refinado senso de humor que o tornam um tipo raro de expositor espírita. Em pequenos grupos, fica à vontade para desenvolver suas reflexões e seus questionamentos sobre qualquer tema, nunca se afastando da dialética na condução de seu raciocínio. Jamais o ouvi “pregando” o Espiritismo. Nem tampouco, estereotipando pessoas, instituições ou posições com as quais não concorda.

Seu acurado senso estético e apurado bom gosto se refletem na beleza e funcionalidade da sede do CCEPA, nas logomarcas que criou – FERGS, CCEPA, CEPA, jornal OPINIÃO, boletim AMÉRICA ESPÍRITA, etc. -, capas das publicações do CCEPA, cartazes e painéis.

Sem nenhuma dúvida, Maurice Herbert Jones integra um seletto grupo de pensadores espíritas da atualidade.

SALOMÃO JACOB BENCHAYA

Salomão Jacob Benchaya é economista, bancário aposentado e trabalha, atualmente, no ramo de transporte escolar e universitário. Nasceu em 2 de abril de 1946, em Belém do Pará. Filho de Jacob Benchaya e Mery Jacob Benchaya, educou-se na religião judaica na qual permaneceu até os 16 anos de idade quando, após ter lido as obras de Allan Kardec, tornou-se espírita. É casado com a professora universitária Maria de Fátima Canellas Benchaya com quem possui seis filhos.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Por volta dos treze anos, presenciou sessões mediúnicas acompanhando sua mãe, médium, que freqüentava um grupo espírita em busca de tratamento espiritual para estranhas e atroztes dores faciais que acometeram seu pai por longos anos. Nessas circunstâncias, aos 14 anos, sempre acompanhando sua mãe, que se tornara trabalhadora na Umbanda, passou a colaborar como “cambono” uma espécie de secretário auxiliar dos guias.

Em 1962, tendo recebido de seu pai, como presente de aniversário, uma estante cheia de livros, adquirida em um leilão, encontrou, entre eles, o “Evangelho Segundo o Espiritismo” que passou a ler com grande interesse. Logo adquiriu e leu os demais livros de Allan Kardec, na livraria da União Espírita Paraense (UEP). Empolgado com os novos conhecimentos, tenta introduzi-los na reunião umbandista, sem sucesso.

Alguns meses depois, abandona a umbanda e começa a freqüentar as reuniões públicas da União Espírita Paraense onde toma conhecimento da existência do seu Departamento de Juventude. Em fevereiro de 1963, comparece à reunião dos jovens e integra-se, a partir daí, no movimento espírita. É nessas reuniões que, um ano depois, conhece e namora a jovem Maria de Fátima Maciel Canellas que se torna sua esposa em 1969.

Desde cedo, ajudou seu pai em restaurante e lanchonetes de que este era sócio ou proprietário. Seu primeiro emprego foi no Banco do Estado do Pará, onde trabalhou de fevereiro de 1965 a dezembro de 1966. Foi gerente de um escritório de representação comercial de janeiro a outubro de 1968 quando vai trabalhar na Matriz do Banco da Amazônia S/A, ali exercendo diversas funções no Departamento de Patrimônio e no Centro de Treinamento e, de 1974 até 1996, nas Agências de Manaus e Porto Alegre, quando se aposentou.

Em 1965, prestou concurso vestibular para a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Pará, sendo aprovado em 1º lugar. Obtém diploma de bacharel em economia em 1968. Foi professor das disciplinas Introdução à Economia e Princípios de Economia na Universidade Federal do Pará, entre os anos de 1968 a 1970.

No movimento espírita paraense, atuou como Diretor do Departamento de Juventude da União Espírita Paraense sendo organizador, em 1966, da 1ª Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas do Pará - inspirada na 1ª COMJEB-Confraternização das Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil, realizada dois anos antes, em Marília-SP, e da qual participara; Diretor da Área de Infância e Juventude do Conselho Federativo Estadual da UEP e vice-presidente daquela federativa, de 1970 a 1974. Foi um dos fundadores, em 1964, do Grupo Espírita “Vinha de Luz”, instituição mantenedora de importante trabalho assistencial, educacional e comunitário, situada na periferia de Belém, da qual foi Secretário, de 1964 a 1974. Em novembro/74, se transfere para Porto Alegre para trabalhar na Agência do Banco da Amazônia daquela cidade. Em junho de 1976, novamente, muda de residência para Manaus-AM, ali permanecendo até março de 1978. Na Federação Espírita Amazonense (FEA), colaborou, juntamente com sua esposa, como assessor do Departamento de Infância e Juventude. Em 1978, foi nomeado diretor do Departamento Doutrinário da FEA, função que, todavia, não exerceu face ao seu retorno a Porto Alegre.

Em 1974, ao chegar no Rio Grande do Sul, vinculou-se à Sociedade Espírita Luz e Caridade (SELC) onde, em 1976, assume a vice-presidência na chapa presidida por Maurice Herbert Jones. Essa função é interrompida durante o tempo de residência em Manaus. Em março de 1978, a convite de Jones, então presidindo a Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), assume o seu Departamento Doutrinário, órgão que dirigiu até 1987. De 1980 a 1983, foi vice-presidente da FERGS e seu presidente de 1984 a 1987.

Na FERGS, juntamente com Maurice Herbert Jones, coordenou a criação e o lançamento da Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, em julho de 1978, posteriormente encampada pela Federação Espírita Brasileira. Em 1986, ao início de seu 2º mandato como presidente da FERGS, lança o polêmico Projeto Kardequizar que, associado à “questão religiosa” motivada pelo lançamento do nº 402 da Revista “A Reencarnação”, desperta vigorosa reação conservadora que determina sua saída da



FERGS, juntamente com o grupo de diretores procedentes do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, quando concorria às eleições da FERGS, na posição de vice-presidente da chapa encabeçada por Milton Medran Moreira.

Na SELC, transformada em Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA) em 20.09.91, exerceu a presidência nos períodos de março a julho/76, 1980 a 1984, 1988 a 1991 e 1994 a 1995. Desde a criação, em 1992, do Departamento de Eventos Culturais, vem coordenando esta atividade do CCEPA, direcionada especialmente ao público externo e ao intercâmbio com outras instituições.

Durante seu mandato, como presidente do CCEPA, ocorrem fatos expressivos, como a adesão à CEPA-Confederação Espírita Pan-Americana, a criação dos Cursos Básicos de Espiritismo, o lançamento do jornal OPINIÃO, a implantação do Estudo Problematizador, a elaboração da Carta de Princípios do CCEPA, a realização do Encontro Estadual do Pensamento Espírita, do IV Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, do I Simpósio Gaúcho do Pensamento Espírita e a exclusão do CCEPA do quadro federativo da FERGS.

Em 1996, é nomeado delegado especial da CEPA e encarregado de presidir a organização do XVIII Congresso daquela confederação, em Porto Alegre, em outubro/2000. A partir desse ano, é nomeado Secretário Geral da CEPA.

É, também, organizador dos livros "A CEPA e a atualização do Espiritismo" e "Espiritismo: O pensamento atual da CEPA" e autor do livro "Da Religião Espírita ao Laicismo: a trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre".

No CCEPA, atualmente, coordena grupos de estudo para iniciantes, é um dos instrutores do Curso de Iniciação ao Espiritismo e colaborador do jornal OPINIÃO.

ANTÔNIO ALFREDO DE SOUZA MONTEIRO

Antônio Alfredo de Souza Monteiro nasceu em 31.07.1940, na cidade de Redenção, no Ceará, filho de Eurico Alves Monteiro e Edméa de Sousa Monteiro. É casado com Jane Brhem Monteiro com quem teve três filhos. Militar, coronel do exército, engenheiro militar, formado pela AMAN- Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende-RJ. Aspirante da Arma de Engenharia, 1962. Coursou, ainda, o IME-Instituto Militar de Engenharia, no Rio de Janeiro-RJ, formando-se como Engenheiro Geodésico, em 1969. Em 1973, forma-se em engenharia civil pela PUC - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. No INPE - Instituto de Pesquisas Espaciais, de São Jose dos Campos-SP, participa de Curso de Extensão em Sensoriamento Remoto, em 1974. Comandou o Quartel da 4ª Divisão de Levantamento do Serviço Geográfico de Exército, em Manaus, em 1982-1983. Autor do Manual de Nivelamento Barométrico para uso do Exército e do Manual de Aerofotogrametria para uso do Exército.

Ingressou no Espiritismo em 1970, na SELC, tendo sido seu presidente em 1977/78. Em sua gestão, é implantado o programa denominado CIBEE-Ciclo Básico de Estudos Espíritas, ainda hoje em funcionamento. Participou da FERGS como Presidente da UDE-Sul, Implantou, pela Cruzada dos Militares Espíritas vários GEDs - Grupos de Estudos Doutrinários, nos quartéis de Porto Alegre. Transfere-se para Manaus-AM, onde passa a residir de 1979 a 1982. Ali assume a vice-presidência da FEA-Federação Espírita Amazonense de 1981a 1982. Na capital do Amazonas, funda vários Grupos de Estudos Doutrinários nos Quartéis e participa decisivamente da criação e da construção física da Fundação Allan Kardec, da qual foi seu presidente, de 1981a 1983.

Transferindo-se para Brasília, é nomeado Diretor da FEB-Federação Espírita Brasileira, cargo que ocupa de 1983-1986. Ali participa da elaboração das apostilas do ESDE-Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita e do seu lançamento, em 1983, no CFN-FEB. Participou das reuniões do CFN representando o Estado do Amazonas, de 1981a 1982.

Em 1987, é reformado e transfere-se para sua terra natal – o Ceará – onde reside até hoje. Passa a colaborar no GEPE-Grupo Espírita Paulo e Estevão sendo seu presidente

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

de 1988 a 1991, vice-presidente de 1992 a 1993, presidente de 1994 a 1997 e, novamente presidente de 2002 a 2005, tendo construído suas três sedes. Atualmente, é o seu vice-presidente. O GEPE tem um programa voltado para o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita com cerca de 2500 participantes.

De 1995 a 1998, foi vice-presidente da FEEC-Federação Espírita do Estado do Ceará, da qual é um dos fundadores, seu presidente de 1999 a 2002 e, novamente vice-presidente de 2003 a 2004.

Reformou a sede atual da FEEC e fez a sua transferência da sede provisória para o prédio em que hoje se encontra.

Monteiro também planejou e participou da construção do Pólo de Divulgação Espírita Bezerra de Menezes, situado no local onde nasceu o "médico dos pobres", no Riacho do Sangue, em Jaguaretama, a 260 Km de Fortaleza. No momento é o responsável por aquela Instituição.

Convivi com Monteiro de 1974 a 1979, na SELC, onde deixou a marca do seu dinamismo, de sua generosidade e da sua liderança. Essas características o acompanham em todas as instituições que tem servido.

DONARSON FLORIANO MACHADO

Donarson Floriano Machado nasceu em Itaqui-RS, em 22 de agosto de 1949. É casado com Loanda Maria da Silva Floriano Machado, com quem teve quatro filhos. É engenheiro civil e trabalha na ELETROSUL.

Seu primeiro contato com o Espiritismo deu-se na SELC, em 1979. Foi vice-presidente no período de 1988 a 1991 quando assume a presidência da SELC, substituindo Salomão Benchaya em seu afastamento, exercendo esse cargo até novembro de 1992, quando, por sua vez, se licencia em razão de compromissos profissionais.

Nesse período, é criado o Departamento de Eventos Culturais do CCEPA. Em 1996, é eleito presidente ficando, por dois mandatos, até 1999, quando se afasta da Instituição. Em sua gestão, são retomadas as palestras públicas mensais, intensificam-se os eventos culturais e o intercâmbio com outras Instituições. Em 1996, participa do XVII Congresso da CEPA, em Buenos Aires, sendo nomeado delegado dessa Confederação, a partir do ano 2000.

Ainda durante seu mandato, é realizado, em 1998, o I ESPE-Encontro Estadual do Pensamento Espírita, no Rio Grande do Sul, instala-se, em março/99, a Oficina de Colaboradores, inaugura-se a página do CCEPA na Internet e ocorre o lançamento da Campanha de reforma da sede, cujo respectivo projeto de engenharia é de sua autoria.

Torcedor fanático do Grêmio Portoalegrense e militante do Partido dos Trabalhadores, Donarson também destacou-se no movimento federativo, tendo sido presidente da União Distrital Espírita-Sul onde, tanto quanto no CCEPA, deixou a marca da firmeza nas suas decisões e na serenidade com que tratou as questões doutrinárias e administrativas.

MILTON RUBENS MEDRAN MOREIRA

Milton Rubens Medran Moreira nasceu em 11.01.1941, em Dom Pedrito-RS, filho de Libindo Araújo Moreira e Nair Medran Moreira. Procurador de Justiça aposentado. Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 1973. Casou-se, em 1963, com Sílvia Pinto Moreira, atualmente também diretora do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Tem duas filhas. Sua educação decorreu no mais tradicional catolicismo, tendo sido seminarista dos 9 aos 15 anos.

Foi radialista e tornou-se também jornalista, não diplomado, mas devidamente registrado no Ministério do Trabalho, título que mantém até hoje. Com 35 anos, foi aprovado em concurso público para o Ministério Público do Rio Grande do Sul, tendo assumido como Promotor de Justiça. Exerceu essa função em Veranópolis, Sarandi e



Bagé, no interior gaúcho. Foi professor na Faculdade de Direito de Bagé-RS, cidade onde começou sua aproximação com o Espiritismo. Ali atuou na Cruzada dos Militares Espíritas, onde foi coordenador do primeiro grupo de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Chegou ao Espiritismo por questionamentos filosóficos próprios, interesse meramente intelectual, contrariamente à maioria das pessoas que dele se aproximam pela dor. Quando entrou, pela primeira vez, num centro espírita, já conhecia praticamente toda a obra de Kardec e era assíduo leitor de publicações espíritas, especialmente o Reformador. Foi precisamente quando começava uma vivência mais próxima do movimento espírita naquela cidade do interior gaúcho que foi promovido para a Capital, onde resolveu que iria dedicar alguma parte de seu tempo a esse movimento de idéias que lhe parecia muito rico.

Procurou a Federação Espírita do RGS, nessa época (1982) praticamente comandada pelo pessoal da antiga Sociedade Espírita Luz e Caridade (SELC), antiga denominação do hoje Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, para a qual foi encaminhado. Passou, logo, a colaborar na SELC como coordenador de grupos de estudo sistematizado do Espiritismo e como palestrante. Na FERGS, assume a 2ª Secretaria, em 1983. De 1984 a 1987, dirige o Departamento de Difusão onde cria e redige o Boletim "Unificador", dirigido à rede federativa gaúcha, e edita a revista "A Reencarnação". Durante esse período, produz e apresenta o Programa OPINIÃO ESPÍRITA, na TV Gaúcha. Passa a escrever e publicar artigos na imprensa espírita e não-espírita.

No CCEPA, em 1994, participa da criação e assume a redação do jornal OPINIÃO e, mais tarde, do boletim da CEPA, inicialmente denominado CEPA-Brasil e, atualmente, AMÉRICA ESPÍRITA, ambos sob sua direção, até hoje.

Em 1986, participando do XVII Congresso da CEPA, em Buenos Aires, é eleito seu 2º vice-presidente. No Congresso de 2.000, realizado em Porto Alegre, assume a presidência da CEPA, à qual é reconduzido, para a gestão 2004/08, no último congresso, em Rafaela, Argentina.

Milton é autor dos livros "Se Todos Fossem Iguais" (Editora Imprensa Livre, 1999) e "Direito e Justiça, um Olhar Espírita" (Imprensa Livre, 2004). É também co-autor dos livros "A CEPA e a atualização do Espiritismo" e "Espiritismo: o pensamento atual da CEPA".

Atualmente, além de presidir a CEPA, dirige o Departamento de Comunicação Social do CCEPA e realiza conferências no Brasil e no Exterior, já tendo visitado os seguintes países: Argentina, Venezuela, Colômbia, Portugal, Espanha.

Medran milita no movimento espírita há menos de três décadas, mas sua contribuição, como pensador lúcido e ponderado, tem sido das mais expressivas. A abordagem que faz dos temas doutrinários e das questões do movimento espírita revela sua profunda compreensão do pensamento kardequiano, tanto quanto demonstra seu espírito de tolerância e de respeito mesmo com os que se posicionam diversamente. Sua atuação à frente da CEPA tem sido marcada pelo diálogo e pela firmeza de suas posições, sem, todavia, mostrar-se intolerante nem pretencioso.

RUI PAULO NAZÁRIO DE OLIVEIRA

Rui Paulo Nazário de Oliveira nasceu em Canoas-RS, em 16.01.54, sendo seus pais Eurico Gomes de Oliveira e Osvaldina Nazário de Oliveira. Formou-se em Direito, pela PUC-RS. Foi policial militar e policial civil (por 16 anos). É promotor de justiça desde 1989, com atuação profissional em várias cidades do interior (Santa Maria, Tapera, São Borja, Canoas, dentre outras). É divorciado e tem três filhos.

A sua primeira casa espírita, e única, é o CCEPA. Foi educado na religião católica. Entretanto, a partir de um determinado momento, a religião, com seus ritos e dogmas, já não mais lhe fornecia respostas para as questões existenciais.

No início de 1997, em Porto Alegre, participou de um congresso espiritualista, onde várias doutrinas, seitas, filosofias e religiões estavam presentes, mas o Espiritismo

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

sobressaía. Lá conheceu a senhora Taidé Schumacher, médium que, há anos atrás, integrara um grupo de estudo sistematizado do CCEPA e que, naquela ocasião, freqüentava outra instituição mais dedicada à mediunidade, especialmente à mediunidade de cura. Ao término do congresso, confidenciou àquela senhora que sentia, mais do que nunca, a vontade de estudar e conhecer mais sobre o Espiritismo. Desta obteve a promessa de levá-lo à casa onde poderia satisfazer sua necessidade de estudar a Doutrina Espírita.

Assim foi que, no dia 15.03.97, Rui era apresentado no CCEPA onde, exatamente naquele dia, reiniciavam-se as atividades públicas daquele ano com uma conferência. Após alguns dias já estava participando de um grupo de estudos onde, rapidamente, integrou-se à Casa, identificando-se com sua linha de pensamento.

Em 1998, integrando a delegação do CCEPA, participou da Conferência da CEPA, em Maracay, Venezuela. Em 2000, integrou, como Secretário, a Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita da Confederação Espírita Pan-Americana, em Porto Alegre sendo, logo, nomeado delegado da CEPA. Participou, ainda, da XIV Conferência da CEPA, em 2002, em São Paulo, do XIX Congresso da CEPA, em Rafaela, em 2004. Desde 1997 até o presente, participa e apresenta trabalhos no Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, em Cajamar e em Santos-SP. Foi eleito presidente do CCEPA em 2002 e reeleito em 2004, cargo que desempenhou até 31.12.2005. É sócio fundador da Associação Brasileira de Delegados e Amigos da CEPA (CEPAmigos) tendo sido seu vice-presidente de 2003 a 2005.

Atualmente, é vice-presidente do CCEPA e membro do Conselho Fiscal da CEPA.

Sua marca pessoal é a serenidade com que desempenha suas atividades. Um tanto retraído, sem haver tido contato com o movimento oficial, tem se destacado, todavia, na produção cultural em eventos do segmento laico, nos quais tem evidenciado sua perfeita identificação com o pensamento kardequiano.



Joaquim Cacique de Barros



Padre Joaquim Cacique de Barros.

O Espírito Joaquim Cacique de Barros é o patrono espiritual do CCEPA. Aliás, diversas sociedades espíritas do Rio Grande do Sul ostentam seu nome, o que demonstra sua relação com o Espiritismo. A revista "A Reencarnação", da FERGS, em sua edição de setembro/1939 publicou uma biografia desse personagem, da qual fiz o resumo abaixo:

Joaquim Cacique de Barros nasceu a 18 de agosto de 1831, em Salvador, Bahia, filho de José Raimundo de Barros e Alexandrina Rosa de Barros. Apelidado carinhosamente de "Cacique" pelo seu próprio pai, em virtude da altivez de seu caráter, de sua energia e de sua pele morena, acabou incorporando ao próprio nome essa palavra.

Muito moço ainda, completou o curso de Teologia. Enquanto aguardava a idade para receber investidura sacerdotal, dedicou-se ao magistério. Em 1853, com 22 anos, recebe de D. Romualdo Antonio de Seixas, bispo e marquês de Santa Cruz, a sagração sacerdotal. Foi professor no Ginásio Baiano, onde lecionou História, Geografia e Cosmografia. Problemas de saúde, todavia, obrigam-no a mudar-se para o Rio de Janeiro onde, logo, volta a lecionar no Mosteiro de São Bento e no Colégio D. Pedro II.

Em 1862, decide transferir-se para o Rio Grande do Sul, sendo recebido pelo Bispo D. Sebastião Dias Laranjeira que o hospeda no Palácio Episcopal, sendo, pouco tempo depois, nomeado professor de Teologia do antigo seminário.

D. Sebastião costumava distribuir esmolas aos pobres, todos os sábados. Numa dessas ocasiões, Cacique de Barros deparou-se com uma menina branca, de expressão simpática, que ali vinha pedir ajuda, o que lhe desperta a idéia de fundar um asilo para amparar e educar órfãs desvalidas. Decidido, indaga sobre o endereço da menina, que se chamava Josefina, e procura sua mãe, Inácia Krewitz, solicitando e obtendo o seu consentimento para tomar a menor aos seus cuidados, sendo a mesma colocada, provisoriamente, no Asilo do Sagrado Coração de Jesus, hoje São Rafael.

Sabedor da existência, nos arredores da Capital, da Chácara de Santa

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Tereza, área de terras com um prédio em estado de abandono, inicia seu projeto de ali construir um teto para abrigar e educar órfãs carentes. Resolve ir ao Rio de Janeiro pedir ajuda a D. Pedro II, em 1864, no que obtém êxito.

Ao solicitar à direção do Asilo a devolução da menor Josefina, recebe a negativa sob o argumento de que a aluna apresentava aptidões especiais para aprendizagem, sendo muito útil nos diferentes trabalhos do Asilo. Essa negativa teve o apoio do bispo Laranjeira. Cacique de Barros obtém, então, o concurso da Chefatura de Polícia para a retirada da menina, o que lhe custa, entretanto, o rompimento das relações com o bispo. Josefina Krewitz, mais tarde se tornaria Josefina Barros da Luz e professora.

Sem recursos, apela para a caridade pública, angariando donativos de qualquer espécie em uma carroça, atividade que se estende até 1871, quando é convidado pelo Governo do Estado a organizar e dirigir a Escola Normal. Mais tarde, é nomeado pelo Bispo D. Sebastião Diretor e, em seguida, Reitor do Seminário, do qual, todavia, logo se demite, magoado com um professor.

Em 1880, consagra todo o seu tempo na instrução e educação de suas alunas e no cultivo das terras de Santa Tereza. Em 1881, inicia a construção do Asilo de Mendicidade, hoje Asilo Padre Cacique, localizado em avenida do mesmo nome. As primeiras contribuições foram as das próprias alunas, já então professoras, destinando parte dos seus vencimentos ao Asilo, assim como seus primeiros operários foram as meninas educandas do Santa Tereza.

Para a realização de sua obra, apesar de sua fraca constituição física, esmolou durante 40 anos. Pedia e recebia sem tomar qualquer parcela para si, tudo era para os órfãos e para os mendigos. Alimentava-se na mesma mesa de suas educandas. Na casa de máquinas da padaria, existia um cantinho onde pernoitava. Dias depois de sua desencarnação, o seu grande amigo Inácio Montanha, acompanhado de uma educanda de Cacique de Barros, entrou no lugar onde este pernoitava, constatando ser ali a morada do grande benfeitor.

Cacique de Barros desencarnou, aos 77 anos, na madrugada de 13 de maio de 1907.

Cacique de Barros e a Chácara Santa Tereza

Em 1978, discutíamos a maneira como iríamos desocupar o prédio ao lado da nossa sede, habitado por várias famílias, que fora adquirido, recentemente, para ampliação das instalações da SELC. Cogitávamos, face à relutância de alguns moradores, até de recorrer à justiça. É quando Cacique de Barros se manifesta pela mediunidade de Elba Jones e nos brinda com a seguinte mensagem:

“Nos idos de 1864, recém chegado da “corte”, onde recebera apoio para administrar o Abrigo Santa Tereza, construído com subscrições populares para assinalar a passagem



do Imperador Dom Pedro II por esta capital, resolvi examinar as terras situadas na encosta do Morro do Cristal, onde se localizava o Abrigo. O terreno em aclave acentuado e ricamente arborizado, debruçava-se sobre o rio Guaíba propiciando uma magnífica visão do, já lendário, pôr-do-sol de Porto Alegre naquele fim de tarde primaveril.

Estava absorto nesta contemplação quando me dei conta de que não estava só. Alguém mais compartilhava este momento de emoção. Não muito longe de mim destacava-se, tendo como fundo o espelho brilhante e colorido do rio, uma silhueta humana sentada em um tronco caído. Parecia meditar. Aproximando-me, percebi que se tratava de uma senhora idosa de condição humilde. Cumprimentei-a e, como não obtivesse resposta, toquei-a levemente no ombro. A resposta foi um gesto significativo pedindo-me que esperasse. Pouco depois, voltando o rosto envelhecido e triste para mim, respondeu ao meu cumprimento e voltou a ficar em silêncio.

- O que faz a irmãzinha aqui, neste lindo fim de tarde? - perguntei.

- Rezo, padre - respondeu ela sem voltar o olhar para mim e, depois de uma pausa, como que reconhecendo o que eu representava ali, continuou - rezo pelos meus filhos, pelos meus netos, pelos meus vizinhos e seus filhos, que serão forçados a desocupar este lugar e não sabem o que fazer, não sabem para onde ir. Há muitos anos, padre, nos instalamos nestas terras abandonadas e, desde então, delas temos tirado nosso sustento. E agora, padre, o que a gente pode fazer? É por isso que eu rezo. - concluiu ela, demonstrando imensa mágoa.

- Então vamos rezar juntos - disse eu e, de imediato, acomodando-me ao seu lado sobre o tronco caído, ficamos longo tempo rezando em silêncio, enquanto o sol grande e vermelho se escondia no horizonte.

Foi ali que tomei a decisão de não abandonar aquelas famílias lançadas ao desamparo e cuja existência eu desconhecia. No dia seguinte procurei novamente aquele local e lá estava a velha senhora, agora acompanhada de alguns familiares, para juntos rezarmos buscando ajuda.

Em pouco tempo, quase toda a pequena população da "chácara" se reunia diariamente comigo para a prece do fim do dia, fortalecendo a esperança e buscando inspiração para resolver o problema que agora era também meu.

E assim, pouco a pouco, mobilizando amigos, influenciando entidades, foi possível situar cada uma daquelas famílias em local que lhes possibilitasse sobrevivência digna. Somente assim, meus amigos, foi possível dar prosseguimento, de forma justa, à obra assistencial na antiga chácara de Santa Tereza.

J. Cacique de Barros"

Inspirados no exemplo de Cacique de Barros, também conseguimos, aos poucos, que todas as famílias se transferissem, sem traumas, para outros locais, possibilitando o início das reformas que acrescentariam novas dependências para a SELC.

Antes desse acontecimento, esse orientador espiritual já nos havia oferecido outra mensagem relacionada com a disciplina, publicada na revista "A Reencarnação", cuja frase final por algum tempo foi usada em toda correspondência da FERGS. Ela-la:

"A LIBERDADE DE SERVIR

Na equipe de trabalho onde a necessidade de união surge preponderando sobre as demais e, em especial, nas lides evangélicas, é bom que lembremos a importância do esforço permanente de cada um em favor do fortalecimento do grupo. Conhecer a si mesmo para, então, realmente, compreender, perdoar e auxiliar o companheiro, é condição básica.

Este esforço contínuo, educando a vontade no sentido de corrigir-se e tolerar, é

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

fruto, tão somente, da disciplina. Disciplina, meus caros, é vocábulo órfão de sinônimo. A grande massa de atormentados a ignora; alguns poucos que já despertaram na consciência a procuram; e um número incontável de ignorantes a contesta, argumentando: disciplina é escravidão. No entanto, sabemos, a duras provas, que a liberdade de cada um está, justamente, na razão direta do cumprimento das suas obrigações.

*E quando falamos em liberdade, sempre gostamos de lembrar o "Apóstolo dos Gentios", Paulo, em sua missiva aos Gálatas 5-13: "**Fostes chamados à liberdade, mas não useis a liberdade favorecendo a devassidão; antes santifiquemo-la através do amor, procurando servir**".*

É a liberdade de servir ou a servidão do ócio; escolhamos. Na Casa Espírita somos levados a registrar a presença dos pseudolivres; os imponentes crônicos, aqueles da assiduidade sem critérios, os desrespeitosos para com o regulamento que rege o grupo, os faltosos junto aos próprios amigos espirituais que os favorecem na oportunidade de trabalho.

Diante de tais omissões lamentáveis nas quais não te encontra incluído, ora muito e auxílica. Mas se alguma delas te toca a consciência, ora muito mais e corrige.

*Liberta-te servindo, disciplina-te em serviço. As nossas tarefas espirituais são a nossa liberdade e o templo espírita, santuário de realizações enobrecidas, nos solicita o concurso carinhoso e eficiente no cumprimento das nossas obrigações. Não nos enganemos, portanto, ao sabor da falsa liberdade e pensemos: "**Se unidos fortalecemos o grupo, no grupo unido cada um será mais forte**".*

Cacique de Barros

(Mensagem psicofônica recebida pela médium Elba Jones em junho de 1977)

· Cacique de Barros e o Projeto Kardequizar

Em 5 de abril de 1986, depois da aprovação do "Projeto Kardequizar" pelo Conselho Deliberativo da SELC, foi recebida pela Elba Jones, psicofonicamente, a seguinte mensagem de Cacique de Barros que, além de oferecer apoio importante à iniciativa, busca também explicar a estranha fratura na história da instituição.

*"Caros irmãos e amigos, companheiros de trabalho e meditação, filhos queridos que o meu coração abraça enternecido.
Jesus esteja conosco.*

Desde os idos de 36 quando fomos incumbidos de auxiliar nos destinos de "Luz e Caridade", meus companheiros e eu temos testemunhado as diversas transformações por que tem passado esta Casa.

Nos primeiros 30 anos, a cada gestão, um novo traçado era apresentado e um outro caminho seria perseguido. Foi nesse período de tempo que, embora atentos, nossa participação era mais distante.

Foi somente a partir de 66 que se abriram as portas para uma intimidade maior conosco. Poderíamos citar algumas razões para tal, mas uma por si só será suficiente. É que pela primeira vez se casava à nossa a vossa ideologia doutrinária. E toda a equipe então se rejubilava, sentindo-se gratificada pelos anos de substancial expectativa onde permanecemos pacientemente nos postos, guardando fidelidade ao mandato recebido. Tivéramos, até então notícias regulares através de visitas de nossos queridos mentores, de que um grupo de irmãos aqui aportaria gradativamente e com os quais poderíamos trabalhar em linha harmoniosa e objetiva. Na verdade, meus caros, aguardamos quase três décadas para chegarmos ao esperado momento de kardequizar.

Todas estas mudanças que ora se verificam, não são frutos apressados, mas



constituem-se no resultado de incessantes permutas elaboradas e desenvolvidas, nos dois planos da vida, entre aqueles que mais se preocupam e se dedicam à Casa. Estas modificações são, portanto, desejadas e surgem como produto de troca de nossas vibrações que se casam e que somente a afinidade de ideais pode explicar.

E para sermos mais entendidos, é nosso desejo criar aqui nesta Casa, que é nossa, uma mentalidade nova. Formar, senão muitos, mas um punhado de irmãos capazes de difundir uma doutrina restaurada às suas bases, mas também solidamente apoiada nos avanços que a ciência e a tecnologia vem de nos oferecer; um espiritismo emancipado de místicos e milagreiros, ainda mercadores de indulgências, que elegeram um Jesus, quase sempre triste com os nossos pecados, passivo e estático, que eles adoram sem compreender a dinâmica do seu Evangelho libertador.

Toda esta nossa inteligência permitiu que os espíritos desenvolvessem verdadeiros cultos a abnegados espíritos que o amor e o trabalho nas lutas incessantes tornaram mais sábios, não santos, pois que nas esferas superiores lutam ainda por aperfeiçoar-se. E há ainda aqueles que bajulam queridos companheiros, estimulando-lhes a vaidade pessoal, dificultando-lhes a execução do dever justo, junto à coletividade.

Não podemos fazer com o sensato professor de Lyon e seus espíritos de escol o que a chamada cristandade vem fazendo com o Mestre Galileu. A Doutrina continua sendo a ciência do Espírito, a filosofia da Vida e a moral de Jesus.

Kardequizar é assegurar-se no tripé. O espírita deve ter a mente aberta para que possa acompanhar a dinâmica progressista, característica essencial da doutrina que abraçou e, ao mesmo tempo, ser tão vigilante que seja capaz de analisar seus passos, em qualquer momento da caminhada e verificar se permanece com o Codificador ou se está alterando os rumos da própria codificação. Pensemos nisto.

Na certeza de que antes de acatar saberão analisar em profundidade minhas palavras, abraço a todos num verdadeiro desafio para que provem que, com um plano seguro de trabalho pode-se realizar mais em 50 meses do que experimentos de 50 anos.

Que Jesus nos inspire o melhor.

E Kardec – o que dirá?

Que a razão guie nossos passos, certamente.”

Dias depois, a pedido do presidente, essa mensagem foi psicografada na íntegra.

É curioso notar o tom quase “profético” do seu final. Decorridos 65 meses dessa comunicação, em 20 de setembro de 1991, ocorre a mudança estatutária que marcaria o início da fase de Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, muito embora, essas funções já estivessem sendo desempenhadas, na prática, desde 1990. Um pequeno esforço de aproximação daria exatidão à “profecia” de Cacique de Barros.

· **Fatos curiosos**

Em manifestação ocorrida em meados da década de 80, diante da indagação mental da médium Elba Jones sobre os meios de se obter excelência na atividade mediúnica, Cacique de Barros nos legou os 4D, que temos utilizado como instrumento motivador para os colaboradores do CCEPA, a exemplo do que acontece nas modernas empresas, preocupadas com a Filosofia da “Qualidade Total”, em cujos estudos são conhecidos os 5S, originários do Japão e que são aplicados na busca da excelência empresarial: *Seiri* (senso de utilização): separar as coisas necessárias das desnecessárias; *Seiton* (senso de organização): ordenar e

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

identificar as coisas, facilitando encontrá-las quando desejado; *Seisou* (senso de zelo): criar e manter um ambiente físico agradável; *Seiketsu* (senso de higiene): cuidar da saúde física, mental e emocional de forma preventiva; *Shitsuke* (senso de disciplina): manter os resultados obtidos através da repetição e da prática.

Os 4D que Joaquim Cacique de Barros criou e nos forneceu, se aplicam, particularmente, ao trabalho voluntário na Instituição Espírita: *Disposição* – o colaborador precisa querer, estar disposto a servir; *Disponibilidade* – além disso, o colaborador terá que dispor de seu tempo para o serviço; *Dedicação* – mas querer e estar disponível não será suficiente se não houver dedicação ao trabalho; *Disciplina* – finalmente, sem disciplina, nenhuma atividade dará os resultados que se espera.

Uma inusitada “revelação mediúnica” nos foi trazida, certa vez, por uma pessoa presente a uma das sessões públicas da Casa. Ao término dos trabalhos, ela se aproxima da mesa dirigente e comunica, em tom de admiração, haver percebido, pela vidência, a presença de um índio com um belo cocar e que presumia ser o guia da casa já que este se chamava Cacique de Barros. Coisas da “mediunidade”!

A homenagem que, em nome dos trabalhadores do CCEPA, faço ao seu patrono espiritual, naturalmente, se estende a toda a equipe de Espíritos que opera sob a sua lúcida orientação.



Perspectivas futuras

Pretendi, ao longo deste trabalho, evidenciar as transformações sofridas por uma sociedade espírita tradicional que, nas últimas décadas, procurou aproximar-se do modelo institucional proposto por Allan Kardec, sempre se inovando, distanciando-se, progressivamente, do modelo vigente no Espiritismo brasileiro.

O processo de "kardequização", ou de laicização, todavia, ocasionou um afastamento gradativo de freqüentadores e trabalhadores não ajustados à visão de Espiritismo implementada pelo grupo dirigente. As mudanças ocorridas determinaram uma espécie de seletividade, lembrando os critérios adotados por Kardec na admissão de novos adeptos à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos.

Por várias vezes, mencionei o processo de esvaziamento de freqüentadores e de colaboradores ocorrido ao longo desse tempo, fato que, de certa forma, a direção da Casa já previa, mas que, também, tem sido objeto de preocupações com relação ao futuro. Se compararmos os níveis de freqüência, citados na "Panorâmica Histórica", e os níveis atuais há uma drástica diferença.

É bem verdade que hoje a instituição conquistou uma invejável unidade ideológica, um excelente relacionamento entre os membros de sua Direção, enquadrando-se, perfeitamente, na proposta kardequiana de pequenos grupos. Um pequeno grupo, sem dúvida e sem modéstia, qualificado, como o demonstram suas realizações.

A preocupação existente refere-se ao fato de que o segmento espírita não-religioso, ou laico, se ressentido de um maior volume de novas adesões. Prova disso são os Cursos de Iniciação ao Espiritismo, promovidos pelo CCEPA, que, praticamente, não resultam em nenhum acréscimo na freqüência aos grupos regulares de estudo. É claro que, na maioria das vezes, pessoas que se inscrevem nesses cursos, apenas desejam obter algumas informações acerca do Espiritismo. Conseguido isso, não há porque continuarem freqüentando o Centro. As reuniões públicas, que por sua reduzida freqüência, ensejaram a criação dos grupos de conversação, quando recebem algum visitante, é certo que será por, no máximo, mais uma ou duas reuniões. Mesmo alguns, que, em suas visitas, expressaram uma plena concordância com as idéias expostas e declararam haver encontrado o tipo de Casa Espírita que procuravam, não retornaram.

Há um outro fator, no caso do CCEPA, que deve agravar a baixa procura por suas reuniões. É o boicote liderado pela FERGS, por vários anos, certamente cumprido por muitas instituições do Estado, que desaconselham

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

as pessoas a freqüentarem a Casa, alegando que não somos espíritas, que somos contra a religião, etc. O mesmo bloqueio se estende ao jornal OPINIÃO, conforme citei antes.

Estou convencido, apesar disso, que o maior motivo da falta de adesões ao modelo laico, resulta da dependência humana à crença religiosa. Quero enfatizar que o sentimento de religiosidade – ou, diria melhor, a espiritualidade do Homem – não implica em **ter** uma religião. Nossa visão laica de Espiritismo é assustadora para a maioria dos espíritas. Que dizer dos não-espíritas! O arquétipo de que “a religião salva” tem a força de afastar os crentes dos ambientes não-religiosos. Já tivemos, entre nós, companheiros aparentemente identificados com nossa posição ideológica, que procuraram o CCEPA, participaram de algumas reuniões e, em seguida, desapareceram. Às vezes, julgamos que a postura crítica, racional e questionadora de nossas abordagens é insuportável para muitas cabeças. Acresça-se a isso o preconceito, ainda vigente em nosso meio, de que a cultura só envaidece e seus adeptos são “frios e calculistas”, aos quais faltariam os sentimentos “cristãos”.

Uma outra constatação, em desfavor da expansão do segmento laico, é justamente a ausência de “fervor religioso” entre os seus integrantes. O “livre-pensar” é sempre acompanhado, também, a meu ver, do “livre-agir” e essa liberdade obstaculiza, em certas situações, um esforço coordenado, direcionado aos fins almejados, até pela diversidade de olhares, de opções e de interpretações.

Nessas circunstâncias, temos feito reflexões acerca do futuro institucional do CCEPA. O esvaziamento de seus espaços é preocupante. Com poucos associados – cerca de 40 são pagantes -, até os recursos financeiros para sua manutenção passam a ser obtidos com maior sacrifício. Um maior tempo das reuniões administrativas é empregado para planejar as promoções que viabilizem a entrada de dinheiro para custear as despesas de manutenção do patrimônio e de publicação do jornal.

Será esse o preço a ser pago pela Instituição em decorrência da leitura não-religiosa do Espiritismo? Faltariam ao CCEPA atividades extra-doutrinárias, de natureza social ou comunitária, projetos de ação social identificados com a visão espírita, que atraíssem novos participantes? Estariam as abordagens teóricas de nossas reuniões distanciadas dos interesses mais imediatos dos freqüentadores, mesmo aqueles suscetíveis de, ao longo do tempo, superados os conflitos que os conduziram à busca de socorro no Espiritismo, assimilarem a proposta não-religiosa da Instituição, sem considerá-la agressiva à sua particular opção religiosa? Não podemos esquecer que muitos dos que hoje mourejamos no segmento laico do movimento espírita, já, antes, estagiaram no espiritismo religioso, e com a maior convicção! Eu próprio sou um deles. A transição individual para o laicismo foi fruto de um longo processo de amadurecimento que incluiu o cansaço diante dos exageros místicos e evangélicos que impregnam a comunidade espírita, a descoberta do genuíno pensamento



Salomão J. Benchaya

de Allan Kardec, em desacordo com o modelo vigente no Brasil, e os conflitos íntimos inerentes ao vácuo deixado pela religião e a conseqüente sensação de desamparo. A segurança proporcionada pelo laicismo é proporcional à liberdade conquistada com o entendimento da natureza essencial da Doutrina Espírita. E isso não acontece rapidamente, exceto para indivíduos arreligiosos por formação. Talvez estejamos sendo exigentes, em demasia, ao imaginar que, de pronto, uma pessoa habituada a "ter uma religião", mesmo a espírita, ao tomar contato com nossa visão não-religiosa de Espiritismo, possa aderir a ela.

Este trabalho revela a situação paradoxal vivida pelo CCEPA. Ao mesmo tempo em que nos orgulhamos das realizações profícuas e das experiências metodológicas singulares, defrontamo-nos com a perspectiva sombria de inviabilidade do modelo que construímos ao longo das últimas décadas, pelo menos em face do espaço físico disponível.

Sabemos que instituições similares do segmento laico, no Brasil e no Exterior, mantém bons níveis de freqüência e de participação em suas atividades. Mas, talvez tenham desenvolvido uma certa dose de flexibilidade em seus métodos tornando suas reuniões mais "palatáveis" ao gosto dos freqüentadores. Costumo dizer, em linguagem mercadológica, que o CCEPA tem um excelente produto, mas para o qual, infelizmente, não há demanda. É fácil imaginar o resultado disso.

É provável que um maior investimento na divulgação, junto à comunidade, dos eventos culturais do CCEPA – o que já estamos promovendo -, a utilização da Internet no EAD (Ensino à Distância) espírita, reavaliação dos programas e métodos que emprega atualmente no estudo e na divulgação do Espiritismo, a criação de novas atividades que empreguem o esforço dos novos colaboradores, consigam reverter o quadro aqui apresentado.

De qualquer forma, consideradas a índole mística e religiosa, bem como a formação cultural do povo brasileiro, torna-se difícil vingar e se expandir uma doutrina de caráter filosófico, laico e livre-pensador como é o Espiritismo proposto por Allan Kardec. Talvez num futuro, ainda bem distante, sejamos lembrados, como costumamos dizer em nossas conversas, como precursores de um notável movimento de idéias que, então, poderá estar em pleno florescimento.



Da Religião Espírita ao Laicismo
A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre





Anexo 1

O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO?

Uma antologia kardequiana

A revista "Reencarnação", nº 402, de out/86, publicou uma seleção de textos de Allan Kardec, organizada por Maurice Herbert Jones, abordando a relação Espiritismo x Religião. Essa matéria, que também foi apresentada por Jones, então vice-presidente da FERGS, numa palestra sobre o tema "É o Espiritismo uma Religião? – o pensamento de Kardec" realizada em 26/10/85, no I Ciclo de Estudos Espíritas, promovido pelo Depto. de Difusão da FERGS, na S.E. Paz e Amor, de Porto Alegre, provocou acirradas discussões no movimento espírita brasileiro³⁴. Referidos textos vão transcritos, a seguir, em ordem cronológica das citações:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS – CONCLUSÃO – ÍTEM VII – 1857

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios de filosofia e moral que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Daí as três classes, ou antes, os três graus de adeptos: 1º) os que crêem nas manifestações e se limitam a constatá-las; 2º) os que compreendem as suas conseqüências morais; 3º) os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral.

REVISTA ESPÍRITA – MAIO DE 1859.

(Refutação de artigo de "L'Univers")

Em segundo lugar, é ele uma religião?

Fácil é demonstrar o contrário.

O Espiritismo está baseado na existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço e que não são outra coisa senão as almas dos que viveram na Terra ou em outros globos, onde deixaram os seus invólucros materiais. São esses seres aos quais demos, ou melhor, que se deram o nome de *Espíritos*. Esses seres, que nos rodeiam continuamente, exercem sobre os homens malgrado seus, uma poderosa influência; representam um papel muito ativo no mundo moral e, até certo ponto, no mundo físico. Assim, pois, o Espiritismo pertence à Natureza e pode-se dizer que, numa certa ordem de idéias, é uma força, como a eletricidade é outra, sob diferente ponto de vista, como a gravitação universal é uma terceira.

Melhor observado desde que se vulgarizou, o Espiritismo vem lançar luz sobre uma porção de problemas até aqui insolúveis ou mal resolvidos. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião. E a prova é que conta como aderentes homens de todas as crenças, os quais, nem por isso renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos, que praticam todos os deveres de, seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e bramanistas. Há de tudo, menos materialistas e ateus, porque estas idéias são incompatíveis com as observações espíritas;

Assim, pois, o Espiritismo se fundamenta em princípios gerais independentes de toda questão dogmática. É verdade que ele tem conseqüências morais, como todas as ciências filosóficas. Suas conseqüências são no sentido do cristianismo, porque é este, de todas as doutrinas, a mais esclarecida, a mais pura, razão por que, de todas as seitas religiosas do mundo, são as cristãs as mais aptas a compreendê-lo em sua verdadeira essência.

O Espiritismo não é, pois, uma religião. Do contrário teria seu culto, seus templos, seus ministros. Sem dúvida cada um pode transformar suas opiniões numa religião, interpretar à vontade as religiões conhecidas; mas daí à constituição de uma nova Igreja há uma grande distância e penso que seria imprudência seguir tal idéia. Em resumo, o Espiritismo ocupa-se da observação dos fatos e não das particularidades desta ou daquela crença; a pesquisa das causas, da explicação que os fatos podem dar dos fenômenos conhecidos, tanto na ordem moral quanto na ordem física, e não impõe nenhum culto aos seus partidários, do mesmo modo que a Astronomia não impõe o culto dos astros, nem a Pirotecnia o culto do fogo.

Ainda mais: assim como o sabeísmo nasceu da Astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido na antigüidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje, graças às luzes do cristianismo, podemos julgá-lo com mais segurança; ele nos põe em guarda contra os sistemas errados, frutos da ignorância. E a própria religião pode haurir nele a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões.. Eis porque, contrariando a maior parte das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é reconduzir às idéias religiosas aqueles que se trespalharam num cepticismo exagerado.

A Sociedade a que vos referis tem seu objetivo expresso no próprio título; a denominação *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* não se assemelha ao de nenhuma seita; tem ela um caráter tão diverso que os seus estatutos proíbem tratar de questões religiosas; está classificada na categoria das sociedades científicas porque, na verdade, seu objetivo é estudar e_ aprofundar todos os fenômenos resultantes das relações entre o mundo visível e o invisível; tem seu presidente, seu secretário, seu tesoureiro como todas as sociedades; não convida o público às suas sessões, nas quais não há discursos nem qualquer coisa com o caráter de um culto qualquer. Processa seus trabalhos com calma e recolhimento já porque é uma condição necessária para as observações, já porque sabe que devem ser respeitados aqueles que não vivem mais na Terra. Ela os chama em nome de Deus, porque crê em Deus, em sua Onipotência e sabe que nada se faz neste mundo sem a sua

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

permissão. Abre as sessões com um apelo geral aos bons Espíritos, porque, sabendo que os existem bons e maus, cuida para que estes últimos não se venham intrometer fraudulentamente nas comunicações que são recebidas e induzir em erro.

Que prova isto?

Que não somos ateus. Mas de modo algum implica que sejamos adeptos de uma religião. Disto teria ficado convencida a pessoa que vos descreveu o que se passa entre nós, se tivesse acompanhado os nossos trabalhos, principalmente se os tivesse julgado com menos leviandade e, talvez, com espírito menos prevenido e menos apaixonado.

Os fatos protestam, assina contra a qualificação de *novaseita* que destes à Sociedade, certamente por não a conhecerdes melhor.

REVISTA ESPÍRITA – JULHO DE 1859.

Resposta à réplica do Abade Chesnel em “L’Univers”

Realmente, senhor abade, é abusar do direito de interpretar as palavras. Como já o disse, o Espiritismo está fora de todas as crenças dogmáticas, com o que não se preocupa; nós o consideramos uma ciência filosófica que nos explica uma porção de coisas que não compreendemos e, por isso mesmo, em vez de abafar as idéias religiosas como certas filosofias, fá-las brotar naqueles em que elas não existem. Se, entretanto, o quiserdes elevar a todo custo ao plano de uma religião, vós o atirais num caminho novo.

O QUE É O ESPIRITISMO.

In “Iniciação Espírita” – EDICEL – 9ª edição - Introdução - 1859

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações.

Podemos assim defini-lo:

O ESPIRITISMO É UMA CIÊNCIA QUE TRATA DA NATUREZA, DA ORIGEM E DO DESTINO DOS ESPÍRITOS, E DE SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO CORPORAL (pg.104).

Acredite se quiser, que Josué parou o sol: isso não impedirá a Terra de girar. Acredite que o homem está na Terra somente há 6 000 anos: isso não impedirá os fatos de mostrarem a sua impossibilidade. E que dirá o senhor se, um belo dia, esta inexorável geologia vier a demonstrar, por traços patentes, a anterioridade do homem, como demonstrou tantas outras coisas? Crea, portanto, em tudo que quiser, mesmo no diabo, se essa crença o torna bom, humano e caridoso para com seus semelhantes. O Espiritismo como doutrina moral, impõe apenas uma coisa: a necessidade de fazer o bem e não praticar nenhum mal. É uma ciência de observação que, repito, tem conseqüências morais, e essas conseqüências são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião. Quanto às questões secundárias, deixa-as ao julgamento da consciência de cada um. (pg.106).

Qual é o maior inimigo da religião? O materialismo, pois este em nada crê. Ora, o Espiritismo é a negação do materialismo, o qual não tem mais razão de ser. Não é mais pelo raciocínio ou pela fé cega que se diz ao materialista que nem tudo acaba com seu corpo, e sim pelos fatos; ele os mostra, fá-lo tocar com o dedo e ver com os olhos. Af está um pequeno serviço que o Espiritismo presta à humanidade, à religião. Mas não é tudo: a certeza da vida futura, o quadro vivo daqueles que nos precederam, mostram a necessidade do bem e as conseqüências inevitáveis do mal. Eis porque sem ser em si mesmo uma religião, o Espiritismo está ligado essencialmente às idéias religiosas. Ele as desenvolve naqueles que não as possuem, fortifica-as naqueles em que estão incertas. A religião nele encontra, portanto, um apoio, não para as pessoas de vistas estreitas que a vêem toda na doutrina do fogo eterno, na letra mais que no espírito, mas para aquelas que a vêem segundo a grandeza e a majestade de Deus (pg.116).

REVISTA ESPÍRITA – ABRIL DE 1860.

Considerações sobre o objetivo da “Sociedade”

Não impomos nossas idéias a ninguém. Os que as adotam é porque as consideram justas. Os que vêm a nós é porque pensam aqui encontrar oportunidade de aprender, mas isto não é como uma filiação, pois nem somos uma seita, nem um partido.

REVISTA ESPÍRITA – SETEMBRO DE 1860.

O maravilhoso e o sobrenatural – pg. 281

Os fenômenos espíritas bem como os magnéticos, devem ter passado por prodígios, antes que suas causas fossem conhecidas. Ora, como os céticos, os espíritos fortes, isto é, os que tem o privilegio exclusivo da razão e do bom senso, não crêem que uma coisa seja possível desde que não a compreendem. Por isso todos os fatos tidos como prodigiosos são objeto de suas zombarias; e como a religião contém grande numero de fatos desse gênero, não crêem na religião. Daí a incredulidade absoluta há apenas um passo. Explicando a maioria desses fatos, o Espiritismo lhes dá uma razão de ser. Ele, Pois, vem em auxílio à religião, demonstrando a possibilidade de certos fatos que, por não mais terem caráter miraculoso, não são menos extraordinários; e Deus nem é menos grande, nem menos poderoso por não haver derrogado as suas leis.

REVISTA ESPÍRITA – OUTUBRO DE 1861.

Discurso do Sr. Allan Kardec

Em seu nascimento, teve o cristianismo que lutar contra uma potência terrível: o Paganismo, então universalmente espalhado. Não havia entre eles qualquer aliança possível, como não ha entre a luz e as trevas. Numa palavra, não poderia propagar-se senão destruindo o que havia. Assim, a luta foi longa e terrível, de que as perseguições são a prova. O Espiritismo, ao contrario, nada tem a destruir. Porque assenta suas bases no próprio cristianismo; sobre o Evangelho do qual é simples aplicação. Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é pois, como pretendem alguns, sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma à custa das mais antigas: é uma doutrina puramente moral, que absolutamente, não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de crenças, desde que nenhuma impõe. E a prova disto é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos como entre os protestantes, os judeus



e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os muçulmanos têm alma como nós, resulta que estas podem comunicar-se, tanto com eles quanto conosco, e que, conseqüentemente, eles podem ser Espíritas como nós.

Não é uma seita política, como não é uma religiosa: é a constatação de um fato que não pertence mais a um partido do que a electricidade e as estradas de ferro; é, repito, uma doutrina moral e a moral esta em todas as religiões e em todos os partidos. (...)

Não sei de ninguém que jamais tenha atacado a moral do Espiritismo; apenas dizem que a religião pode produzir tudo isto. Concordo perfeitamente. Mas então, porque não produz sempre? É porque ninguém a compreende. Ora, o Espiritismo, tornando claro e inteligível para todos aquilo que não é evidente, aquilo que é duvidoso, ele conduz à aplicação, ao passo que jamais se sente necessidade daquilo que se não compreende. Portanto, longe de ser o antagonista da religião, é o seu auxiliar; e a prova é que conduz às ideias religiosas os que. As haviam repellido. Em resumo, o Espiritismo jamais aconselhou a mudança de religião, nem o sacrifício de suas crenças,

REVISTA ESPÍRITA – FEVEREIRO DE 1862.

Resposta à mensagem de ano novo

O Espiritismo é uma doutrina moral que fortifica os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões. É de todas e não é de nenhuma em particular. Por isso não diz a ninguém que a troque. Deixa a cada um a liberdade de adorar Deus à sua maneira e de observar as práticas ditadas pela consciência, pois Deus leva mais em conta a intenção que o fato. Ide, pois, cada um ao templo do vosso culto e, assim, provareis que vos caluniam quando vos tacham de impiedade.

REVISTA ESPÍRITA – ABRIL DE 1862.

Conseqüências da doutrina da reencarnação

Todas as questões morais, psicológicas e metafísicas se ligam de maneira mais ou menos direta à questão do futuro. Disso resulta que essa última questão, em certo modo, depende da racionalidade de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Por sua vez, o Espiritismo vem, não como uma religião, mas como doutrina filosófica, trazer a sua teoria, apoiada no fato das manifestações.

VIAGEM ESPÍRITA EM 1862.

Editora Clarim - Matão - 1ª Edição

Se o Espiritismo é uma verdade, se ele deve regenerar o mundo, é porque tem por base a caridade. Ele não vem derrubar qualquer culto nem estabelecer um novo. Ele proclama e prova verdades comuns a todos, base de todas as religiões, sem se preocupar com particularidades. Não vem destruir senão uma coisa: o materialismo, que é a negação de toda religião! Não vem por abaixo senão um templo; o do orgulho e do egoísmo!(pg.82).

Sobre o uso de práticas exteriores de cultos nos grupos.

Tudo nas reuniões espíritas deve se passar religiosamente, isto é, com gravidade, respeito e recolhimento. Mas é preciso não esquecer que o Espiritismo se dirige a todos os cultos. Por conseguinte ele não deve adotar as formalidades de nenhum em particular. Seus inimigos já foram muito longe, tentando apresentá-lo como uma seita a nova, buscando um pretexto para combatê-lo. É preciso, pois, não fortalecer esta opinião pelo emprego de rituais dos quais não deixariam de tirar partido para dizer que as assembleias espíritas são reuniões de protestantes, de sismáticos etc. Seria uma leviandade supor que essas fórmulas são de natureza a acomodar certos antagonistas. O Espiritismo, chamando a si os homens de todas as crenças para uni-los sob o manto da caridade e da fraternidade, habituando-os a se olharem como irmãos, qualquer que seja sua maneira de adorar a Deus, não deve melindrar as convicções de ninguém pelo emprego de sinais exteriores de qualquer culto. (...)

Esta é, também, uma das razões pela qual deve-se abster, nas reuniões, de discutir dogmas particulares, o que, necessariamente, melindraria certas consciências. As questões morais, entretanto, são de todas as religiões e de todos os países. O Espiritismo é um terreno neutro sobre o qual todas as opiniões religiosas se podem encontrar e dar-se as mãos.(...)

O emprego dos aparatos exteriores do culto teria idêntico resultado: uma cisão entre os adeptos. Uns terminariam por achar que não são devidamente empregados, outros, pelo contrário, que o são em excesso. Para evitar esse inconveniente, tão grave, aconselhamos a abstenção de qualquer prece litúrgica sem exceção mesmo da oração dominical (*) por mais. Bela que seja. Como para fazer parte de um grupo espírita não se exige que ninguém abjure sua religião, permita-se que cada um faça a seu bel prazer e mentalmente, a prece que julgar a propósito. O importante é que não haja nada de ostensivo e, sobretudo, nada de oficial.(pg.128).

O ESPIRITISMO EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO.

In “Iniciação Espírita” – Edicel – 9ª Edição – 1862 Histórico do Espiritismo – pg. 27

O Espiritismo, independente de qualquer forma de culto, não aconselhando nenhum e não se preocupando com dogmas particulares, não constitui uma religião especial, pois não possui nem sacerdotes nem templos. Aos que lhe perguntam se fazem bem em seguir tal ou tal prática, apenas responde: Se sua consciência aprova o que você faz, faça-o: Deus sempre considera a intenção.

Numa palavra, o Espiritismo nada impõe a ninguém. Não se destina aos que tem fé, e a quem esta fé é suficiente, mas à numerosa classe dos inseguros e dos incrédulos. Não os afasta da Igreja, porquanto já estão dela moralmente afastados, de modo total ou parcial. Mas os leva a fazer três quartos do caminho para nela entrarem: cabe à Igreja fazer o resto.

REVISTA ESPÍRITA – JULHO 1864.

“Religião e o progresso” (pg. 203)

A contradição existente entre certas crenças religiosas e as leis naturais fez a maioria dos incrédulos, cujo numero aumenta à medida que se populariza o conhecimento dessas leis. Se fosse impossível o acordo entre a ciência e a religião, não haveria religião possível. Proclamamos altamente a possibilidade e a necessidade desse acordo porque, em nossa

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

opinião, a ciência, e a religião são irmãs para maior glória de Deus e se devem completar reciprocamente, em vez de se desmentirem mutuamente. Estender-se-ão as mãos, quando a ciência não vir na religião nada de incompatível com os fatos demonstrados e a religião não mais tiver que temer a demonstração dos fatos. Pela revelação das leis que regem a relação entre o mundo visível e o invisível, o Espiritismo será o traço de união que lhes permitirá olhar-se face a face, uma sem rir, a outra sem tremer. É pela concordância da fé e da razão que diariamente tantos incrédulos são trazidos a Deus.

REVISTA ESPÍRITA – NOVEMBRO 1864.

O Espiritismo é uma ciência positiva – pg. 324

Repito, demonstrando o Espiritismo, não por hipótese, mas por fatos, a existência do inundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, alarga o domínio da ciência e, por isto mesmo, abre uma nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, desde que esta se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de ser morta por ele e, muito naturalmente, imbuído destas idéias, o homem a elas conformará as suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a essa reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a humanidade e mudar a face do mundo; e isto muito simplesmente pelo conhecimento de uma nova lei da natureza que dá um outro curso às idéias, uma significação a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, e faz encerrar as coisas de outro ponto de vista.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - Introdução - 1864.

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os *milagres*; as *predições*; as *palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas*; e o *ensino moral*. As quatro primeiras têm sido objetos de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Alias se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - 1864.

Capítulo I, item 5

O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo.

REVISTA ESPÍRITA – Março 1865.

O Sr A. Kardec aos espíritas devotados no caso Hillaire

Eis por que, quando o Espiritismo tornar-se a crença de todos, não haverá mais incrédulos, nem materialistas, nem ateus. Sua missão é combater a incredulidade, a dúvida, a indiferença; assim ele não se dirige aos que tem fé, mas aos que em nada crêm ou duvidam. Não diz a ninguém que deixe sua religião; respeita todas as crenças quando estas são sinceras. Aos seus olhos a liberdade de consciência é um direito sagrado; se não a respeitasse faltaria ao seu princípio que é a caridade. Neutro entre todos os cultos. Será o laço que os reunirá sob uma mesma bandeira, a da fraternidade universal. Um dia eles se darão as mãos em vez de se anatematizarem.

O CÉU E O INFERNO – 1865.

Edição Lake – Parte II, cap. I

O espírita sério não se limita a crer, porque compreende e compreende porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se lhe desenrola incessantemente aos olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo e de modo que a dúvida não pode empolgá-lo, ou ter-lhe guarida na alma. A vida corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual, da verdadeira vida. Que lhe importam os incidentes da jornada se ele compreende a causa e utilidade das vicissitudes humanas, quando suportadas com resignação? a alma eleva-se-lhe nas relações com o mundo visível; os laços fluidicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação conseqüente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, antes compreendendo a nova situação.

Com certeza não é só o Espiritismo que nos assegura tão auspicioso resultado, nem ele tem pretensão de ser o meio exclusivo, a garantia única de salvação para as almas. Força é confessar, porém, que pelos conhecimentos que fornece, pelos sentimentos que inspira, como pelas disposições em que coloca o Espírito, fazendo-lhe compreender a necessidade de melhorar-se, facilita enormemente a salvação.

OBRAS PÓSTUMAS – 2ª PARTE

Regeneração da humanidade

O Espiritismo é a vida que conduz à renovação, porquanto arruína os dois maiores obstáculos que se lhe opõem: incredulidade e fanatismo. Desperta fé sólida e esclarecida, desenvolve todos os sentimentos e idéias correspondentes aos ideais da nova geração. Por isso é inato e em estado de intuição no coração dos seus representantes. A nova era o verá, pois, crescer e prosperar pela força das coisas; tornar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições. (...)

REVISTA ESPÍRITA - SETEMBRO 1866.

Crônica de Bruxelas (pg. 266).

Se o Sr. Bertram tivesse lido as livros espíritas com tanta atenção quanto o diz, saberia se os Espíritas são tão simplórios para evocar o Judeu-Errante e Dom Quixote; saberia o que o Espírito aceita e o que rejeita; não afetaria apresentá-lo como



uma religião porque, ao mesmo título, todas as filosofias seriam religiões desde que é de sua essência discutir as bases mesmas de todas as religiões: Deus e a natureza da alma. Compreenderia, enfim, que jamais o Espiritismo se tornasse uma religião, não poderia tornar-se intolerante sem renegar seu princípio que é a fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença; sem abjurar sua divisa: *fora da caridade não há salvação*, símbolo o mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. Ele jamais disse: *fora do Espiritismo não há salvação*. Se uma religião se encaixasse sobre o Espiritismo com exclusão de seus princípios, não seria mais Espiritismo.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca em todas as questões humanitárias. Pelas modificações profundas que trás às idéias, faz encarar as coisas de outro ponto de vista. Daí, para o futuro, inevitáveis modificações nas relações sociais. É uma mina fecunda onde as religiões como as ciências e como as instituições civis colherão elementos de progresso. Mas, porque toca em certas crenças religiosas, não constitui um culto novo, assim como não é um sistema particular de política, de legislação ou de economia social. Seus templos, suas cerimônias e seus sacerdotes estão na imaginação de seus detratores e dos que temem vê-lo tornar-se religião.

REVISTA ESPÍRITA - OUTUBRO 1866.

Os tempos são chegados

A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social. Mas não haverá fraternidade real, sólida e efetiva se não for apoiada em base inabalável; esta base é a fé; não a fé em tais ou quais dogmas particulares que mudam com os tempos e os povos e se atiram pedras porque anatematizando-se, entretém o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que todo o mundo pode aceitar: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres. Quando todos os homens estiverem convencidos que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto, que o mal vem dos homens e não dele, olhar-se-ão como filhos de um mesmo pai e dar-se-ão as mãos. Esta é a fé que dá o Espiritismo e que será de agora em diante o centro em torno do qual mover-se-á o gênero humano, sejam quais forem as maneiras de o adorar e suas crenças particulares que o Espiritismo respeita mas das quais não tem que se ocupar. (pg. 296)

Nesse grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo, inventado por uma crítica trocista, mas o Espiritismo filosófico, tal qual o compreende quem quer que se dê a pena de procurar a amêndoa dentro da casca. Pela prova que ele trás das verdades fundamentais, ele enche o vazio que a incredulidade faz nas idéias e nas crenças; pela certeza que dá de um futuro conforme a justiça de Deus e que a mais severa razão pode admitir, ele tempera os amargores da vida e evita os funestos efeitos do desespero.

Dando a conhecer novas leis da natureza, ele dá a chave de fenômenos incompreendidos e problemas até agora insolúveis e mata, ao mesmo tempo, a incredulidade e a superstição. Para ele não há sobrenatural nem maravilhosos; tudo se realiza no mundo em virtude de leis imutáveis. Longe de substituir um exclusivismo por outro, coloca-se como campeão absoluto da liberdade de consciência: combate o fanatismo sob todas as formas e o corta pela raiz. (...) pg. 298

REVISTA ESPÍRITA – SETEMBRO 1867.

Caracteres da revelação espírita – pg. 278 – rodapé

O Espiritismo não é contrário à crença dogmática relativa a natureza do Cristo e, neste caso, pode dizer-se o complemento do Evangelho, se o contradiz? A solução desta questão toca apenas de maneira acessória o Espiritismo que não tem que se preocupar com dogmas particulares de tal ou qual religião. Simples doutrina filosófica, não se arvora em campeão nem e adversário sistemático de nenhum culto e deixa a cada um a sua crença.

A questão da natureza do Cristo é capital do ponto de vista cristão. Não pode ser tratada levemente e, não são as opiniões pessoais, nem dos espíritos que a podem decidir. Em assunto semelhante não basta afirmar ou negar; é preciso provar.

REVISTA ESPÍRITA – DEZEMBRO 1868.

Discurso de Abertura pelo Sr. A. Kardec – O Espiritismo é uma religião?

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunidade de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza.

Porque, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seus cortejos de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria de idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: **doutrina filosófica e moral**.

As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que se ocupa. Pode-se mesmo, na ocasião, afazer preces que, em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que por isto as tomem por assembleias religiosas. Não se pense que isto seja um jogo de palavras; a nuança é perfeitamente clara, e a aparente confusão é devida a falta de um vocábulo para cada idéia.

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

OBRAS PÓSTUMAS.

Breve resposta aos detratores do Espiritismo – pg. 198 – Edição Lake

O Espiritismo é uma doutrina filosófica, que tem consequências religiosas, como toda filosofia espiritualista; pelo que toca forçosamente nas bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a vida futura. Não é ele, porém, uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templo, e, entre os seus adeptos, nenhum tomou nem recebeu o título de sacerdote ou papa. Estas qualificações são puras invenções da crítica.

OBRAS PÓSTUMAS.

Constituição do Espiritismo – Pg. 262 – Edição Lake

Para garantir a unidade no futuro, é indispensável que todas as partes do corpo da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem que nenhuma fique mal definida. Neste sentido temos feito todo o esforço para que os nossos escritos não se prestem a interpretações contraditórias e esforçar-nos-emos por manter essa regra. (...)

O Espiritismo contém princípios que, sendo firmados sobre leis naturais e não sobre abstrações metafísicas, tendem a ser, e um dia o serão, abraçados pela universalidade dos homens. Abraça-os-ão todos, como verdades palpáveis e demonstradas, como abraçaram a teoria do movimento da terra. Pretender, porém que o Espiritismo venha a ser organizado, por toda a parte, da mesma maneira; que os espíritos do mundo inteiro sejam sujeitos a um regime uniforme, a uma única norma de procedimento; que devem esperar a luz de um único ponto, para onde tenham voltado os olhos, seria utopia tão absurda, como pretender que todos os povos da terra não formem um dia senão uma única nação, governada por um único chefe, regida por um mesmo código de lei e tendo usos e costumes idênticos. Se há leis gerais, que podem ser comuns a todos os povos, estas leis serão sempre, quanto à forma e a regulamentação, apropriadas aos costumes, aos caracteres, aos climas de cada um.

Organizado o Espiritismo, os espíritos de toda parte terão princípios comuns, que ligarão a grande família pelos laços sagrados da fraternidade; mas a respectiva aplicação poderá variar, segundo os países, sem que, por isso, seja rota a unidade fundamental, sem que se formem seitas dissidentes, que se lancem o anátema, o que seria antiespírita.

Poderão pois formar-se e inevitavelmente se formarão centros gerais nos diferentes países, sem outro laço além da comunhão de crenças e a solidariedade moral, sem subordinação de uns a outros, sem que o da França, por exemplo tenha a pretensão de se impor aos espíritos americanos e vice-versa. (Pg. 273 – Edição Lake).



Salomão J. Benchaya

Anexo 2

PROJETO: KARDEQUIZAR²⁵

(Discurso proferido por Salomão J. Benchaya, em 02.01.86, por ocasião da posse em seu segundo mandato como presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul).

Prezados irmãos.

Uma nova etapa de trabalho se desdobra à nossa frente, convocando as lideranças do movimento espírita gaúcho a se manterem empenhadas na sua dinamização e expansão, com vistas à penetração e vivência das idéias espíritas em todos os segmentos da sociedade, atentas, entretanto, à proposta consubstanciada na Codificação Kardequiana.

Esta última observação faz sentido no momento em que uma parcela da comunidade espírita do país se apercebe e se reverbera que o movimento espírita brasileiro, embora dinâmico e realizador e gozando de indiscutível prestígio junto à sociedade, ideologicamente vem se distanciando, em alguns setores, das diretrizes traçadas pelo Codificador.

Não somos dos primeiros a chamar a atenção para essa realidade e não é nosso propósito causar melindres pessoais, já que nos cingimos à análise dos fatos, sem referências particulares a pessoas ou instituições, mas desejando, isto sim, convocar os trabalhadores espíritas a uma reflexão séria acerca dos rumos do nosso movimento.

É certo que o povo brasileiro, por sua própria formação étnica e cultural, apresenta acentuada índole mística com traços marcantes de emocionalidade em seu comportamento, contrastando, por isso, com a postura mais racional e fria do europeu, por exemplo.

Esse traço característico de nossa gente naturalmente que não poderia deixar de se refletir nas atitudes dos espíritas, não obstante o convite da Doutrina à "fé racionada".

É preciso que se distinga, no entanto, o comportamento místico-afetivo das massas, que não é necessariamente negativo, do exagerado afeiçoamento da ação dos espíritas a padrões confessionais e ritualísticos, velados ou explícitos, que caracterizam um processo de sectarização indesejável e insustentável à luz do Espiritismo.

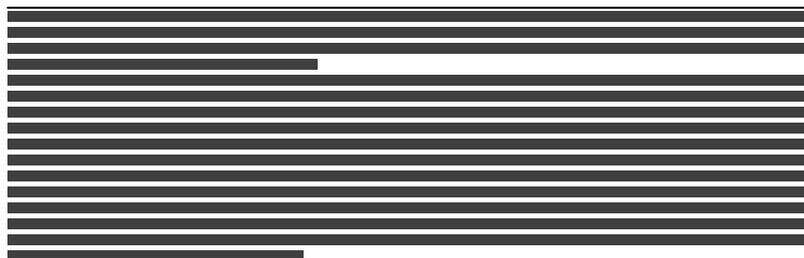
Lamentavelmente, constata-se nos arraiais espíritas procedimentos os mais esdrúxulos na prática doutrinária, como reflexos do desconhecimento e da má interpretação dos postulados espíritas, agravados pelos condicionamentos atávicos igrejeiros dos quais não conseguimos, ainda, nos desvencilhar.

Não são raras ocorrências como as que citaremos a seguir, tendentes a transformar o Espiritismo em mais uma seita, pela subversão dos seus ideais, ressalvadas honrosas e justas exceções.

LITURGIA DA PRECE

Vemos, por exemplo, preces como verdadeiros atos litúrgicos, formalizadas, longas, por vezes decoradas, ditas em tom compungido e piedoso. Casas espíritas realizando sessões de preces sem objetivo doutrinário, preces encomendadas por terceiros, algumas até adotando posições especiais para orar. Adeptos há que utilizam impressos contendo preces e até fotografias de vultos espíritas à guisa de amuletos protetores.

Na área das chamadas irradiações, a falta de orientação doutrinária conduz os freqüentadores a transferir para os dirigentes a tarefa de interceder junto à Divindade para amenizar os padecimentos de encarnados e desencarnados, para isso bastando colocar os nomes dos beneficiários em recipientes ou longas listagens, muitas vezes sem qualquer participação dos interessados na prece coletiva.



Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

BATISMOS, CASAMENTOS, ETC.

Muito embora o Espiritismo não possua ritos sacramentais, estes vão sendo sutilmente introduzidos – às vezes, até ostensivamente – com a realização, no recinto das sociedades, de preces especiais por ocasião de nascimentos, casamentos, colação de grau, indo até a realização de velórios, como se a Doutrina Espírita comportasse tais cerimônias religiosas. Não que ela recuse a prece em qualquer circunstância, mas sim a sua formalização hierática. Há algum tempo, vimos publicado em jornal de grande circulação da Capital convite para “prece de sétimo dia” pela alma de um confrade. Isso para não falarmos de que a Federação já recebeu proposta de um dirigente no sentido de analisar a conveniência de as Casas Federadas adotarem o batismo, o casamento, etc., uma vez que era falta de caridade não darmos esse tipo de atendimento aos adeptos espíritas.

CULTO EXTERNO

O aprisionamento ao culto externo, infelizmente, ainda tem expressão em nosso meio. Seja no uso preferencial de toalhas brancas sobre as mesas, na utilização de uniformes, distintivos, ou no passe em roupas e fotografias. Outros apetrechos ritualísticos muito comuns ainda são os retratos e imagens de vultos espíritas expostos no salão de palestras públicas das sociedades, não raras vezes ornados de flores e luzes coloridas, num convite à veneração idolátrica. E o que diremos quando tais quadros e imagens são dos santos e líderes católicos, sem dispensar sequer os detalhes simbólicos usados pela Igreja, tais como o halo sobre a cabeça, chagas, coração sagrado, terços e anjos com asas?

Já vimos reuniões espíritas públicas serem iniciadas com todos em pé, cantando hinos em nada diferentes dos de nossos irmãos protestantes, e, até, invocando as bênçãos do Espírito Santo para o êxito dos trabalhos.

Alguns procedimentos são impostos aos freqüentadores pela própria direção dos Centros, tais como a recepção de passes mesmo sem necessidade de tal socorro, separação entre homens e mulheres no recinto das reuniões, ingestão de água magnetizada após o passe ou ao término das reuniões, prática esta semelhante à da ministração da hóstia nas igrejas.

PASSEMANIA

Na verdade, para muitos freqüentadores de sessões espíritas, tomar passes constitui um hábito não muito saudável à luz da proposta espírita, sendo muito conhecida, nesse terreno, a figura do “papa-passes”. À falta de maiores esclarecimentos sobre a oportunidade em que se deve recorrer a essa abençoada terapêutica, muitos dela se utilizam desnecessariamente ou, o que é pior, como se, através do passe, o indivíduo estivesse obtendo a “absolvição” de suas fraquezas ou purificando-se espiritualmente. Seria enfadonho insistirmos aqui na feição nitidamente ritualística que a gesticulação exagerada, as preces murmuradas e outros comportamentos exóticos imprimem ao passe.

É oportuno salientar que é no terreno da terapêutica do passe que se gerou a mais acentuada distorção acerca do que o Espiritismo pode oferecer ao Homem. O passe assumiu tamanha importância para a manutenção dos níveis de freqüência nas Casas Espíritas que são raras as reuniões públicas em que o passe não é ministrado. A grossa maioria dos freqüentadores de nossas Casas Espíritas ali vai “tomar passe” ou “tirar consulta”, pois são esses os produtos que o nosso espiritismo (com “e” minúsculo) oferece.

Ainda nessa área se incluem as chamadas “sessões de cura”, denominação imprópria diante da promessa nela implícita, de realização de curas, passível até de enquadramento no Código Penal.

Substitui-se o essencial pelo acessório, ilude-se os freqüentadores oferecendo-lhes os subprodutos da ação espírita como se a Doutrina não tivesse algo melhor para dar. Notem que não recusamos o socorro que os recursos espíritas podem oferecer aos que o buscam. O que verberamos é a omissão relativa à “caridade da divulgação da própria Doutrina”, recomendada por Emmanuel.

IDOLATRIA

O movimento espírita não escapa, sequer, da tendência idolátrica dos seus seguidores que, se já não constroem bezerro de ouro, instituíram, entretanto, o “bezerrismo”, como alguém já denominou, o culto à figura apostolar de Bezerra de Menezes, invocado, aqui e ali, como um autêntico santo milagreiro espírita. Isso para não falarmos dos “santos” locais ou regionais, de menor expressão.

Como se não bastasse a consagração de entidades espirituais, entre as quais também se incluem Maria, Ismael, por exemplo, vamos encontrar médiuns e líderes espíritas sofrendo, mesmo a contragosto, o mesmo processo de idolatria e até de santificação no qual se identifica acentuada dose de fanatismo, inclusive com o beneplácito de dirigentes espíritas.

Nesse contexto e à falta de uma definição ideológica ao movimento espírita, vemos dirigentes pretendendo representar o Espiritismo em cerimônias políticas, ecumênicas, alinhando-se entre as autoridades civis e eclesásticas, ou, pior ainda, patrocinando cerimônias ecumênico-religiosas, políticas ou cívico-doutrinárias, numa demonstração de desconhecimento do caráter universalista do Espiritismo.

LITERATURA PSEUDO-ESPÍRITA

Integrando o quadro de distorções doutrinárias, pode-se ainda relacionar o mercantilismo com a literatura espírita, mediúnica ou não, a circulação no meio espírita de obras de conteúdo medíocre ou conflitantes com a filosofia espírita, como as de cunho profético-apocalíptico, as messiânico-salvacionistas, etc., cuja produção é estimulada pela desinformação do mercado consumidor e pela convivência da rede distribuidora do livro.

EVANGELISMO, ASSISTENCIALISMO E DOGMATISMO

Outros indícios de igrejificação encontram-se no surgimento e expansão de verdadeiras confrarias com seus ritos



de iniciação doutrinária e controle estatístico da reforma moral dos aprendizes, das cidades “espíritas” com seu fanatismo mediúico, das confraternizações de devotos e místicos e dos pregadores evangélicos aprisionados às passagens bíblicas distanciadas da interpretação espírita.

Em área mais delicada, desenvolve-se a concepção de um Espiritismo voltado somente para os pobres e necessitados, incompreensivelmente alérgico às esferas do intelecto, na falsa interpretação de que “os são não precisam de médico”, daí decorrendo todo um trabalho assistencialista, do tipo paternal e acomodador, em contraste com a proposta libertadora da Doutrina.

A postura dogmática que o Espiritismo rejeita infiltra-se, também, entre os dirigentes espíritas, ora refletindo-se na crença cega no que dizem os espíritos e médiuns, numa recusa à análise e à crítica, ora cerceando o livre-exame, pela proibição de leituras ou de discussão de temas ditos “polêmicos”.

KARDEQUIZAÇÃO

Essas são algumas das manifestações que consideraríamos como indícios de um processo sectarizador de difícil refluxo se o movimento espírita não adotar posição firme no sentido de sua “kardequização”, ou seja, de aproximar-se, em nível desejável, do modelo proposto pelo Codificador.

É lógico que alguns dos problemas enumerados tem localização restrita e são perfeitamente detectados pela comunidade espírita mais esclarecida. O risco maior está em não se atribuir importância a determinados procedimentos e atitudes que “não fazem mal nenhum”, mas que, imperceptivelmente, deturpam a verdadeira identidade da Doutrina.

Um esforço revitalizador faz-se, portanto, mister mormente quando são os próprios orientadores espirituais do movimento espírita brasileiro que a tanto nos convocam.

Suas advertências são de tal modo enérgicas que nos permitimos reproduzir trechos significativos de suas mensagens, corroborando o que aqui desejamos propor.

ADVERTÊNCIAS DOS ESPÍRITOS

Angel Aguard, um dos fundadores da FERGS, em mensagem que motivou o lançamento da Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita no Rio Grande do Sul, em 1978, salientava que “Não é possível erigir um monumento doutrinário, como é o da Revelação Espírita, deixando-nos levar, a cada dia, por idéias que sopram de todos os lados, sem direção, qual vendaval que tudo derruba na sua passagem. Estamos sendo alertados de Plano mais alto sobre esse aspecto do nosso movimento, pois – dizem nossos superiores –, se não nos fizermos vigilantes nesse sentido, em pouco tempo o movimento espírita, embora conservando o nome, nada terá de Espiritismo”.

Vianna de Carvalho, pela psicografia de Divaldo Franco, na mensagem “Espiritismo Estudado”, afirma que “surgem os primeiros sintomas de cultos espíritas e constata que o movimento espírita cresce e se propaga, mas a Doutrina Espírita permanece ignorada, quando não adulterada em muitos dos seus postulados...”.

Daí a recomendação de Bezerra de Menezes: “Kardecizar é a legenda de agora”.

Legenda que pretendemos adotar como diretriz básica para as atividades federativas do biênio que ora se inicia e que propomos seja adotada por toda a rede federativa.

Para tanto, faz-se necessário se conheça mais profundamente o pensamento de Allan Kardec a fim de aquilatarmos o grau de fidelidade que lhe vota o movimento espírita.

Não é por outro motivo que Emmanuel, na mensagem intitulada “Kardec”, ditada a Chico Xavier, após as afirmativas, dentre outras, de que precisamos “estudar Kardec, meditar Kardec, divulgar Kardec”, finaliza dizendo: “Que é preciso cristianizar a Humanidade é afirmação que não padece dúvida; entretanto, cristianizar, na Doutrina Espírita, é raciocinar com a verdade e construir com o bem de todos, para que, em nome de Jesus, não venhamos a fazer sobre a Terra mais um sistema de fanatismo e de negação”.

Por sua vez, André Luiz, ainda pela pena de Francisco Cândido Xavier, há vinte anos salientava o seguinte: “Estamos defrontados no Espiritismo por uma tarefa urgente: desentranhar o pensamento vivo de Allan Kardec dos princípios que lhe constituem a codificação doutrinária, tanto quanto ele, Kardec, buscou desentranhar o pensamento vivo do Cristo dos ensinamentos contidos no Evangelho.”

O PROJETO DA FERGS

Diante dos problemas apontados, talvez até de forma contundente, e dos desafios propostos pelos espíritos, sentimos encorajados a desenvolver os esforços que estiverem ao nosso alcance no sentido de estimular o movimento espírita à observância das diretrizes preconizadas pelo Codificador quanto à sua própria estrutura e características. Eis o motivo desta análise de comportamento e de tendências do movimento espírita.

Mais uma vez, evidencia-se a necessidade de as Casas Espíritas realizarem estudo mais aprofundado e completo da obra kardequiana, única forma de evitarmos que o Espiritismo seja transformado em mais uma seita religiosa.

Aqui esboçamos um projeto no qual apreciaríamos contar com a participação de todas as forças vivas do movimento espírita gaúcho. E se quisermos dar-lhe um nome, nenhum melhor do que a expressão usada por Bezerra – “kardecizar”. Esse será o nosso projeto.”

Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

PRODUÇÃO CULTURAL DE INTEGRANTES DO CCEPA²

DATA	EVENTO	LOCAL	TÍTULO	AUTORES
11 a 13.08.89	USBE (C)	Saracá-SP	Qual é influência de Espiritismo nos Centros do S. S. no?	Milton Medlem Moreira
3 a 6.0.93	III SBFE	Santos-SP	Projeto EGI – Espiritismo em Grupos Informais	Salvador J. Benchaya
			Cooperação Espírita de Direito Natural	Milton Medlem Moreira
12 a 15.10.95	IV SBFE	Porto Alegre-RS	Moral, Crise e Moral Espírita – essências e desencontros	Milton V. Moreira e Assisim Marchião
			Tatude Problemático	Ednair Tago da Silva, César Loureiro, Lucila, Kátia, R. Doss, Lutz, Alacide

PRODUÇÃO CULTURAL DE INTEGRANTES DO CCEPA²⁶

DATA	EVENTO	LOCAL	TÍTULO	ACTORES
11 a 13.08.89	I SBPE (*)	Sarraz-SP	Qual é influência do Espiritismo nos Centros do Espírito?	Milton Molinar Moreira
3 a 6.0.93	III SBPE	Sarraz-SP	Projeto EGI - Espiritismo em Grupos Informais	Salomão J. Benchaya
12 a 15.10.95	IV SBPE	Povo Alegre-RS	Concepção Espírita de Direito Moral	Milton Molinar Moreira
21 a 25.11.97	V SBPE	Colinas-SP	Moral Cristã e Moral Espírita - correlatos e desconfortos	Milton V. Moreira e Jessé Ten Machado
21 a 23.8.98	I SBPE (**)	Povo Alegre-RS	Talento Problemático	Dinard Trago da Silva, Cesar Luis Baroni, Lúcia Regina R. Dias, Luiz Adriano Pimentel, Roberto C. Sanches e Salomão J. Benchaya
7 a 11.10.98	XII Conferência Regional da CBPA	Povo Alegre-RS	Uma proposta pedagógica para a educação espírita da infância e da juventude	Maria de Fátima Canelas Bandeira
7 e 8.09.2001	II SCPE	Povo Alegre-RS	O resumo pedagógico e o Espiritismo	Maria de Fátima C. Benchaya
11 a 15.06.00	XVII Congresso da CBPA	Madagascar - Venezuela	Queda do modelo socialista-materialista	Milton Molinar Moreira
11 a 14.06.01	VII SBPE	Povo Alegre-RS	Escolha do Espiritismo	Milton Molinar Moreira
14 a 17.11.02	XIV Conferência Regional da CBPA	São Paulo-SP	O método de Kandahar	Salomão J. Benchaya
16 a 19.10.03	VIII SBPE	Colinas-SP	Uma concepção atualizada da ação do Deus	Mossir Araújo Lima
8 a 12.09.2004	XIX Congresso da CCEA	Ribeira-Argentina	Uma visão atualizada da unicidade	Rui Paulo N. de Oliveira
13 a 16.10.05	IX SBPE	Sarraz-SP	Grupos autônomos de Espiritismo	Carlos Alberto F. Grassini
			Uma análise do movimento espírita	Salomão J. Benchaya
			Grupos autônomos de Espiritismo	Milton Rubem M. Moreira
			A ação de Deus na concepção espírita	Rui Paulo N. de Oliveira
			A mediunidade de hoje	Carlos Alberto F. Grassini
			Micrologia Espírita	José Maria Marcolino e Denilson F. Machado
			Espiritismo, Ecologia e Educação	Salomão J. Benchaya
			Proposta de um método para atualização do Espiritismo	Carlos Alberto F. Grassini e Maria de Lezões Darciz
			Atualização espírita: o olhar do jovem sobre este espaço	Maria de Fátima e Mariana C. Benchaya
			Mediunidade e evolução	Carlos Alberto F. Grassini
			Uma análise da História recente do Centro Cultural Espírita de Povo Alegre	Salomão J. Benchaya

(*) Simpósio Brasileiro de Pensamento Espírita
 (**) Simpósio Global de Pensamento Espírita

²⁶ Aqui estão relacionados apenas os trabalhos escritos, publicados nos anais dos respectivos eventos.

Anexo III

Salomão J. Benchaya





Da Religião Espírita ao Laicismo
A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre



Homenagem

Através dos companheiros abaixo nominados, alguns desencarnados, o CCEPA agradece a todos os colaboradores que lhe emprestaram seus esforços na consecução de suas diversas atividades, nas últimas décadas.

Adão Heron Rodrigues
Ademaro Marchiori
Alaide Sá Oliveira Bicca (des.)
Albino Stello
Alecides Sibestrin (des.)
Alexandra Rodrigues da Silva
Alexandre Cardia Machado
Alice Anarati Lima
Alice de Carvalho Calixto
Alzira Dornelles Bán
Alzira Rossa (des.)
Amilton Pereira da Silva
Ana Heloídes de O. Cony
André Luiz Cruz
Antonio Carvalho Sarmento
Antonio de Pádua J. Rostrirola
Antonio Estácio da Silva (des.)
Auda da Silva Seneades
Aureci Figueiredo Marrins
Beatriz Urdangarin
Bella Weiss Vilhordo
Bento José de Lima Neto (des.)

Bila Valente Hudson
Brumhilde Ana Maria Klein
Carlos Albert Hubner
Carlos Alberto Faraco Grossini,
Carmem Lúcia Moussalhe
Carmem Lúcia Silveira
Cecília Augusta de Souza Maciel
Celina Jones
Celso Mascarello Moro (des.)
Celso Rídan Barcelos
Cláudia Régis Machado
Claudius D'Aragnan O. Cony
Cleia Maria Bellissimo Magueta
Cristina de Assis
Dagmar Lehsten Vassão
Dalcídio Moraes Cláudio
Dalro João de Freitas
Dalva Winkler da Silva
Daniel Victor Rodrigues
Denise Beier Hasse
Denise Severo Bensch
Denise Simões Matsumoto
Donarson Floriano Machado
Edi Luiza Dreescher
Elaine do Canto Cardoso
Elaine Maria Barth da Silva
Elaine Pereira Soares
Elba Jones
Eléa Blumm
Elia Corrêa Chem
Eliane M. S. Assumpção
Elione França da Silva
Elisabeth Domingos Vaz
Eloá Popoviche Bittencourt
Ener Silva
Erna Ilse Moro
Ernesto Weber Rossa

Eudília de Oliveira Fim
Eunice Amaral Lima
Eunice Jones
Eva Samá Rodrigues
Fany Lindner
Fernando Bocolini Filho
Florêncio G. Porto Leal
Florinda Olívia Dias da Rosa
Gelson Luis Roberto
Gilson Luis Roberto
Gislem Soares
Glacy Pinto Chaves
Heron Cabral Lopes
Humberto de Oliveira Fernandes
Iara Brandão
Iara Fernandes
Iara Fontoura
Iara Teixeira Fernandes
Ieda Alderete Vilhordo (des.)
Ieda Maria Morsch Beter
Iolanda Machado
Iolanda Rabello Marques
Irineu Carlos de Campos
Isaura Corrêa Franciosi
Isaura Cruz Fernandes
Ismar Alderete Vilhordo
Ismar Duarte Vilhordo (des.)
Jaime de Paula Senna
Janaf Baroni Castoldi
Jane da Silva Oscar
Jaqueline Josi Samá Rodrigues
Jircair Aram Meguerian
João Catalani (des.)
João Vanderlan R. Vieira
Jonas Ubiratan Fiad Mendonça
Jorge Luiz dos Santos
José Antonio S. Tarriga

Anexo 4

Salomão J. Benchaya



Da Religião Espírita ao Laicismo

A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

José Carlos Gündel da Silva (des.)
José Carlos Ribeiro Hudson (des.)
José Cesanan de Oliveira Leite
José Emílio Machado
José Henrique Freitas Valle e Silva
José Joaquim Fonseca Marchisio
Julio César Chagas D. Moreira
Julio E. Sánchez
Jussara Lutz
Laudelina Martins Souto (des.)
Laura Eugênia Ferrari Tubino
Leida Beier
Lemise Santos Silva
Lenny Lautert Portella
Leonardo Indrustiak
Leopoldina Frade
Liana Roses Rizzon
Lisete Pereira da Silva
Livia D'Avalos Fernandes
Livia Fontes da Silva Mendes
Loanda Maria da Silva F. Machado
Loni Herber
Lony Adams da Silva
Lúcia de Oliveira Plastina
Lúcia Esposito Vieira
Lúcia Regina Ruduit Dias
Lúcia Vargas Guimarães
Lúcia Vieira Barhda
Lutz Alberto C. da Silva
Lutz Almir Pinheiro Almeida
Lutz Antonio Gündel da Silva
Lutz Antonio Trindade Pimentel
Lutz Felipe Rocha Salomão
Lutz Roberto Hebmüller
Magno Machado Vieira
Márcia Arruda Faustini
Margarida da Silva Nunes

Maria das Graças Arêde
Benchaya
Maria de Fátima Frota Lopes
Maria de Lourdes Avila Keller
Maria de Lourdes Darcie
Maria Emilia Rossa
Maria Helena Hernandez da Rocha
Maria José Torres de Moraes
Maria Lúiza Cardoso Becker
Maria Lúiza Jaspe dos Santos
Maria Rosseli J. Leitão
Mariana Canellas Benchaya
Mário Celso Pereira
Mário Oviado
Maristela Queiroz
Marlene Bueno Marimon
Marlene Pirillo Silva
Marli Conceição Verdun
Marli Gomes Brites
Marta Samá
Maurice Herbert Jones
Mauro Ramiro Rodrigues
Milton Feijó
Milton Lino Bittencourt
Milton Rubens Medran Moreira
Moacir Costa de Araújo Lima
Najara Nunes Lima
Nelba Winkler da Silva
Nilson da Silva Oscar
Nilson Lemgruber Corrêa
Nilton Salgado Pereira
Nina Rosa Fim
Noracy Pompeu Uberti
Olina Becker Martins
Onilda Gündel da Silva
Orcil Lúcio B. Teixeira

Otaviano Peixoto de Freitas
Palmira Moreira (des.)
Paulo Armando de Oliveira
Rocha
Paulo Gilberto Rodrigues Silva
Paulo Roberto M. Teixeira
Rada Jaspe dos Santos
Raquel Rosi Samá Rodrigues
Rejane Cardoso da Silva
Rejane Nara Flores
Renato Petry
Ricardo Herbert Jones
Rita Maria e Souza Vico
Roberto Carlos de Souza
Roberto Condeiro Sanches
Rogério Borba
Rogério Herbert Jones
Rogério Hipólito Feijó Pereira
Rogério Luis Stello
Rosa Rocha
Rosane Alves Pereira
Rose Marie Cardoso
Rosimery Barão Kruno
Rui Paulo Nazário de Oliveira
Salomão Jacob Benchaya
Sandra Jarolewski
Sandra Maria Bazan de Freitas
Sandra Noronha
Sarinha Winkler
Saul Peres Rodrigues
Severino Ribeiro Palma
Silvia Pinto Moreira
Susy Meira
Suzana Franz (des.)
Suzana Rodrigues
Taidé Schumacher
Tânia Cury Ferraro

Tereza Samá de Mayo
Thomas Edison Félix
Tito de Paula Couto
Ulisses Chaves
Valdir Ahlert
Valmor Gonçalves da Rosa Filho
Vera Lourdes de Souza Vicenzi
Victor José Lindner
Virgínia Quites
Vitor Hugo Avila da Silva
Vitória Figurelli de Oliveira
(des.)
Waldemar Rodrigues da Silva
(des.)
Walkir Affonso Landerdahl
Walmir Gamba Schmoff
Walter Sacilotto
Zelhy Raasch Seleme
Zenaide Peres Porto
Zilá Maria Schneider Canarim



Da Religião Espírita ao Laicismo
A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

